

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: TEXTO, DISCURSO E GÊNEROS COMO PRÁTICAS SOCIAIS

CAROLINA AUREA CUNHA RIO LIMA

**ESTRATÉGIAS RETÓRICAS DO GÊNERO PROJETO DE PESQUISA NAS ÁREAS
DE LINGUÍSTICA E QUÍMICA: RELATANDO PESQUISAS PRÉVIAS,
INDICANDO LACUNA DE PESQUISA E PROBLEMAS DO MUNDO REAL**

TERESINA-PI

MARÇO/2019

CAROLINA AUREA CUNHA RIO LIMA

**ESTRATÉGIAS RETÓRICAS DO GÊNERO PROJETO DE PESQUISA NAS ÁREAS
DE LINGUÍSTICA E QUÍMICA: RELATANDO PESQUISAS PRÉVIAS,
INDICANDO LACUNA DE PESQUISA E PROBLEMAS DO MUNDO REAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Piauí, área de Estudos de Linguagem, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística
Linha de pesquisa: Texto, discurso e gêneros como práticas sociais

Orientador: Prof. Dr. Francisco Alves Filho

TERESINA-PI
MARÇO/2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

R585e

Rio Lima, Carolina Aurea Cunha.

Estratégias retóricas do gênero projeto de pesquisa nas áreas de linguística e química : relatando pesquisas prévias, indicando lacuna de pesquisa e problemas do mundo real / Carolina Aurea Cunha Rio Lima. – 2019.

160 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

“Orientador: Prof. Dr. Francisco Alves Filho”.

1. Projeto de pesquisa. 2. Passos retóricos. 3. Pesquisa prévia. 4. Lacuna de pesquisa. 5. Problemas do mundo real.

I. Título.

CDD 001.4

CAROLINA AUREA CUNHA RIO LIMA

**ESTRATÉGIAS RETÓRICAS DO GÊNERO PROJETO DE PESQUISA NAS ÁREAS
DE LINGUÍSTICA E QUÍMICA: RELATANDO PESQUISAS PRÉVIAS,
INDICANDO LACUNA DE PESQUISA E PROBLEMAS DO MUNDO REAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Piauí, área de Estudos de Linguagem, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 18 de março de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Alves Filho (Presidente)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Prof. Dr. Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos (Examinador)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Profa. Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo (Examinadora)
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

A minha mãe, Aurea, e a minha tia, Josélia (Mãe Jó), pelo amor incondicional e pelo apoio imprescindível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas bênçãos que derrama todos os dias na minha vida e na da minha família e por ser “abrigo em meio ao temporal”.

Agradeço a minha mãe, Maria Aurea, por sempre me incentivar e apoiar, pelo cuidado, carinho, compreensão e por sempre tentar “evitar que eu faça trabalho demais enquanto eu deveria estar estudando”. A minhas tias Josélia (Mãe Jó) e Mercedes, que também são como mães, por se preocuparem, cuidarem e torcerem pelo sucesso das minhas escolhas e caminhos. Aos meus irmãos Flávio e Barbra que sempre estiveram ao meu lado.

A meu orientador, professor Chico Filho, que me acolheu desde a graduação e que, durante toda essa jornada de pós-graduação, sempre se mostrou atencioso e interessado pelo trabalho que estávamos desenvolvendo, incentivando-me a mudar minha cabeça de estudante de graduação para a cabeça de uma pesquisadora e que permitiu meu crescimento como pessoa e na vida acadêmica.

Agradeço também a todos os membros e amigos do Núcleo de Pesquisa Cataphora, na pessoa de Camila Rayssa Barbosa da Silva e Leonardo da Cunha Sousa, pelas trocas de conhecimento, conversas, ajudas mútuas e apoio durante todo o mestrado e desenvolvimento desta pesquisa.

A meus amigos da turma 2017-2019, do mestrado em Letras da UFPI, que foi uma turma unida e que buscou sempre crescer junta em conhecimento, ajudando-se e se incentivando.

Aos professores avaliadores convidados para a banca de defesa, por estarem dispostos a contribuir com a melhoria deste trabalho.

Aos professores e funcionários do PPGL-UFPI, por sua disponibilidade e ajuda durante todo o mestrado, fosse sobre problemas acadêmicos ou administrativos.

Aos pesquisadores convidados para participar das entrevistas, pela pronta disponibilidade e grandes contribuições.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí – FAPEPI, pela bolsa de estudo concedida.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a realização dos passos retóricos ‘relatando pesquisa prévia’, ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas no mundo real’ em projetos de pesquisa escritos por pesquisadores especialistas, considerando sua relação com a construção do projeto, com o problema de pesquisa e com as áreas de Linguística e Química. Para fundamentar a pesquisa, nos apropriamos da noção de gênero na sociorretórica (MILLER, (2012 [1984]); BAZERMAN, 2005; SWALES, 1990), dos conceitos de propósito comunicativo, comunidade discursiva e movimentos e passos retóricos (SWALES, 1990, 2004, 2016), da noção de gênero na perspectiva sociocognitiva (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995), da noção de pesquisa (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010; PRODONOV; FREITAS, 2013) e das concepções sobre os propósitos comunicativos do projeto de pesquisa (BARROS, 2005; CONNOR; MAURANEN, 1999). Metodologicamente, a pesquisa utilizou uma abordagem quantitativa e qualitativa para a análise do *corpus*, que é formado por 12 projetos de Linguística e por 12 projetos de Química, escritos por pesquisadores experientes das respectivas áreas e submetidos a agências de fomento, a bolsas de iniciação científica e a bolsas de produtividade. A análise dos dados iniciou-se por uma análise textual, que identificou e caracterizou a realização dos passos retóricos e suas relações entre si, o problema de pesquisa e a construção do projeto de pesquisa. Para validação dos dados, realizou-se entrevista semiestruturada com dois pesquisadores especialistas de cada área. Os resultados mostraram que, na Linguística, o relato de pesquisa prévia evidencia temas e objetivos, sem que haja citações dos estudos prévios, enquanto, na Química, os relatos abordam metodologia, resultados, temas e objetivos de pesquisas prévias tanto dos próprios escritores quanto de outros pesquisadores. Para indicar lacunas, as duas áreas apontaram, predominantemente, limitações metodológicas em pesquisas prévias, porém, na Química, foi apontada ausência total ou insuficiência de pesquisas sobre um objeto de estudo ou tema. A indicação de problemas do mundo real foi semelhante às duas áreas, exceto pelo uso de pesquisas prévias para confirmar o problema na Química. Apesar dos projetos analisados terem sido produzidos em diferentes situações retóricas, os resultados nos permitem concluir que, na escrita do projeto de pesquisa, os pesquisadores realizam os passos retóricos analisados de acordo com valores, crenças e ideologias da área do conhecimento em que estão inseridos, havendo maior valorização da indicação de problemas do mundo real na Linguística, e, na Química, a valorização não só da indicação de problemas do mundo real, mas de relatos de pesquisa prévias e indicação de lacunas de pesquisa relacionadas a aspectos teórico-metodológicos da área.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto de pesquisa. Passos retóricos. Pesquisa prévia. Lacuna de pesquisa. Problemas do mundo real.

RÉSUMÉ

Ce mémoire vise à analyser la réalisation des étapes rhétoriques ‘rapporter des recherches préalables’, ‘indiquer un trou dans la recherche’, ‘indiquer des problèmes dans le monde réel’ des projets de recherche écrits par des chercheurs expérimentés, en tenant compte leurs relations avec l’élaboration du projet de recherche, avec le problème de recherche et avec les disciplines de Linguistique et de Chimie. On entreprend l’étude à partir de la notion de genre dans la sociorhétorique (MILLER, (2012 [1984]); BAZERMAN; 2005; SWALES, 1990), des concepts de but communicatif, de communauté discursive et des mouvements et des étapes rhétoriques (SWALES, 1990, 2004, 2016), de la notion de genre dans une perspective sociocognitive (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995), de la notion de recherche scientifique (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010; PRODONOV; FREITAS, 2013) et des conceptions à propos du but communicatif du projet de recherche (BARROS, 2005; CONNOR; MAURANEN, 1999). Du point de vue méthodologique, on recourt à l’approche quantitative et qualitative lors de l’analyse du *corpus* qui est composé par 12 projets de Linguistique et 12 projets de Chimie écrits par des chercheurs expérimentés de leurs respectives disciplines et qui ont été soumis aux agences de financement de la recherche, aux bourses d’initiation à la recherche et aux bourses de productivité. L’analyse de données commence par une analyse textuelle qui a identifié et qui a caractérisé la réalisation des étapes rhétoriques et leurs relations entre eux-mêmes et avec le problème de recherche et la construction du projet de recherche. Pour valider les données de l’analyse textuelle, nous avons réalisé l’entretien semi-structuré avec deux chercheurs de chaque discipline. Les résultats montrent que, dans la discipline de Linguistique, le rapport de recherches préalables met en évidence leurs thèmes et objectifs, sans aucune citation aux études précédents, tandis qu’à la discipline de Chimie, les rapports soulignent la méthodologie, les résultats, les thèmes et les objectifs des recherches préalables du propre écrivain et des autres chercheurs. Pour indiquer les trous, les deux disciplines présentent des limitations méthodologiques aux recherches préalables, néanmoins, en Chimie, les écrivains mettent en évidence l’absence totale ou l’insuffisance de recherches sur un objet d’étude ou sur un thème. L’indication des problèmes dans le monde réel a été semblable dans les deux disciplines sauf pour l’utilisation des recherches préalables pour assurer ce problème dans la discipline de Chimie. Malgré l’élaboration de ces projets de recherche aux situations rhétoriques différentes, les résultats nous permettent de conclure qu’à l’écrit du projet de recherche, les chercheurs réalisent les étapes rhétoriques analysées selon les valeurs, les croyances et les idéologies de la discipline qu’ils font partie, donc la Linguistique valorise plus l’indication des problèmes dans le monde réel et la Chimie valorise aussi cette indication ainsi qu’elle valorise les rapports des recherches préalables et l’indication des trous dans la recherche en se rapportant aux aspects théoriques et méthodologiques de la discipline.

Mots-clés : Projets de recherche. Étapes rhétoriques. Recherche préalable. Trou dans la recherche. Problèmes dans le monde réel.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Movimentos retóricos em projetos de pesquisa	51
Quadro 2 - Padrão de organização retórica da seção de justificativa adaptado.....	53
Quadro 3 - Padrão de organização retórica da seção de justificativa adaptado.....	56
Quadro 4 - Passos retóricos da seção de justificativa e descrição correspondente	58
Quadro 5 - Quadro modelo da organização retórica da seção de Fundamentação Teórica em Projetos de Pesquisa	61
Quadro 6 - Informações sobre os projetos do <i>corpus</i>	69
Quadro 7 - Relação entre os passos no projeto L5_IC_09	85
Quadro 8 - Relação entre os passos no projeto L6_IC_16	85
Quadro 9 - Relação entre os passos no projeto L10_AF_11	86
Quadro 10 - Relação entre pesquisas prévias e lacuna de pesquisa na área de Química	108
Quadro 11 - Relação entre lacuna de pesquisa e pesquisa prévia na área de Química	109
Quadro 12 - Relação entre lacuna de pesquisa e problemas do mundo real na área de Química	110
Quadro 13 - Relação entre lacuna de pesquisa e problemas do mundo real na área de Química	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Recorrência dos passos retóricos nos projetos de Linguística	74
Tabela 2 - Fontes bibliográficas dos projetos da área de Linguística.....	79
Tabela 3 - Fontes bibliográficas dos projetos da área de Linguística (porcentagem)	80
Tabela 4 - Recorrência dos tipos de lacuna nos projetos de Linguística.....	81
Tabela 5 - Recorrência da mediação de leitura no passo ‘indicando problemas do mundo real’ em Linguística	82
Tabela 6 - Projetos de Linguística que apresentam a presença de dois ou três passos retóricos	84
Tabela 7 - Recorrência dos passos retóricos nos projetos de Química.....	93
Tabela 8 - Fontes bibliográficas dos projetos da área de Química.....	99
Tabela 9 - Fontes bibliográficas dos projetos da área de Química (porcentagem).....	99
Tabela 10 - Recorrência dos tipos de Lacuna nos projetos de Química.....	100
Tabela 11 - Recorrência da mediação de leitura no passo ‘indicando problemas do mundo real’ em Química	104
Tabela 12 - Projetos de Química que apresentam a presença de dois ou três passos retóricos	108
Tabela 13 - Comparação entre a recorrência dos passos retóricos em Linguística e Química	118
Tabela 14 - Comparação entre as fontes bibliográficas de Linguística e de Química.....	118

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
2 OS ESTUDOS SOBRE GÊNERO	14
2.1 Os estudos sociorretóricos de gênero	14
2.2 Os estudos sociocognitivos nos estudos de gênero	19
2.2.1 O diálogo entre a perspectiva sociocognitiva de gêneros e a sociorretórica	27
2.3 A noção de comunidade discursiva e seus critérios de identificação	28
2.4 O estudo do gênero na Sociorretórica: organização retórica, movimentos e passos retóricos	35
3 PESQUISA E O PROJETO DE PESQUISA	41
3.1 Para que serve o projeto de pesquisa?	42
3.2 Considerações sobre o que é pesquisa e sobre a escrita acadêmica	45
3.3 A análise do gênero projeto de pesquisa	49
3.3.1 Contextualização das pesquisas prévias que investigaram o projeto de pesquisa ...	49
3.3.2 Estudos sobre a organização retórica do projeto de pesquisa.....	51
3.4 ‘Relatando pesquisa prévia’, ‘Indicando lacuna de pesquisa’ e ‘Indicando problemas do mundo real’	63
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	67
4.1 Seleção e organização da amostra de projetos de pesquisa	67
4.2 Análise textual dos projetos de pesquisa	69
4.3 Coleta e análise de dados através de entrevistas.....	71
4.4 Análise comparativa	73
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	74
5.1 A área de Linguística.....	74
5.1.1 A frequência dos passos retóricos nos projetos de Linguística	74
5.1.2 A caracterização dos passos retóricos nos projetos de Linguística	77
5.1.3 Relação que os passos mantêm entre si nos projetos de Linguística.....	84
5.1.4 A fala dos pesquisadores de Linguística.....	86

5.2 A área de Química	92
5.2.1 A frequência dos passos retóricos nos projetos de Química	92
5.2.2 A caracterização dos passos retóricos nos projetos de Química	94
5.2.3 Relação que os passos mantêm entre si nos projetos de Química	107
5.2.4 A fala dos pesquisadores de Química.....	112
5.3 Análise comparativa entre as áreas de Linguística e Química	117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE	128
ANEXOS	129

1 INTRODUÇÃO

O gênero projeto de pesquisa faz parte das atividades de todos os pesquisadores, sejam eles iniciantes ou experientes. Isso porque sua escrita é uma prática que se inicia desde a graduação, passa por cursos de pós-graduação e continua sendo necessária aos pesquisadores experientes para que consigam o financiamento de suas pesquisas, a concessão de bolsas de iniciação científica e de bolsas de produtividade. Assim, a escrita desse gênero pode ser compreendida como uma prática que antecede muitas outras atividades acadêmicas, como a publicação de artigos e comunicações em eventos científicos. Isto é, o projeto de pesquisa é um gênero constantemente utilizado por pesquisadores e permite que as pesquisas sejam, de fato, realizadas em alguns contextos.

Devido à importância desse gênero e aos poucos trabalhos realizados na perspectiva da análise de gêneros a seu respeito, o Núcleo de Pesquisa Cataphora iniciou, em 2014, o projeto *Propósitos comunicativos e movimentos retóricos em projetos de pesquisa na área de Letras*, tendo em vista analisar as estratégias retóricas de escrita das várias seções do gênero projeto de pesquisa. Nesse projeto, foram produzidos alguns relatórios de pesquisa, dissertação e artigos sobre os projetos de pesquisa aprovados, nas áreas de Linguística e História do Brasil, em seleção de mestrado, que foram feitos por pesquisadores iniciantes (RIO LIMA, 2015; 2016; SILVA, 2015; 2016, MONTEIRO, 2016; ALVES FILHO; OLIVEIRA, 2017; ALVES FILHO, 2018).

Em âmbito internacional, encontramos as pesquisas de Connor e Mauranen (1999), Tardy (2003) e Tseng (2011), que tiveram, como *corpus* de análise, projetos elaborados por pesquisadores experientes e submetidos a agências internacionais de fomento. Observando o interesse dos trabalhos prévios, percebemos que existe, ainda, nos trabalhos brasileiros sobre o gênero projeto de pesquisa, a falta de estudos sobre as estratégias retóricas e comunicativas utilizadas por pesquisadores experientes, os quais detêm uma certa *expertise* do gênero.

Outro ponto que nos chamou atenção para o desenvolvimento desta pesquisa foram os resultados dos trabalhos sobre a organização retórica das seções de Justificativa e de Fundamentação Teórica dos projetos na área de Linguística em contraste com os resultados das análises dos projetos escritos por pesquisadores experientes e com a própria noção de relevância científica de um projeto de pesquisa. Os projetos dos pesquisadores iniciantes estão voltados muito mais para uma constatação de conhecimentos já estabelecidos, por meio da exposição de conceitos e da explicação de fenômenos, do que para uma escrita que mostre o que falta conhecer, o que é insuficiente (ALVES FILHO, 2018).

A partir dessas reflexões, passamos a nos questionar se essa maneira de realizar o projeto de pesquisa, voltado mais para os conhecimentos estáveis e bem estabelecidos, era uma prática própria dos pesquisadores iniciantes ou uma característica da área de Linguística. Questionamos, em seguida, sobre a relação que as fontes bibliográficas podem ter com as estratégias retóricas utilizadas no projeto e como isso afeta a indicação de lacuna. Percebemos, então, que também seria necessário identificar, nos projetos, se sua motivação eram lacunas de pesquisa ou problemas do mundo real, pois isso afetaria a utilização de pesquisas prévias.

Com esses questionamentos em mente, formulamos como objetivo geral: *analisar a realização dos passos retóricos ‘relatando pesquisa prévia’, ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas no mundo real’ em projetos de pesquisa escritos por pesquisadores especialistas, considerando sua relação com a construção do projeto, do problema de pesquisa e com as áreas de Linguística e de Química.* A partir disso, elencamos quatro objetivos específicos: 1) *caracterizar os passos retóricos em seus aspectos retóricos e lexicais;* 2) *estabelecer as relações que esses três passos retóricos mantêm entre si dentro do projeto de pesquisa;* 3) *identificar as relações existentes entre os passos retóricos analisados com a construção do projeto, do problema de pesquisa e com as áreas de Linguística e de Química;* 4) *comparar as estratégias retóricas utilizadas nas áreas de Linguística e Química.*

Decidimos analisar a área de Química em contraste com a área de Linguística por duas razões. A primeira delas é que a análise de um gênero e da organização retórica de um gênero comumente comparam duas áreas do conhecimento. A segunda é que, como são áreas bem distantes entre si, será possível contrastar os resultados e elucidar melhor as questões que formulamos. O distanciamento dessas áreas pode ser percebido na divisão que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) faz, uma vez que Linguística está inserida na grande área “*Linguística Letras e Artes*” e Química insere-se na grande área “*Ciências Exatas e da Terra*”.

Assim, nossa proposta se fundamenta no aporte teórico da sociorretórica, o qual nos fornece bases teóricas sobre a noção de gênero, propósito comunicativo, comunidade discursiva e passos retóricos. Nessa perspectiva, utilizamos Miller (2012[1984]), Swales (1990, 2004, 2016) e Bazerman (2005). Também nos apoiamos na perspectiva sociocognitiva de Berkenkotter e Huckin (1995) para abordar a dinamicidade do gênero e sua relação com a comunidade discursiva. Para falar sobre pesquisa e sobre projeto de pesquisa, utilizamos Prodonov e Freitas (2013), Motta-Roth e Hendges (2010), Barros (2005), dentre outros. Utilizamos, ainda, as pesquisas realizadas pelo Núcleo de Pesquisa Cataphora (RIO LIMA,

2015; 2016; SILVA, 2015; 2016; ALVES FILHO, 2018), a pesquisa de Connor e Mauranen (1999) e Jucá (2006) para apresentar as características retóricas e comunicativas já conhecidas sobre o projeto de pesquisa e sobre os passos retóricos que iremos analisar.

Este trabalho está desenvolvido em uma parte teórica composta pelo capítulo dois, que aborda a noção de gênero nas perspectivas sociorretórica e sociocognitiva, a noção de comunidade discursiva e as noções de movimentos e passos retóricos; e pelo capítulo três, no qual se discute sobre a noção de pesquisa científica, sobre os propósitos comunicativos do gênero projeto de pesquisa e apresentam-se as pesquisas prévias já realizadas sobre a organização retórica das seções do projeto. A segunda parte deste trabalho é composta por um quarto capítulo, que detalha a escolha e coleta do *corpus* e os procedimentos de coleta e análise dos dados; por um quinto capítulo, que apresenta os resultados das análises; e por um sexto e último capítulo, que contém as considerações finais.

2 OS ESTUDOS SOBRE GÊNERO

Ao longo do tempo, os estudos sobre gênero passaram por uma mudança de interesse e de foco. De acordo com Devitt (2004), os estudos mais tradicionais, que buscavam, através da forma, uma classificação para os gêneros literários existentes, foram sendo substituídos por pesquisas que se interessavam mais por gêneros correntes e utilizados no dia a dia das pessoas, e buscavam entender as ações genéricas e não a forma em si mesma. Um exemplo dessa afirmação pode ser visto no próprio objeto de estudo desta pesquisa, a qual não se preocupa em classificar os gêneros acadêmicos em artigos ou teses ou projetos de pesquisa, tampouco analisar somente suas características formais e estruturais, mas preocupa-se em analisar o gênero projeto de pesquisa em seus aspectos retóricos, observando quais as funções retóricas do gênero e as estratégias retóricas mais recorrentemente utilizadas pelos participantes da esfera acadêmica.

Desses novos caminhos, surgiram tradições teóricas e de pesquisa, que passaram a ser agrupadas em diversas abordagens, tais como a sociorretórica e a sociocognitiva. Na Abordagem Sociorretórica, caminho pelo qual seguiremos, estão inseridas as teorias de Miller (2012[1984]), Swales (1990, 2004, 2016) e Bazerman (2005). Na perspectiva sociocognitiva do gênero, que também nos servirá de apoio teórico, os principais representantes são Berkenkotter e Huckin (1995). Nos tópicos a seguir, apresentamos essas duas perspectivas e os principais conceitos relacionados a elas.

2.1 Os estudos sociorretóricos de gênero

A noção do que é retórica nos estudos de gênero surge da proposição de Bitzer (1968) que foi absorvida por Miller (2012 [1984]), mas com algumas ressalvas. Bitzer (1968, p. 4, grifos nossos) diz que “...a retórica é um modo de alterar a realidade, não pela direta ação sobre objetos, mas pela criação **de um discurso que muda a realidade**”, ou seja, o termo “retórica” já passa a ser entendido não como o ato puro de persuasão, mas como uma ação que, através do discurso, busca alterar algo na realidade. Consequentemente, surgem formas retóricas como respostas a situações retóricas comparáveis e recorrentes (p. 13). A forma retórica é definida pelo autor como a contraparte textual do gênero e envolve o vocabulário, o estilo e a gramática. Assim, entender a forma como retórica é dizer que ela tem a função de agir sobre a realidade, isto é, ela não é somente de natureza textual e linguística, mas é funcional. Além disso, devido a sua utilização em situações retóricas recorrentes, a forma

torna-se uma resposta estabilizada, que funciona como uma tradição e como restrição a novas formas de responder a uma situação.

Essa noção de retórica é a semelhança fundamental que existe entre Miller (2012 [1984]), Swales (1990) e Bazerman (2005), pois compartilham o entendimento de que a forma não é concebida separada da função. Assim, Miller (2012 [1984]) define que os gêneros são ações retóricas, ou seja, que os gêneros, através da linguagem, agem sobre a realidade. Bazerman (2005), de maneira semelhante, mas partindo da teoria dos atos de fala, também defende que a linguagem serve para agir no mundo. Swales (1990), mais concretamente, afirma que os gêneros têm propósitos comunicativos, isto é, finalidades, objetivos, e esses propósitos são alcançados através de estratégias retóricas chamadas movimentos e passos retóricos. Essa questão de o gênero agir sobre o mundo é o que podemos entender como a porção retórica da abordagem sociorretórica, pois o gênero possui esse caráter pragmático.

Sobre propósito comunicativo, Alves Filho (2011, p. 34) o define da seguinte maneira: "o propósito comunicativo de um gênero equivale às finalidades para as quais os textos de um mesmo gênero são mais recorrentemente utilizados em situações também recorrentes". Dessa forma, a noção de propósito comunicativo proposta por Swales (1990, p. 46) está relacionada ao entendimento de que "os gêneros são veículos comunicativos para alcançar objetivos", ou seja, o propósito comunicativo se aproxima da noção de gênero como ação retórica (MILLER, 2012 [1984]), uma vez que a linguagem é utilizada para agir no mundo e alcançar determinados objetivos comunicativos.

Existem ainda três outros conceitos essenciais às teorias sociorretóricas, quais sejam situação retórica, tipificação e recorrência. Para Miller (2012, p. 29), as situações retóricas "são constructos sociais que resultam, não de 'percepção', mas de 'definição'". A diferença entre percepção e definição reside entre o que é particular e o que é social. A definição da situação passa por um processo de interpretação do "ambiente material indeterminado", ou seja, o sujeito, a partir de seu conhecimento de mundo, adquirido socialmente, passa a ler e entender aquela situação retórica.

Ao afirmar que o processo de definição da situação retórica é uma interpretação do "ambiente material indeterminado", Miller (2012 [1984]) faz uma crítica às colocações de Bitzer (1968), que se encontram no âmbito da realidade e não da socialidade. Dizer que Bitzer (1968) se refere o tempo todo à realidade, é defender que sua proposição parte de uma influência do mundo externo, objetivo, da ação dos indivíduos. Em outras palavras, o autor trata a situação retórica como uma realidade objetiva e publicamente observável. Isso quer

dizer que existem configurações materiais de pessoas, objetos e eventos que recorrem para gerar a situação retórica, e que essa situação restringe as respostas que as pessoas possam dar. Há uma determinação do ambiente sobre os sujeitos e as situações retóricas ganham uma característica materialista.

Por outro lado, opondo-se a essa visão objetiva da situação retórica, poderia surgir a defesa de que a situação retórica seria um fenômeno inteiramente subjetivo, subordinado à percepção particular e individual que uma única pessoa tem. Miller (2012 [1984]), então, para definir o que é uma situação retórica, passa a criticar esses dois caminhos, objetivo e subjetivo, e propõe que a definição de situação retórica é intersubjetiva, ou seja, social.

Portanto, a construção da situação retórica acontece através das relações sociais estabelecidas entre os sujeitos de uma mesma sociedade. Isto é, não é o ambiente de fora para dentro nem é o indivíduo de dentro para fora, mas sim as relações e as interpretações que os sujeitos coletiva e socialmente fazem da situação em que estão inseridos que permitem o reconhecimento da situação retórica. É por esta razão que Miller (2012 [1984]) fala da interpretação de um ambiente material indeterminado, porque existe uma realidade objetiva (um ambiente material), mas ele é indeterminado até que seja socialmente definido, e essas definições dependem do conhecimento que é compartilhado socialmente entre os sujeitos.

No caso de uma banca de avaliação de dissertação, não é meramente a presença de professores do curso de pós-graduação, a hora marcada e a sala pré-determinada na universidade que geram a situação retórica. De acordo com Miller (2012 [1984]), o que define aquela situação retórica como uma avaliação é a interpretação mútua que os sujeitos participantes fazem dos seus papéis sociais, dos objetivos comunicativos que estão presentes, dos objetos e dos eventos, por meio de um conhecimento de mundo prévio e compartilhado.

Bazerman (2005), para tratar da definição da situação, embasa-se na noção de fato social e, mesmo partindo de diferentes caminhos, o pesquisador defende que as situações são definidas por aquilo que os participantes acreditam que seja a situação. Por exemplo, se no momento de uma seleção de mestrado, na qual se exige dos candidatos um projeto de pesquisa, os participantes não fizerem a mesma interpretação da situação que os avaliadores, um candidato pode acabar enviando um artigo acadêmico no lugar de um projeto, enquanto o avaliador esperava por um projeto de pesquisa que ainda não foi realizado.

Surge, então, um grande problema, como coloca Bazerman (2005), pois, se a definição da situação acontece pelo que cada um dos participantes acredita ser a situação, ou seja, o fato social, pode ocorrer um descompasso entre o que eles dizem e o que eles fazem com a linguagem. Se cada um, independentemente dos fatores sociais, históricos e culturais,

pudesse dizer qual seria essa situação, seriam muitos os conflitos e dificuldades de comunicação.

Para resolver esse problema, Bazerman (2005) e Miller (2012 [1984]) apresentam a noção de tipificação. A tipificação é, portanto, a saída para que os participantes de uma situação retórica possam compreender uns aos outros e utilizar os gêneros adequados aos os propósitos comunicativos demandados por essa situação.

Miller (2012, p. 30) enfatiza que uma “comunicação bem-sucedida requer que os participantes compartilhem tipos comuns; isso é possível na medida em que os tipos são criados socialmente”. Dessa forma, no momento de uma seleção de mestrado, os participantes que nunca participaram de uma seleção passam a acessar seus conhecimentos sobre situações retóricas semelhantes para poder agir. Seria o caso, por exemplo, de o participante lembrar da disciplina de TCC I, durante a graduação, na qual se exige a escrita de um projeto de pesquisa para ser o guia na escrita da monografia.

Assim, buscando informações no nosso “estoque de conhecimentos”, passamos a procurar semelhanças, fazer analogias e buscar, acima de tudo, recorrências em situações anteriores e que nos são familiares (MILLER, 2012). Daí, surge a importância da noção de recorrência no estudo dos gêneros, uma vez que, ao participarmos de um grupo social, de uma sociedade e de uma situação retórica, buscamos comparar as situações e inferir suas similaridades e analogias para poder agir.

A noção de recorrência impede também que, a cada nova situação, uma resposta nova seja dada. Em outros termos, a noção de recorrência faz com que os participantes da situação se embasem em gêneros já existentes e compartilhados socialmente para agir sobre a realidade, pois eles irão guiar a resposta para a situação.

Swales (1990), menos explicitamente que os dois autores anteriormente citados, também trata da tipificação e da recorrência, pois, ao propor a análise dos movimentos e passos retóricos dos gêneros, o pesquisador enfatiza a recorrência dessas estratégias para o ensino de gêneros e busca familiarizar os pesquisadores iniciantes com os gêneros já criados socialmente.

Como mostra Devitt (2004), a visão tradicional do estudo de gênero enfatizava a análise da forma e da estrutura em busca da classificação dos gêneros literários, gerando, assim, uma noção do gênero como um produto acabado cuja forma (reproduzida por muitos) recebe um determinado conteúdo. Já os estudos retóricos de gênero passaram a conceber uma espécie de fusão entre forma e função (MILLER, 2012 [1984]; BAZERMAN, 2005; SWALES, 1990), uma vez que as formas existem para agir sobre a realidade, elas possuem

uma função a realizar, e a questão da classificação dos gêneros se coloca em segundo plano, haja vista que o interesse é investigar gêneros utilizados no dia a dia das pessoas e investigar os gêneros a partir da classificação ou nomenclatura dada por seus usuários.

Considerando tais aspectos, Miller (2012, p. 32) define gênero como “ações retóricas tipificadas e fundadas em situações recorrentes”. Em outras palavras, gênero implica agir sobre uma realidade através da linguagem, dentro de um contexto comunicativo recorrente e compartilhado socialmente. Nessa mesma linha, Bazerman (2005) conceitua gênero como a maneira adequada com que as pessoas utilizam formas comunicativas padronizadas e reconhecíveis, isto é, tipificadas. Dessa maneira, podemos dizer que os gêneros possuem elementos que lhes são característicos, sejam esses elementos textuais ou conectados ao local em que o texto circula, quem escreve, quem lê etc. e que os fazem ser reconhecidos por diversas pessoas dentro de um mesmo grupo social.

A noção de gênero em Swales (1990 apud ASKHAVE; SWALES, 2009, p. 224) também enfatiza dois aspectos: o social e o retórico, pois o pesquisador afirma que “um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos”. Ou seja, o gênero compreende textos que foram produzidos em situações comunicativas similares e que possuem propósitos comunicativos, servindo para agirmos no mundo social, e esses propósitos precisam ser compartilhados e reconhecidos pelos membros de um mesmo grupo.

Bezerra (2017) ressalta que essa abordagem sociorretórica, baseada nos três pesquisadores apresentados anteriormente, pode ter três sentidos. O primeiro são aquelas pesquisas que combinam a abordagem de Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes* – ESP; Swales) e os Estudos Retóricos de Gênero (ERG; Miller e Bazerman). O segundo sentido traz a abordagem sociorretórica como equivalente somente da ESP e o terceiro estabelece equivalência da sociorretórica com a ERG.

Em alguns trabalhos sobre projeto de pesquisa que se colocam dentro da abordagem sociorretórica (SILVA, 2015b; MONTEIRO, 2016; ALVES FILHO; OLIVEIRA, 2017; ALVES FILHO, 2018), percebemos que há dois desses sentidos predominantes: o primeiro e o segundo propostos por Bezerra (2017). Nessas pesquisas, para discutir e situar o trabalho, é comum que os pesquisadores tragam tanto a teoria de Swales (1990) quanto a discussão proposta por Miller (2012 [1984]) sobre a noção de gênero, gerando, assim, a fusão entre a ESP e a ERG. Contudo, no momento de aplicação das teorias, na análise propriamente dita, esses pesquisadores se apoiam nas categorias de análise propostas por Swales (1990) e que visam ao estudo da organização retórica do gênero.

A razão de os pressupostos propostos por Miller (2012 [1984]) não serem aplicados comumente às análises se deve ao fato de a autora não apresentar caminhos metodológicos para pesquisas, pois seu objetivo é, inicialmente, esclarecer essa nova visão retórica para o estudo dos gêneros. Por outro lado, Swales (1990), além de teorizar sobre o gênero, traz categorias de análise e apresenta resultados por meio de suas pesquisas sobre a seção de introdução de artigos de pesquisa, uma vez que sua teoria tem o objetivo pedagógico de ensinar explicitamente os aspectos retóricos de gêneros acadêmicos a pesquisadores iniciantes. As principais categorias teóricas e de análise de Swales (1990) são o propósito comunicativo, a comunidade discursiva (ver item 2.3) e os movimentos e passos retóricos (ver item 2.4).

2.2 Os estudos sociocognitivos nos estudos de gênero

A perspectiva sociocognitiva que surgiu nos estudos de gênero tem como referência importante a proposta de Berkenkotter e Huckin (1995), os quais estabeleceram cinco princípios que constituem o quadro teórico de sua perspectiva, a qual é voltada, principalmente, para os gêneros acadêmicos. Nesta seção, portanto, discorreremos sobre os cinco princípios apresentados pelos autores, citamos algumas pesquisas que se apropriaram desse caminho e fazemos uma relação entre essa perspectiva e a perspectiva sociorretórica, como também explicamos de que maneira a visão sociocognitiva contribui teoricamente para a pesquisa que apresentamos aqui.

A tese de Berkenkotter e Huckin (1995) parte de uma base teórica diversificada e relaciona áreas como a sociologia e os estudos retóricos de gênero. A partir de seus estudos, então, propõem que “os gêneros são [...] estruturas retóricas **dinâmicas** que podem ser manipuladas de acordo com as **condições de uso** e que o **conhecimento de gênero** é, portanto, mais bem conceituado como uma forma de **cognição situada** que faz parte de **atividades disciplinares**” (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 3, tradução nossa¹, grifos nossos)². Dessa tese, os autores desenvolvem cinco princípios: dinamismo, situacionalidade, forma e conteúdo, dualidade da estrutura e propriedade da comunidade³.

¹ Neste trabalho, as traduções dos textos citados que estão originalmente em inglês será nossa.

² “genres are inherently dynamics rhetorical structures that can be manipulated according to the conditions of use, and that genre knowledge is therefore best conceptualized as a form of situated cognition embedded in disciplinary activities” (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 3).

³ Dynamism, Situatedness, Form and Content, Duality of Structure e Community Ownership (ibidem, p. 4)

O princípio do dinamismo do gênero é explicado através dos postulados de Miller (2012 [1984]), Swales (1990) e Bazerman (2005), haja vista que essa noção só pode ser compreendida através dos conceitos de forma, de retórica, de situações recorrentes e de recorrência e tipificação. Contudo, é no apoio e na crítica à noção de tipificação proposta por Miller (2012 [1984]) que Berkenkotter e Huckin (1995) propõem o dinamismo do gênero.

Miller (2012 [1984]) propõe que, para tipificar uma situação ou uma resposta a essa situação, é preciso da recorrência, e a recorrência não se refere a uma configuração externa ou material composta de pessoas, objetos, lugares, tampouco tem relação com uma configuração subjetiva, pertencente a um único indivíduo. A recorrência, de acordo com Miller (2012 [1984]), é um fenômeno intersubjetivo, isto é, social, que permite que os indivíduos, pertencentes a um grupo, compartilhem conhecimentos.

Apesar de se afastar do materialismo de Bitzer (1968), o qual enfatiza a recorrência de uma configuração externa e material da situação, Berkenkotter e Huckin (1995) criticam Miller (2012 [1984]) por descartar, de certa forma, o indivíduo e sua participação na utilização dos gêneros. De acordo com os autores, Miller (2012 [1984]) enfatiza a questão social da tipificação, mas há uma limitação nesse conceito, uma vez que a tipificação não é somente o reconhecimento das similaridades da situação retórica recorrente, mas inclui o conhecimento do participante da situação sobre quais as possíveis maneiras de agir e responder retoricamente a ela.

Berkenkotter e Huckin (1995) citam Bazerman (1994) para explicar que cada indivíduo tem diferentes experiências no mundo, e a tipificação criada é constituída através dessas experiências próprias de um indivíduo, isto é, apesar da tipificação ser, de fato, intersubjetiva, há um fator subjetivo bastante presente, devido ao conhecimento de mundo ser particular, criado pelo próprio indivíduo, e suas experiências e a interpretação intersubjetiva ou socialmente construída “não erradica[rem] as diferentes percepções subjetivas”⁴ (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 6).

Feita essa crítica à ênfase que Miller (2012 [1984]) confere à intersubjetividade da tipificação, Berkenkotter e Huckin (1995) defendem que os gêneros são dinâmicos porque mudam constantemente para atender às necessidades sociocognitivas dos indivíduos. A perspectiva sociocognitiva do gênero, portanto, não exclui o caráter social e os aspectos sociais do gênero, no entanto, essa visão destaca e enfatiza que existe um grau de individualidade na escrita dos textos que instanciam os gêneros, uma vez que os escritores, de

⁴ “...and socially induced perception of commonality do not eradicate subjective perceptions of difference” (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 6)

posse dos conhecimentos compartilhados e do seu próprio repertório de gêneros, escolhem o que é mais adequado para agir retoricamente e para atender às suas próprias necessidades (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995).

O dinamismo do gênero, então, pode ser entendido como a relação entre a estabilidade e a mudança, aspectos que são influenciados tanto pelo caráter social do gênero quanto pelo seu uso feito por um indivíduo. Dessa forma, se o dinamismo tem relação com as constantes mudanças que ocorrem no gênero para atender às necessidades cognitivas e comunicativas dos indivíduos, essa noção pode ser compreendida por três fatores que se complementam.

O primeiro fator é a historicidade do gênero, que permite estudos diacrônicos como o de Berkenkotter e Huckin (1995), o qual analisa as mudanças que ocorreram na organização retórica das seções do artigo acadêmico, como também nos seus títulos. Os autores mostram, por exemplo, que os títulos dos artigos tornaram-se mais informativos, menos topicalizados e, com o passar do tempo, começaram a apresentar os resultados da pesquisa, o que indica a valorização da novidade no mundo acadêmico como algo que chama a atenção dos leitores e os incentiva a ler o trabalho (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995).

O segundo fator diz respeito à dinamicidade do gênero, que é influenciada pela comunidade discursiva. Isto é, um mesmo gênero é utilizado em diversos grupos, como é o exemplo do projeto de pesquisa, que é realizado nas diversas áreas do conhecimento e pode apresentar especificidades próprias dessas diversas áreas. Contudo, não entraremos em detalhes sobre essa relação, por ela se referir ao quinto princípio proposto por Berkenkotter e Huckin (1995) e que será explicado e exemplificado mais à frente.

O terceiro fator é o conhecimento de gênero que o próprio escritor tem. Com o conhecimento de gênero, a teoria sociocognitiva destaca a capacidade que o escritor do projeto de pesquisa, por exemplo, tem de manipular a forma e o conteúdo para agir retoricamente e responder à situação retórica.

Assim, entender o gênero como uma "forma retórica dinâmica" (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995) é destacar que o gênero possui uma contraparte estrutural/formal presente nos aspectos textuais, mas é também dizer que essas formas são funcionais e agem retoricamente dentro de uma situação retórica recorrente. Contudo, essas formas e funções não são fixas, mas dinâmicas, pois se modificam com o tempo, de acordo com as necessidades comunicativas do indivíduo e com o que é valorizado pelas comunidades discursivas. Essa noção permite que sejam elaborados estudos diacrônicos, como o já citado (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995), e estudos sincrônicos, como em Silva (2015) e Alves

Filho e Oliveira (2017), que comparam a organização retórica entre as comunidades disciplinares de Linguística e de História.

Se o gênero é dinâmico e se o próprio indivíduo é capaz de manipular as formas retóricas para alcançar seus objetivos, então, é preciso, inicialmente, que esse indivíduo aprenda como esses gêneros funcionam dentro de uma comunidade discursiva. É dessa afirmação que surge o segundo princípio da perspectiva sociocognitiva: o de Situacionalidade.

Berkenkotter e Huckin (1995, p. 7) colocam o seguinte problema: “...é impossível, para nós, habitar em um mundo social sem ter um repertório de respostas sociais tipificadas [gêneros] em situações recorrentes”⁵. A solução para tal problema passa a ser a aquisição implícita da utilização desses gêneros dentro de comunidades disciplinares particulares, o que os autores chamam de aculturação⁶ dos aprendizes, dos novatos, para que possam utilizar os gêneros de maneira adequada às exigências da situação retórica.

Por ser uma teoria com foco nos gêneros acadêmicos, orais e escritos, Berkenkotter e Huckin (1995) utilizam Bakhtin e sua diferenciação entre os gêneros primários e secundários para fundamentar a necessidade dessa aculturação. Esse apoio teórico permite evidenciar que os gêneros acadêmicos pertencem aos gêneros secundários, uma vez que, diferentemente dos gêneros primários, os gêneros acadêmicos são retirados de seu contexto de atividade e “perdem sua relação imediata com a realidade vigente” (BAKHTIN, 1968 apud BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 9). Isso quer dizer que o projeto de pesquisa, por exemplo, não é um gênero produzido no dia a dia e não gera uma resposta imediata do seu leitor, além de não possuir lugar e tempo definidos, como uma sala de aula e um horário pré-determinado todos os dias da semana, para que escritor e leitor estejam juntos na sua produção e recepção.

Dessa maneira, por os gêneros acadêmicos não serem utilizados diariamente em situações comuns do dia a dia e por possuírem turnos conversacionais longos e monológicos (BAKHTIN, 1968 apud BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 11), a aculturação passa a ser o elemento chave da aquisição desses gêneros, pois é por meio dela que os novatos adquirem o conhecimento de gênero na academia (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995).

O conhecimento de gênero é compreendido como o “conhecimento que profissionais precisam para se comunicar nas comunidades disciplinares”⁷ (BERKENKOTTER; HUCKIN,

⁵ “...it is impossible for us to dwell in the social world without repertoires of typified social responses in recurrent situations” (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 7).

⁶ Enculturation (ibidem, p. 7)

⁷ “...knowledge that professionals need in order to communicate in disciplinary communities.” (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 24)

1995, p. 24), e só pode ser adquirido por meio de uma prática ou atividade situada. A teoria das atividades, então, é utilizada para explicar que os aprendizes ou os pesquisadores iniciantes na área de Linguística, por exemplo, precisam se envolver nas práticas comunicativas dos membros dessa comunidade disciplinar. Esses pesquisadores novatos, que normalmente estão na graduação, irão participar de atividades que lhes permitirão aprender a utilizar todas as ferramentas disponíveis e, principalmente, utilizá-las de maneira adequada a sua comunidade disciplinar (BROWN; COLLINS; DUGUID, 1989 apud BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995).

A necessidade de participação efetiva do aprendiz na comunidade disciplinar já parece ser um consenso entre os estudiosos de gênero, principalmente quando se utiliza o PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) como parâmetro. Como mostram Dias, Santos e Meneses (2016), os programas de iniciação científica são uma tentativa de sanar a falta de vivência dos alunos da graduação com a escrita dos gêneros acadêmicos e com os membros da comunidade disciplinar, pois é nesse contexto de PIBIC que os pesquisadores iniciantes estabelecem um diálogo com seu orientador, pesquisador mais experiente, e, também, com as atividades de pesquisa, as quais envolvem a leitura de textos teóricos e de pesquisas prévias, a elaboração de metodologias e a escrita de relatórios de pesquisa, de artigos acadêmicos e, porventura, uma monografia dando continuidade ao que foi estudado no PIBIC.

O conhecimento de gênero, portanto, é uma forma de cognição situada⁸ (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995), pois é um produto da atividade ou da prática e da situação em que é produzido. Em outros termos, o conhecimento possui um aspecto mental que é produto de práticas comunicativas situadas em comunidades disciplinares específicas. É por essa razão que o conhecimento de gênero implica no conteúdo e na forma dos gêneros, haja vista esse conhecimento de gênero permitir que os indivíduos se comuniquem de forma adequada em suas comunidades disciplinares.

A questão da forma e do conteúdo, terceiro princípio de Berkenkotter e Huckin (1995), tem a ver, mais uma vez, com a prática situada, com o conhecimento de gênero e com o dinamismo do gênero, isto é, os gêneros estão localizados em um espaço e tempo determinados e relacionados a uma comunidade disciplinar específica. O conhecimento de gênero, conseqüentemente, permite ao escritor do projeto de pesquisa na área de Linguística,

⁸ Situated cognition (ibidem, p. 4)

por exemplo, a utilizar a forma e o conteúdo da maneira mais apropriada para uma determinada situação, dentro de um tempo específico (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995).

Os autores apresentam, nesse princípio, quatro aspectos do conteúdo que estão implicados no conhecimento do gênero e no fato de que os gêneros são situados, quais sejam: a epistemologia de uma comunidade disciplinar; o conhecimento prévio dos leitores do gênero; o valor da novidade nas áreas acadêmicas; e o tempo retórico (*kairós*) em que o gênero é produzido.

A relação entre a epistemologia e o conteúdo pode ser percebida na semelhança da apresentação da metodologia em pesquisas que utilizam a abordagem sociorretórica. Essa semelhança pode ser percebida em relatórios de pesquisa (SILVA, 2015; 2016; RIO LIMA, 2015; 2016), em dissertações (MONTEIRO, 2016) e em artigos (MOTTA-ROTH; LOVATO, 2009; ALVES FILHO; OLIVEIRA, 2017), pois a escrita da seção de metodologia envolve a apresentação de um modelo prévio, o qual serve de parâmetro para a análise que será feita, e essa recorrência indica que, se um pesquisador iniciante for escrever nessa área de pesquisa, ele será cobrado a fazer tais referências.

A relação entre o conteúdo e conhecimento prévio do leitor do gênero é suposto pelo escritor (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995) e isso influencia nas informações que serão abordadas. Ao falar sobre metodologia, Swales (2004) apresenta dois tipos, uma que seria elaborada (*elaborated*) e outra que seria sumarizada (*clipped*). A metodologia elaborada é aquela que não supõe um conhecimento do leitor e, por consequência, explica, justifica e exemplifica todos os procedimentos de coleta e de análise. As sumarizadas, por outro lado, são aquelas em que o escritor pressupõe o conhecimento prévio do leitor e cita, por exemplo, somente o nome dos autores que elaboraram determinado procedimento metodológico, sem a necessidade de caracterizar cada um dos caminhos metodológicos da pesquisa.

O relacionamento entre o conteúdo e o valor de novidade responde às questões sobre o que é novo e o que recebe essa característica de novidade. Berkenkotter e Huckin (1995) apontam que esse valor da novidade é um aspecto muito importante para as áreas acadêmicas, uma vez que os pesquisadores precisam apresentar contribuições originais e novas ao conhecimento da área. Nesse relacionamento, o conhecimento de gênero dos pesquisadores experientes e inexperientes apresenta algumas diferenças. Enquanto os pesquisadores experientes evidenciam em seus artigos as contribuições da pesquisa para a área, indo além daquilo que é consensual, os pesquisadores novatos tendem a fazer somente um resumo do conhecimento já bem estabelecido e podem, inclusive, ignorar essa questão da novidade (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995).

Kaufer e Geisler (1989 apud BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995) concluem que, nas disciplinas acadêmicas, existe o impulso de considerar todas as informações já existentes em uma comunidade disciplinar e existe o impulso de mover-se para ultrapassar o conhecimento já estabelecido, buscando acrescentar ou modificar o que é consenso. A utilização desses impulsos está, no entanto, conectada ao conhecimento do gênero e à *expertise* retórica do escritor.

O quarto e último aspecto do conteúdo é sua relação com o tempo retórico ou *kairós*. As condições retóricas para a escrita de um gênero mudam com o tempo e estão sujeitas também a mudanças no conhecimento prévio do leitor e às mudanças epistemológicas da área, que acontecem com o tempo (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995). Monteiro (2016), ao analisar os projetos de pesquisas submetidos e aprovados em uma seleção de mestrado de uma universidade federal do Brasil, precisou fazer uma ressalva em sua metodologia devido às orientações que os editais da seleção ofereciam. A autora, apesar de não ter levado em consideração, na sua análise, as diferenças de organização retórica entre os anos com editais diferentes (o que não foi relevante para seu objetivo), teve o cuidado de mostrar que, durante o período de três anos, o programa de pós-graduação lançou editais com orientações de escrita diferentes e que isso poderia influenciar na produção do projeto. Assim, o tempo retórico, de fato, possui relação com o conteúdo, influenciando na escrita dos gêneros.

O quarto princípio da perspectiva sociocognitiva proposta por Berkenkotter e Huckin (1995) é a dualidade da estrutura. Essa noção se baseia na sociologia e na crítica que Giddens (1979) e Wilson (1991) fazem às concepções tradicionais de estrutura. Giddens (1979 apud BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995) critica que essas concepções tradicionais separam as estruturas sociais da ação humana, isto é, as ações das pessoas não teriam influência no estabelecimento da estrutura social. A crítica de Wilson (1991 apud BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995) é feita à concepção de Émile Durkheim, que, mais enfaticamente, separa as estruturas sociais dos indivíduos, defendendo que essas estruturas são exteriores aos indivíduos e que elas regulam as ações deles.

A noção de dualidade da estrutura, conseqüentemente, parte para uma superação da formalidade da estrutura, pois, em realidade, a estrutura social se consolida por meio das ações dos indivíduos que se organizam em grupos ou comunidades discursivas e, após formadas essas estruturas, os indivíduos passam a “obedecer” a essa ordem que eles mesmos criaram, mas que é historicamente mutável e dinâmica. Yates e Orlikowski dizem:

...estruturas sociais emergem de contextos históricos [...] constituídos pelo trabalho colaborativo de pessoas [...]. [O gênero é entendido, portanto,] como ações comunicativas situadas em práticas sociais que moldam e são moldadas por ele (YATES; ORLIKOWSKI, 1992 apud BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 20)⁹

A noção tradicional da estrutura é bastante determinista e, por isso, podemos fazer um paralelo com a visão de Bitzer (1968) sobre a recorrência das situações retóricas, na qual haveria uma configuração externa de indivíduos, objetos e eventos que se repetiria e, a partir da recorrência desses aspectos materiais da situação retórica, surgiria uma resposta (gênero) específica para ela, ou seja, a situação determinando o gênero a ser utilizado. O que a noção de dualidade de estrutura proposta por Giddens e seguida por Berkenkotter e Huckin (1995) modifica é aquilo que Miller (2012 [1984]) propõe para seu conceito de tipificação. Portanto, a estrutura é socialmente construída e reconhecida pelos indivíduos, contudo, ao mesmo tempo em que restringe e molda algumas ações, ela é moldada por essas mesmas ações.

Por fim, o quinto princípio é o da propriedade da comunidade. Baseados no conceito de Swales (1990) de comunidade discursiva, Berkenkotter e Huckin (1995), como vimos ao longo da discussão neste tópico, a todo momento, relacionam o conhecimento de gênero e, conseqüentemente, o conteúdo, a uma comunidade discursiva específica. Os autores, então, afirmam que a atividade científica é “coletiva, indutiva e cumulativa”¹⁰ (p. 23). Isso quer dizer que a prática situada científica é uma vivência das práticas durante toda a vida do pesquisador no seio de uma comunidade discursiva e essa prática é particular a essa comunidade, e todo o conhecimento de gênero que o indivíduo adquire é o produto dessas experiências.

Dessa maneira, Berkenkotter e Huckin (1995, p. 21) defendem que as convenções de gênero são um sinal “das normas, epistemologias, ideologias e ontologia social da comunidade discursiva”¹¹, o que é similar à ideia de Tardy (2003), para quem essas convenções genéricas instanciam o que é valorizado na escrita dos gêneros acadêmicos dentro da comunidade discursiva particular.

Pelos pontos abordados acima, percebemos que a perspectiva de Berkenkotter e Huckin (1995) é, como colocou Devitt (2004), uma perspectiva que supera os estudos tradicionais de gênero, pois compreende que a forma possui funções comunicativas que estão

⁹ “...social structures emerge from historical, institutional contexts constituted by collaborative work of people [...]. [Therefore,, genre is understood] as communicative actions situated in a stream os social practices which shape and are shaped by it.” (YATES; ORLIKOWSKI, 1992 apud BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 20)

¹⁰ “Such a narrative, [...], reinforces a view os scientific activity as collective, inductive, and cumulative.” (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 23)

¹¹ “Genre conventions signal a discourse community’s norms, epistemology, ideology, and social ontology.” (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 21)

inseridas em atividades situadas de comunidades discursivas específicas. Isso indica que o gênero é visto também no seu contexto de uso, em que é produzido e recebido. O grande acréscimo dessa perspectiva, podemos dizer, é a noção de conhecimento de gênero, concepção que acrescenta um aspecto individual à noção de gênero, uma vez que argumenta e mostra que o indivíduo é capaz de manipular os aspectos formais e retóricos dos gêneros para atender a seus objetivos da maneira mais adequada à situação e mais adequada à sua comunidade discursiva.

2.2.1 O diálogo entre a perspectiva sociocognitiva de gêneros e a sociorretórica

A proposta de Berkenkotter e Huckin (1995) se relaciona com a sociorretórica na medida em que a perspectiva sociocognitiva de gênero se apoia nas principais noções propostas por Miller (2012[1984]), Swales (1990) e Bazerman (2005). Como vimos, a perspectiva sociocognitiva, assim como a sociorretórica, compreende a dimensão social e retórica do gênero e enfatiza que a escrita de gêneros acadêmicos ocorre em uma prática situada, no interior de comunidades disciplinares específicas. A proposição da noção de conhecimento de gênero, é, então, o divisor entre as duas perspectivas, pois, com o conceito de conhecimento de gênero, os pesquisadores passam a buscar aspectos como a expectativas dos leitores do gênero (TSENG, 2011) ou investigar sobre o conhecimento de gênero e sua relação com a noção de sistema de gênero¹² (TARDY, 2003).

Ao analisar artigos de pesquisa, Berkenkotter e Huckin (1995) têm como objetivo compreender como os sujeitos da sua pesquisa leem e escrevem sobre a ciência. Os resultados da investigação mostraram que esses pesquisadores experientes buscam, em sua leitura de artigos de pesquisa, as informações que são novas e interessantes. Essa característica do valor da novidade pode ser percebida nas mudanças diacrônicas do gênero, como nos títulos, no *abstract* e, também, na organização retórica da seção de ‘Discussão’ do artigo. Além disso, Berkenkotter e Huckin (1995), em sua pesquisa, mostram que os movimentos retóricos são influenciados por razões contextuais, como a maneira que se lê dentro de uma comunidade discursiva.

Já Tseng (2011), utilizando-se da teoria sociocognitiva, busca relacionar os movimentos retóricos encontrados por Connor e Mauranen (1999) com as expectativas dos

¹² “Um sistema de gêneros compreende os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de forma organizada, e também as relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos.” (BAZERMAN, 2005, p. 32)

avaliadores dos projetos de pesquisa para mostrar que há uma tensão entre a escrita e as expectativas sobre o gênero. Há nesse trabalho, assim como em Berkenkotter e Huckin (1995), uma preocupação com a recepção do gênero.

Um terceiro trabalho que relaciona a sociorretórica e a teoria sociocognitiva é o de Tardy (2003), contudo, diferente dos outros dois trabalhos, a autora utiliza-se somente das noções teóricas propostas por Miller (2012 [1984]) e Swales (1990), sem que haja uma aplicação das categorias de análise de Swales (1990, 2004), isto é, a autora não utiliza as noções de movimento e passos retóricos.

Para nossa pesquisa, portanto, utilizamos a perspectiva sociocognitiva sobre o gênero como um apoio teórico que enfatiza a questão da escrita situada, isto é, que pode ser situada em um tempo e espaço determinados. Por exemplo, a escrita do projeto de pesquisa pode ocorrer durante a graduação, durante o mestrado, em diversas universidades, ou para agências de fomento, além de poder ser situada também em comunidades discursivas específicas.

O nosso trabalho utiliza esse destaque à prática situada para justificar a comparação que é feita entre as áreas de Linguística e Química. Apesar de já haver uma tradição de pesquisas comparativas dentro da sociorretórica, a perspectiva sociocognitiva ajuda a fundamentar teoricamente a influência que a comunidade discursiva exerce sobre a escrita dos textos.

Outro aspecto, é a noção de conhecimento de gênero, que permite justificar nossa escolha por projetos de pesquisa escritos por pesquisadores experientes, uma vez que esses pesquisadores, por serem especialistas em suas áreas e por já submeterem projetos para bolsas de produtividade, de PIBIC e para agências de fomento, representam a *expertise* na escrita desse gênero, evidenciando o que é mais valorizado ou não na área.

Por fim, podemos dizer que a perspectiva sociocognitiva não terá influência metodológica no momento da análise textual, a qual se embasa em uma categoria de análise proposta por Swales (1990). No entanto, para a análise contextual, que será conduzida por meio de entrevistas, utilizamos algumas das orientações vistas nas pesquisas de Berkenkotter e Huckin (1995), na leitura dos artigos de pesquisa e na pesquisa de Tseng (2011), que trata das expectativas que os avaliadores têm sobre a escrita do projeto de pesquisa.

2.3 A noção de comunidade discursiva e seus critérios de identificação

O conceito de comunidade discursiva, desde a sua proposição inicial por Swales (1990), e mesmo antes disso, já estava atrelado a alguns problemas quanto a sua definição.

Swales (1990) critica que as definições iniciais são um aglomerado de ideias que não fornecem critérios concretos para identificar o que é uma comunidade discursiva e defende que, para o conceito de comunidade discursiva ser central em um conjunto de ideias, como a noção de gênero, é necessário estabelecer critérios claros, para que outros pesquisadores possam aceitá-los, modificá-los e, até, rejeitá-los.

Outra crítica de Swales (2006) é com relação às perguntas que surgem após as considerações de Herzberg (1986 apud SWALES, 1990). De acordo com Swales (1990), questionar a) “como uma comunidade discursiva particular utiliza suas convenções discursivas para iniciar novos membros” (p. 22) e b) “como o discurso materializa os valores e crenças particulares” (p. 22) é procurar antecipar buscas mais complexas. Por isso, o autor insiste que, inicialmente, os pesquisadores deveriam se perguntar “como nós reconhecemos essas comunidades” (SWALES, 1990, p. 22).

Devido a essa vagueza da definição, outros questionamentos surgem, principalmente com relação ao ambiente acadêmico. Porter (1987 apud SWALES, 1990) questiona se uma comunidade discursiva é aquela que possui objetos de estudo em comum ou que compartilha metodologias de pesquisa ou que possui gêneros e convenções estilísticas compartilhadas. Swales (1990) responde a essa questão explicitando que não são essas características isoladas que definirão a comunidade discursiva, mas a combinação entre algumas ou todas elas. Dessa forma, uma comunidade discursiva pode compartilhar os objetos de estudo, metodologias de pesquisa, gêneros e convenções de estilo. No entanto, esses não são critérios definitivos, uma vez que pesquisadores de letras, de pedagogia e de psicologia podem compartilhar o mesmo objeto de estudo e, ainda assim, não fazer parte da mesma comunidade discursiva.

Swales (1990) apresenta outro problema, qual seja o conceito de comunidade discursiva que surgiu no conflito com a noção de comunidade de fala. O pesquisador argumentou, primeiro, que a atividade escrita permite que membros de uma comunidade de fala se comuniquem com membros de lugares distantes. Em segundo lugar, existem diferenças entre um grupo sociorretórico e um grupo sociolinguístico. Swales (2016) explica que este é um grupo homogêneo, que vive em um mesmo espaço geográfico, que compartilha a mesma língua e que compartilha valores sociais, culturais e religiosos. Os grupos sociorretóricos, por outro lado, têm como principal determinante os interesses que as pessoas compartilham entre si. Dessa forma, os membros de comunidades discursivas, ou seja, de grupos sociorretóricos, não precisam, necessariamente, compartilhar a mesma religião ou a mesma língua, o que os une são interesses, objetivos e atividades semelhantes (SWALES, 2016).

Feitas tais considerações, Swales (1990) propõe seis critérios para identificação de uma comunidade discursiva. Esses critérios, posteriormente, foram criticados, e algumas das críticas envolvem a utopia, a rigidez das comunidades, a suposição de que não existem conflitos e tensões entre os membros e o fato de o conceito ser aplicado somente a comunidades discursivas já formadas e bem estabelecidas (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005). Em 2016, Swales propõe, então, algumas modificações nesses critérios, buscando mostrar que as comunidades não são estáticas e que existem conflitos dentro delas.

O primeiro critério diz que “uma comunidade discursiva tem um vasto conjunto de objetivos comuns públicos” (SWALES, 1990, p. 24). Esses objetivos são explicitamente apresentados quando falamos de associações e clubes, os quais possuem documentos que mostram sua missão, seus objetivos. Os objetivos podem ser também tácitos, isto é, reconhecidos pelos membros sem estarem explicitamente expostos. De acordo com Swales (1990), são esses objetivos compartilhados que formam a comunidade discursiva e não os objetos de estudo e as metodologias de pesquisa compartilhados.

A crítica a esse primeiro critério levou Swales (2016) a fazer uma expansão, buscando evitar a utopia de que todos os membros de uma comunidade discursiva possuem conhecimento real sobre seus objetivos. Assim, o autor retoma o critério e diz que esse conjunto de objetivos pode ser percebido por outros, mesmo sem estar explícito; que os objetivos podem estar explícitos em documentos, mas que o conjunto de objetivos pode ser totalmente ou parcialmente reconhecido pelos membros. Essa ideia de que os membros talvez não conheçam todos os objetivos, quando são criados de forma tácita, acrescenta à noção de comunidade discursiva a possibilidade de conflitos entre os membros.

Em face do exposto, nos questionamos, conseqüentemente, se poderíamos chamar as áreas do conhecimento como a Linguística e a Química de comunidades discursivas. Com base nesse primeiro critério, podemos definir que os membros da área de Linguística, por exemplo, possuem um conjunto de objetivos que não estão explícitos em documentos, mas que são compartilhados por seus membros, como divulgar as pesquisas realizadas na área, fazer avançar os conhecimentos teóricos, ajudar no ensino de língua portuguesa na educação básica, refletir sobre os aspectos da linguagem, dentre outros. Dessa forma, é possível dizer que as áreas do conhecimento possuem um conjunto de objetivos e que, a partir desse primeiro critério, já possuem uma das características necessárias para serem consideradas como comunidade discursiva.

O segundo critério aponta que “uma comunidade discursiva possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros” (SWALES, 1990, p. 25). Como exemplo, são citadas

reuniões, conversas, trocas de correspondência, ou seja, os mecanismos de intercomunicação estão conectados às situações retóricas recorrentes que esses membros participam e aos suportes¹³ que utilizam, como jornais ou fóruns. Esse critério evidencia a necessidade da interação entre os membros. Swales (2016), ao retomar esse critério, pouco faz acréscimos, somente chama a atenção para os novos meios de comunicação digitais e enfatiza que sem meios de intercomunicação ou mecanismos de participação não existe uma comunidade real.

Retomando a questão sobre as áreas do conhecimento serem comunidades discursivas, podemos dizer que tanto a área de Linguística quanto a de Química permitem que seus membros se comuniquem por meio de periódicos eletrônicos, de bancas de defesa de dissertação e de tese e de eventos científicos, que são promovidos em todo o território brasileiro. Há, ainda, possibilidade de trocas através dos e-mails e das conversas presenciais ou via redes sociais digitais. Pela existência de mecanismos de intercomunicação, acreditamos que as áreas do conhecimento atendem, também, ao segundo critério de Swales (1990, 2016).

Em terceiro lugar, Swales (1990, p. 26) afirma que “uma comunidade discursiva utiliza seus mecanismos de participação para fornecer informação e *feedback*”. Neste critério, o autor retoma a questão da interação que precisa existir entre os membros, e, ao revê-lo, Swales (2016) lamenta por ele ser incompleto, devido ao fato de que, inicialmente, só deu atenção para o estímulo e para a resposta. O pesquisador expande essa interação para além da troca de informações. Assim, os mecanismos de participação servem para iniciar ações e atividades que vão desde o recrutamento de novos membros à promoção de mudanças e desenvolvimento dentro da comunidade discursiva (SWALES, 2016).

Aplicando o terceiro critério às áreas de Linguística e de Química, percebemos que os eventos científicos, as bancas avaliadoras, as trocas de e-mail e as conversas permitem que os membros da área recrutem novos membros, que, em discussões em eventos científicos, sejam propostas mudanças em determinados valores da própria comunidade. Isto é, as áreas do conhecimento atendem ao terceiro critério.

Como quarto critério, Swales (1990, p. 26) coloca que “uma comunidade discursiva utiliza e possui um ou mais gêneros no avanço comunicativo de seus objetivos”. Esse critério implica existência de expectativas discursivas dentro da comunidade, e que essas expectativas serão atendidas por meio de gêneros que são próprios da comunidade. Swales (2016) critica a si mesmo pelo uso do verbo “possuir”, uma vez que os gêneros não são possuídos

¹³ O suporte, na teoria de gênero, pode ser entendido como uma plataforma (como o Facebook) ou um local (como o *outdoor*) que instancia vários gêneros diferentes, com propósitos comunicativos diferentes. Isto é, o suporte permite que sejam produzidos diferentes textos que instanciam diferentes gêneros para agir sobre a realidade de maneiras distintas (BEZERRA, 2017, p. 37-40)

individualmente por cada comunidade discursiva. O que acontece, explica o autor, é que a comunidade discursiva seleciona gêneros que permitem-na alcançar seus objetivos. Dessa forma, os gêneros, ao serem utilizados e reutilizados para atender a esses objetivos, passam a se particularizar dentro da comunidade discursiva, mas não passam a ser propriedade de uma única comunidade (SWALES, 2016).

Percebemos esse compartilhamento por meio do próprio projeto de pesquisa, um gênero que a Linguística e a Química utilizam, mas que irá atender aos objetivos particulares dos membros de cada área. Isso remete ao argumento de Berkenkotter e Huckin (1995) de que as comunidades discursivas se apropriam do gênero e utilizam estratégias retóricas que mais se adequem a suas normas, ideologias e valores.

O penúltimo critério refere-se ao léxico específico que uma comunidade discursiva possui (SWALES, 1990). As comunidades discursivas, por meio das suas interações e trocas de informação e objetivos, criam uma terminologia que lhe é própria e que pode não ser compreendida por indivíduos que não fazem parte dela.

Swales (2016) fez poucas mudanças nesse critério, porém a modificação que propôs dá mais mobilidade à comunidade discursiva e retira a noção de um léxico específico pronto e acabado. Conseqüentemente, o autor passa a defender que uma comunidade discursiva adquiriu e continua a desenvolver e a refinar sua terminologia.

Esse critério é o mais evidente quando comparamos as áreas de Linguística e Química, devido a seus objetos de estudo serem tão diferentes e a suas metodologias de pesquisa não serem as mesmas. Podemos ilustrar como exemplo o uso das siglas TBHQ ou BTH, em Química, que significam, respectivamente, *terc-butil-hidroquinona* e *2,6-di-terc-butil-4-metilfenol*, termos próprios da área que indicam os elementos que formam a substância.

Por fim, Swales (1990, p. 27) apresenta o seguinte critério: “uma comunidade discursiva possui um limite de membros experientes com um nível aceitável de conteúdo relevante e expertise discursiva”. Esse critério se relaciona com a necessidade de existirem membros experientes e membros novatos e a necessidade de estimular os novatos a adquirirem o conhecimento sobre as convenções discursivas e sobre os gêneros para participarem plenamente da comunidade discursiva (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005). Na formulação de 1990, esse critério foi criticado por passar uma impressão de rigidez. Por essa razão, sua reformulação propõe que existe uma estrutura hierárquica implícita ou explícita que permeia a entrada, a participação e o desenvolvimento da comunidade discursiva (SWALES, 2016).

Quando se fala do meio acadêmico, podemos utilizar alguns critérios para estabelecer quem são os membros experientes e quem são os novatos: um deles é a titulação, pois supõe-se que aqueles pesquisadores que são doutores e pós-doutores possuem mais conhecimento sobre o funcionamento da comunidade discursiva e possuem, também, mais conhecimento sobre as convenções genéricas do que aqueles alunos que estão no quinto período do curso de graduação. No entanto, essa organização não é estática, devido à possibilidade de avanço do conhecimento dos membros iniciantes. A Linguística e a Química, portanto, apresentam a presença de membros experientes e inexperientes e, conseqüentemente, determinam, também, uma hierarquia entre os membros.

Feitas as devidas exemplificações e correlações entre as áreas do conhecimento e os seis critérios de Swales (1990, 2016), acreditamos que as áreas podem ser compreendidas como comunidades discursivas, pois possuem um conjunto de objetivos em comum, bem como possuem meios de comunicação entre os membros. Assim, cada uma se apropria dos gêneros e desenvolve convenções discursivas próprias, além de também desenvolverem uma terminologia particular. As áreas do conhecimento ainda possuem uma hierarquia de membros novatos e de membros experientes que ajudam a desenvolver a comunidade.

Entretanto, ao reformular os seis critérios propostos em 1990, Swales (2016) percebe a necessidade de propor mais dois novos critérios que ajudam na identificação das comunidades discursivas. O sétimo é definindo da seguinte maneira: “uma comunidade discursiva desenvolve uma noção de ‘relações silenciosas’” (SWALES, 2016, 16). Isso quer dizer que existem conhecimentos tácitos entre os membros que não precisam ser ditos ou expostos.

O oitavo critério é: “uma comunidade discursiva desenvolve horizontes de expectativas” (SWALES, 2016, p. 16). Em outras palavras, uma comunidade discursiva possui seu próprio ritmo de trabalho e uma noção do que é um trabalho relevante ou não. Isso pode ser exemplificado pela conversa entre orientadores e orientandos na graduação. O orientando escreveu um artigo e pretende publicar, no entanto, o orientador percebe que o trabalho precisa de melhorias e modificações para que seja uma pesquisa adequada para publicação. Essa noção do que é adequado ou não para publicar é próprio dos valores de cada comunidade discursiva que não são necessariamente iguais para todas.

Um fator que não foi considerado por Swales (2016) é a relação desse oitavo critério com o primeiro. Se os objetivos podem ser parcialmente ou totalmente reconhecidos por participantes, significa que pode haver dentro da comunidade discordâncias sobre o que é adequado ou não e sobre os ritmos de trabalhos. Contudo, ao estabelecermos essa possibilidade de conflito dentro da comunidade discursiva através da relação entre dois

critérios, queremos mostrar que os critérios de Swales (2016), ao serem reformulados, passam a contemplar essas possibilidades de tensão e de pensamentos diferentes dentro da mesma comunidade discursiva.

Em relação às áreas do conhecimento e aos critérios sétimo e oitavo, acreditamos que há, nas áreas, essa noção das relações silenciosas e dos horizontes de expectativas, principalmente se as correlacionarmos com as considerações da perspectiva sociocognitiva. Berkenkotter e Huckin (1995) defendem que o conhecimento de gênero, isto é, que a capacidade do indivíduo de agir retoricamente e de maneira adequada em situações retóricas recorrentes só é possível se houver uma participação em práticas situadas e reais. Seria, então, nessas atividades situadas, que os membros iniciantes das áreas do conhecimento aprenderiam sobre essas relações silenciosas e sobre como deve ser o ritmo de trabalho da comunidade e o que é adequado ou não.

Apesar de as áreas do conhecimento atenderem aos critérios propostos por Swales (2016), surge um problema em relação às subáreas de pesquisa. No caso da Linguística, por exemplo, temos a subárea de análise de gêneros, de sociolinguística, de enunciação, de historiografia linguística, dentre outras. Conseqüentemente, é possível questionar se essas subáreas seriam também comunidades discursivas e se seria possível uma comunidade discursiva maior conter comunidades discursivas menores.

O que podemos perceber é que as subáreas de pesquisa também atendem aos oito critérios de Swales (1990, 2016). Assim, podemos dizer que essas subáreas possuem um conjunto de objetivos e que elas possuem mecanismos de intercomunicação entre os seus membros, permitindo a interação entre eles. Além disso, elas selecionam e se apropriam de gêneros, como vemos no trabalho de Monteiro (2016), no qual as estratégias retóricas da seção de metodologia do projeto de pesquisa variam de acordo com a subárea do conhecimento. Por último, elas possuem um léxico específico, membros experientes e novatos, como também ritmos de trabalho próprios e uma noção do que é ou não um trabalho adequado.

Responder a essa questão, no entanto, não é o objetivo desta pesquisa. O que se propõe, ao levantarmos esse questionamento, é destacar que fica claro, para nós, que, dentro da tradição de análise de gêneros na sociorretórica, a definição do que será a comunidade discursiva em análise é do próprio pesquisador. Isto é, com base em seu problema de pesquisa, em seus objetivos e em seu *corpus*, o analista de gênero delimita sua comunidade discursiva e pode fazê-la com base nos oito critérios propostos por Swales (1990, 2016).

Neste trabalho, optamos por utilizar a noção de comunidade discursiva relacionada às áreas do conhecimento e não às suas subáreas.

Postos os critérios, Swales (1990) define que as comunidades discursivas são:

redes sociorretóricas que se formam para trabalhar em direção a um conjunto de objetivos em comum. Uma das características que os membros experientes dessas comunidades discursivas possuem é a familiaridade com os gêneros particulares utilizados para alcançar aquele conjunto de objetivos. Em consequência, **gêneros são propriedades da comunidade discursiva**, isto quer dizer que **os gêneros pertencem a comunidades discursivas e não a indivíduos**, outros tipos de grupo ou para grandes comunidades de fala.¹⁴ (SWALES, 1990, p. 9. Grifos nossos)

Assim, percebemos que a noção de comunidade discursiva complementa a noção de gênero dentro de uma perspectiva teórica, e, porque não dizer, que ela antecipa a noção de gênero e de propósito comunicativo, haja vista que são as comunidades discursivas, e não os indivíduos, que se apropriam de gêneros particulares e os utilizam para agir sobre a realidade e alcançar os objetivos estabelecidos. Por consequência, as áreas do conhecimento podem ser consideradas comunidades discursivas e seus membros se apropriam de gêneros para alcançar seus objetivos, além de estabelecerem seus conjuntos de normas, valores e ideologias.

2.4 O estudo do gênero na Sociorretórica: organização retórica, movimentos e passos retóricos

Organização retórica é um termo utilizado comumente nos trabalhos de análise de gênero que utilizam as categorias movimento retórico e passo retórico (SWALES, 1990; 2004). O termo está conectado a uma análise macroestrutural de exemplares de um gênero, nos quais é observada a sequência em que as informações aparecem nos textos e sua função dentro do exemplar do gênero, isto é, observa-se a organização funcional dessas informações, que possuem funções específicas e mais particulares (HENDGES, 2001; BIASI-RODRIGUES; HEMAIS, 2005) e que se agrupam para que sejam alcançados os propósitos comunicativos do gênero.

¹⁴ “Discourse communities are sociorhetorical networks that form in order to work toward sets of common goals. One of the characteristics that established members of these discourse communities possess is familiarity with the particular genres that are used in the communicative furtherance of those sets of goals. In consequence, genres are the properties of discourse communities; that is to say, genres belong to discourse communities, not individuals, other kinds of grouping, or wider speech communities.” (SWALES, 1990, p. 9)

Essa estrutura funcional do gênero é encontrada após a investigação em diversos exemplares de textos (ou seções de texto) de um mesmo gênero e permite que seja percebida uma “estrutura de composição textual regular e padronizada para se configurar como um gênero” (BIASI-RODRIGUES; HEMAIS, 2005, p. 122). Isso quer dizer que, regularmente, aparecem as mesmas informações nos exemplares do gênero e sua recorrência sugere que existe uma organização que permite a identificação desse gênero. No entanto, cabe ressaltar, que não só a organização retórica, mas o propósito comunicativo e os aspectos contextuais influenciam na determinação de um texto como pertencente a um gênero específico, além disso, a regularidade das informações que aparecem é relativa, pois possui muito mais uma característica descritiva do que prescritiva.

O fato de haver uma “composição textual regular e padronizada” é o que permite às diversas pesquisas que analisam a organização retórica de um gênero propor modelos descritivos ou descrições esquemáticas, devido à recorrência da organização das informações nos textos. Contudo, essas descrições não são prescritivas, como dizem Connor e Mauranen (1999): a apresentação dos movimentos em determinada ordem não quer dizer que esta seja uma ordem canônica e imutável, embora, após a análise, é possível que seja identificada uma ordem mais comum e mais utilizada pelos escritores.

Como mostrado por Berkenkotter e Huckin (1995), a escrita do gênero sofre a influência da *expertise* do escritor, se ele é experiente ou inexperiente, da comunidade discursiva a que pertence e do lugar e do tempo retórico em que o gênero está sendo produzido. Essas influências contextuais fazem com que o uso do gênero seja situado e não permitem que as descrições esquemáticas encontradas sejam aplicadas de maneira prescritiva. O que é possível, através das descrições das organizações retóricas, é a explicitação das estratégias retóricas valorizadas por uma comunidade discursiva dentro de um determinado contexto de escrita.

Uma outra característica presente quando se fala em organização retórica são os aspectos textuais e linguísticos (BAWARSHI; REIFF, 2013), pois, além de uma sequência das informações, há também o uso de estratégias textuais e linguísticas para apresentar essas informações, ou seja, são marcas linguísticas mais concretas, que permitem a identificação da realização dos passos retóricos e também compõem a organização retórica.

A análise da organização retórica de um gênero possui, podemos dizer, duas tradições de pesquisa. Quando o gênero é menos extenso, como o *abstract* (MOTTA-ROTH; HENDGES, 1998) ou a resenha (BEZERRA, 2002), os pesquisadores elaboram descrições macroestruturais de todo o texto. No caso de textos mais extensos, como o artigo de pesquisa

(SWALES, 1990; HENDGES, 2001) ou o projeto de pesquisa (JUCÁ, 2006; SILVA, 2015a; 2016; RIO LIMA, 2015; 2016; OLIVEIRA, 2016; MONTEIRO, 2016 ALVES FILHO, 2018), os pesquisadores escolhem somente uma seção pertencente ao gênero para analisar.

Além de já haver a investigação da organização retórica de um gênero, analisando movimentos e passos retóricos (MONTEIRO; 2016 OLIVEIRA, 2016), há também a possibilidade de pesquisar somente os movimentos retóricos (CONNOR; MAURANEN, 1999) ou somente os passos retóricos (LIM, 2012; ALVES FILHO, 2018).

Movimentos retóricos são, então, uma “unidade discursiva ou retórica que realiza uma função comunicativa coerente em um discurso oral ou escrito” (SWALES, 2004)¹⁵. Em outras palavras, o movimento retórico é uma unidade funcional que realiza dentro do texto alguma função mais específica, para “atingir um objetivo comunicativo principal’ dentro do objetivo comunicativo maior do gênero” (BAWARSHI; REIFF, p. 69), isto é, que permite alcançar o propósito comunicativo do gênero.

De maneira semelhante, Motta-Roth (1995 apud HENDGES, 2001, p. 11) define que o movimento retórico possui uma “função comunicativa específica e claramente definida”, mas acrescenta que os movimentos são blocos de texto, cada um com sua função específica, que se estendem por mais de uma sentença e que, em conjunto, constituem a totalidade de informações que devem estar contidas em um texto, para que ele seja reconhecido como exemplar de um dado gênero.

A identificação desses movimentos, portanto, de acordo com Connor e Mauranen (1999) é feita, por um lado, pela identificação de marcas linguísticas presentes no texto, e, por outro por essa relação que os movimentos mantêm com os propósitos comunicativos do gênero. Por haver essa complementação para a identificação dos movimentos, Alves Filho (2018, p. 138) pondera que mesmo sendo possível identificar características textuais, sua identificação dentro do texto e a identificação de sua função dependem de “fatores extralinguísticos como propósitos comunicativos, interações e processos cognitivos”, o que pode tornar a tarefa do analista mais difícil.

A dificuldade em definir quais movimentos retóricos ocorrem dentro do texto tem relação com a dificuldade em se estabelecer o propósito comunicativo de um gênero. Inicialmente, o propósito ocupava uma posição principal para a identificação do gênero e era tido como a categoria principal dos estudos de gênero, contudo, Askehave e Swales (2009) reformulam essa compreensão devido a dois fatores. O primeiro é que a análise feita pelo

¹⁵ “A ‘move’ in genre analysis is a discursual or rhetorical unit that performs a coherent communicative function in a written or spoken discourse.” (SWALES, 2004, p. 228)

pesquisador se dá dentro de um *corpus* restrito, produzido em situações comunicativas específicas e com a participação de membros de uma comunidade discursiva específica. O segundo fator é que, após a análise textual dos exemplares do gênero, podem ser percebidos propósitos que não estavam explícitos desde o início. Assim, esses aspectos influenciam na identificação do propósito comunicativo do gênero.

A identificação dos movimentos retóricos se torna, conseqüentemente, uma tarefa complexa, pois pode não haver consenso entre os pesquisadores sobre os propósitos comunicativos do gênero (ALVES FILHO, 2018) e, por essa falta de consenso, poderão existir diferenças na identificação, nomeação e descrição dos movimentos retóricos.

Alves Filho (2018, p. 138) evidencia que os movimentos retóricos são nomeados a partir de “uma função retórica descrita por um analista com base em passos retóricos funcionalmente congruentes”. Dessa forma, a identificação dos movimentos recai sobre a dificuldade identificada por Askehave e Swales (2009) para os propósitos comunicativos, que é a restrição do *corpus* a um contexto particular de escrita e a descoberta de propósitos comunicativos novos durante a análise. O pesquisador, partindo da análise restrita do seu *corpus*, propõe um agrupamento dos passos retóricos com base em generalizações que ele mesmo faz (ALVES FILHO, 2018).

Um exemplo da dificuldade de se estabelecer o que é um movimento retórico de gênero advém do trabalho de Connor e Mauranen (1999). As autoras propõem para o gênero projeto de pesquisa submetido a agências de fomento dez movimentos retóricos, quais sejam; Território (*Territory*), Lacuna (*Gap*), Objetivo (*Goal*), Meios (*Means*), Reportando Pesquisa Prévia (*Reporting previous research*), Resultados (*Achievements*), Benefícios (*Benefits*), Reivindicando Competência (*Competence Claim*), Reivindicando Importância (*Importance Claim*), Reivindicando Conformidade (*Compliance Claim*).

Como mostra Alves Filho (2018), a proposta de Connor e Mauranen (1999) acaba por confundir um movimento retórico com seções comumente presentes no projeto de pesquisa. Apresentar os objetivos (Objetivo) e descrever a metodologia da pesquisa (Meios) são, de fato, ações que permitem que o escritor do projeto realize o propósito comunicativo desse gênero. No entanto, o trabalho de Monteiro (2016) mostra que Meios (metodologia) não é um movimento, mas uma seção do projeto de pesquisa que possui movimentos retóricos próprios, que, por sua vez, agrupam passos retóricos. É esse o caso, por exemplo, do Movimento 4, *Descreve a etapa de análise dos dados*, o qual possui como passos retóricos: *Descrevendo o(s) procedimentos de análise dos dados* e *Indicando a(s) categoria(s) de análise* (MONTEIRO, 2016, p. 61). Conseqüentemente, a redução feita por Connor e Mauranen

(1999), pode esconder diversos aspectos retóricos recorrentes na seção de Metodologia de um projeto (ALVES FILHO, 2018).

Os passos retóricos, por outro lado, não são categorias de análise abstratas como os movimentos retóricos, uma vez que os passos são as estratégias retóricas encontradas concretamente no texto por meio de marcas linguísticas. Essa categoria é considerada como retórica, porque realiza funções comunicativas mais particulares que as dos movimentos (ALVES FILHO, 2018) e por realizar e adicionar informações ao texto (MOTTA-ROTH, 1995 apud HENDGES, 2011).

Hendges (2001, p. 11), por partir de estudos que investigam movimentos e passos, isto é, a organização retórica, destaca os passos retóricos como “estratégias constitutivas mais específicas que se combinam para formar a informação que perfaz o movimento”. Em outros termos, a autora dá ênfase a dois aspectos do passo, o fato de ele ser uma estratégia retórica mais específica que o movimento e o fato de os passos retóricos constituírem os movimentos retóricos, o que remonta ao que foi dito acima, do agrupamento ser feito por um analista.

Alves Filho (2018, p. 139), por ter escolhido trabalhar somente com os passos e não com os movimentos, destaca que o passo retórico, “em relação ao propósito comunicativo e ao movimento retórico, depende menos de fatores contextuais e é menos abstrata[o]”, pois possui uma realização textual identificável concretamente e de forma precisa pelo pesquisador. O autor ainda defende que os passos são a “categoria mais próxima da realidade dos escritores” (ALVES FILHO, 2018, p. 139).

O que percebemos da definição de ambos os autores é o consenso de que os passos realizam funções comunicativas e retóricas mais específicas, mas Alves Filho (2018) acrescenta que sua realização em exemplares de gêneros pode ser compartilhada por outros pesquisadores, o que facilitaria o ensino do gênero projeto de pesquisa, por exemplo, a pesquisadores iniciantes, por não serem abstratos como os movimentos.

A proposta metodológica de Alves Filho (2018) leva, então, a uma busca pela identificação e caracterização dos passos retóricos que são realizados recorrentemente pelos escritores de projetos de pesquisa submetidos e aprovados em seleção de mestrado de uma universidade brasileira. Há, entretanto, um outro caminho metodológico. Lim (2012), em seu trabalho, parte de um modelo de organização retórica já bem estabelecido, o modelo CARS (*Create a Research Space*) reformulado por Swales (2004), e tem como objetivo analisar somente as realizações dos passos retóricos presente no Movimento ‘Estabelecendo um nicho’ (*Establishing a niche*).

Percebendo essa possibilidade de analisar somente os passos retóricos, por serem mais concretos, propomos a investigação de três passos retóricos, e não da organização de uma única seção do projeto de pesquisa, na busca de compreender sua utilização em projetos de pesquisa escritos por pesquisadores especialistas nas áreas de Linguística e Química.

3 PESQUISA E O PROJETO DE PESQUISA

O gênero projeto de pesquisa é, como já dito anteriormente, muito importante para a atividade de pesquisa. De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010), pesquisar é uma das atividades humanas em que o planejamento prévio é essencial para que se alcancem os objetivos projetados. Em outras palavras, o projeto organiza ações que serão realizadas em uma ordem pré-estabelecida para alcançar objetivos e conseguir respostas para um problema.

Barros (2005), ainda que enfatize que o projeto é um roteiro e um instrumento de planejamento, acrescenta que este gênero é também uma proposta, o que significa dizer que o projeto é muito mais que uma escrita para o uso particular do próprio escritor, o projeto é uma proposição de algo para alguém, seja uma agência de fomento ou uma seleção de pós-graduação, por exemplo.

Pensando nessa característica de propor algo, o projeto de pesquisa se torna um gênero de grande importância para os pesquisadores, principalmente para aqueles com mais experiência. Como mostram Connor e Mauranen (1999), citando Myers (1990), antes de querer publicar um artigo, de apresentar a pesquisa em congressos e eventos científicos, esses pesquisadores buscam o financiamento de agências de fomento para realizar sua pesquisa. Além disso, pesquisadores vinculados a universidades e, também, a cursos de pós-graduação, devem, normalmente, ter alunos que participam de programas de iniciação científica, para isso, eles devem submeter seus projetos para obterem aprovação ou não.

Por ser necessário para o desenvolvimento da pesquisa, o projeto de pesquisa é uma parte significativa do trabalho de pesquisadores (MYERS, 1990 apud CONNOR; MAURANEN, 1999) e, por essa razão, é exigido nos cursos de graduação, nas seleções e durante os cursos de pós-graduação e, até, mesmo para aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa. Devido a esse constante uso do gênero projeto de pesquisa, é surpreendente que poucas pesquisas tenham sido realizadas sobre ele. Uma das razões para esse baixo número de pesquisas é o fato de o gênero projeto de pesquisa ser um “gênero de bastidores”, ou seja, não é um gênero público e de livre circulação. Como defende Monteiro (2016), essa circulação restrita torna o projeto de pesquisa um gênero “ocluso”¹⁶.

Até onde temos conhecimento, os estudos que foram realizados sobre esse gênero, até esse momento, limitam-se a analisar a organização retórica das seções de projetos de pesquisa submetidos a agências de fomento (CONNOR; MAURANEN, 1999; TSENG, 2011), de

¹⁶ “Occluded genre” (SWALES, 2004, p. 24)

projetos de dissertação qualificados (JUCÁ, 2006) e de projetos submetidos a programas de pós-graduação em nível de mestrado (SILVA, 2015; MONTEIRO, 2016; ALVES FILHO; OLIVEIRA, 2017; ALVES FILHO, 2018).

Na pesquisa aqui relatada, buscamos voltar a análise para os pesquisadores experientes e não mais para os projetos dos pesquisadores iniciantes, analisando projetos submetidos não só a agências de fomento, mas projetos de iniciação científica e de bolsa de produtividade, porque eles também são escritos por pesquisadores experientes e podem ajudar a evidenciar as características retóricas mais valorizadas desse gênero dentro das áreas aqui estudadas.

Nesta seção, discutimos algumas características do projeto de pesquisa que já são conhecidas e apresentamos o que já foi dito sobre seus propósitos comunicativos, além de abrirmos uma discussão sobre os passos retóricos que são objetos de análise nesta pesquisa, quais sejam ‘relatando pesquisa prévia’, ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas do mundo real’.

3.1 Para que serve o projeto de pesquisa?

O projeto de pesquisa, como proposto por Barros (2005), apresenta três tipos de relações existentes, quais sejam uma institucional, uma com o leitor do projeto e outra com o próprio escritor do projeto. Tal afirmação se aproxima da metáfora que Tseng (2011) propôs de “gênero como tensão ou luta”¹⁷, pois há, na escrita do projeto, a necessidade de adequação das intenções do próprio escritor à instituição a que submete o projeto, como também adequação às expectativas dos avaliadores.

Essa tensão acontece pela disputa entre as forças centrípetas e centrífugas propostas por Bakhtin e defendidas por Tseng (2011). Isso quer dizer que o projeto de pesquisa está submetido a forças centrípetas, que correspondem às regulações externas da instituição e dos avaliadores, enquanto as forças internas, que correspondem às intenções do escritor, lutam através de uma força centrífuga. Dessa forma, os propósitos comunicativos do gênero projeto de pesquisa parecem estar em busca de se adequar a esses três aspectos.

Apesar de não partir de teorias de gênero, sejam elas sociorretóricas ou de caráter cognitivo, Barros (2005) incorpora uma visão sociorretórica ao elencar sete funções para o projeto de pesquisa, as quais se aproximam da explicação feita por Tseng (2011). Essas

¹⁷ Genre as struggle (TSENG, 2011, p. 2260)

funções podem ser divididas em dois grupos maiores: 1) funções formais e burocráticas; e 2) funções operacionais.

A funções burocráticas são aquelas relacionadas a exigências institucionais. Para explicá-las, Barros (2005) utiliza o caráter obrigatório que o projeto tem como item curricular. Mesmo sem apresentar uma função explícita para isso, acreditamos que o autor chama de funções burocráticas do projeto de pesquisa o fato de a produção do projeto ser um item obrigatório, em algumas áreas do conhecimento, para deferir a inscrição de um candidato na seleção do mestrado. Assim, outras funções burocráticas do projeto são: cumprir com a carga horária do curso de graduação; cumprir com a exigência da disciplina de TCC I, na graduação; permanecer no curso de pós-graduação (mestrado/doutorado) por meio da qualificação do projeto; dentre outros exemplos.

As funções operacionais são aquelas “inerentes à própria realização de uma pesquisa em si mesma” (BARROS, 2005, p. 11). Essas funções parecem se dividir em dois eixos principais. O primeiro tem a ver com as funções do projeto e o seu leitor. Já o segundo contempla funções do projeto de pesquisa para o próprio pesquisador, o que aproxima essas funções às intenções do próprio escritor.

Ainda seguindo a lógica de Barros (2005), podemos dizer que as funções operacionais do projeto, em relação aos seus leitores, são: a) “exibir uma proposta investigativa para a instituição acadêmica” (p. 12), como uma carta de intenções que pretende **convencer a banca avaliadora da sua competência como pesquisador e como candidato interessante para o programa de pós-graduação** (grifo nosso); b) “expor a pesquisa em andamento ao olhar de outros pesquisadores para que eles possam contribuir significativamente para a pesquisa” (p. 13), estabelecendo um diálogo científico e acadêmico; c) “oferecer um retrato da pesquisa que está em andamento” (p. 13).

As funções operacionais em relação ao próprio escritor do projeto de pesquisa, de acordo com Barros (2005), são: d) “permitir a efetivação dos múltiplos recortes da pesquisa” (p.13), tornando-a possível, viável e relevante, o que serve como um direcionador da pesquisa; e) “sistematizar a pesquisa de maneira clara para si mesmo para alcançar os objetivos pretendidos” (p.13), como um roteiro de trabalho; f) “esclarecer, ao próprio escritor do projeto, as melhores maneiras de articular as ideias sobre a literatura já existente naquele campo do conhecimento e como confrontá-los” (p. 13), assim, o projeto serviria como um instrumento de elaboração de ideias e para autoesclarecimento.

As funções propostas por Barros (2005) evidenciam que os gêneros podem possuir diversos propósitos comunicativos, no entanto, o autor dá ênfase a funções do projeto de

pesquisa que estão mais próximas a um uso mais pessoal do projeto de pesquisa, pois insiste bastante na ideia de que o projeto é um roteiro e é um instrumento de planejamento para o próprio escritor.

Partindo das teorias de gênero e, também, de um estudo específico com projetos de pesquisa submetidos e aprovados por uma agência de fomento, Connor e Mauranen (1999, p. 48) enfocam que a função do projeto de pesquisa é “persuadir os avaliadores e as agências de fomento oficiais a financiar a pesquisa proposta”¹⁸. Como mostra Monteiro (2016), não só os projetos destinados a agências de fomento, mas projetos que são instrumento para ingresso em cursos de pós-graduação e, acrescentamos, projetos para bolsas de iniciação científica e projetos para bolsa de produtividade, devem persuadir seus avaliadores, indicando a relevância da pesquisa.

Para persuadir os avaliadores, os escritores devem, conseqüentemente, capturar sua atenção, descrevendo sua ideia, adequando o projeto às expectativas desses avaliadores e da agência de fomento, além de estabelecer a competência do escritor que propõe a pesquisa (CONNOR; MAURANEN, 1999). Semelhante a Barros (2005), Connor e Mauranen (1999) remetem esse atendimento de expectativas tanto à relação com a instituição, quanto às expectativas dos avaliadores, e reforçam que a escrita de um gênero é envolvida em tensão (TSENG, 2011), e, por essa tensão constante, é que os propósitos comunicativos de um gênero são mais “evasivos, múltiplos, sobrepostos e complexos do que originalmente concebidos [por Swales]” (ASKEHAVE; SWALES, 2009, p. 223).

Tseng (2011), que analisou a expectativa dos avaliadores de projetos submetidos a agências de fomento, definiu três finalidades do projeto de pesquisa. A primeira delas é a persuasão do avaliador, a segunda é a autopromoção e, por fim, a autora defende que o projeto é também um ato de promessa. Apesar de Tseng (2011) definir esses três atos para o projeto, eles não são completamente separados um do outro. Como defendeu a autora, para que se realize o ato de promessa é preciso que os outros dois atos tenham sido performados de maneira satisfatória. Assim, esses três atos devem ocorrer concomitantemente no projeto para que se convença a banca avaliadora.

Os três autores citados anteriormente, portanto, reconhecem que o projeto de pesquisa é um gênero persuasivo, que sua realização, não importa em qual situação retórica, tem sempre o propósito comunicativo de convencer o avaliador de que aquela pesquisa é relevante e que o escritor é um pesquisador competente. Isso mostra que as funções de roteiro e de

¹⁸ The communicative purpose of a grant proposal is to persuade proposal reviewers and grant agency officials to fund the proposed research. (CONNOR; MAURANEN, 1999, p. 48)

instrumento de planejamento, como propostas por Barros (2005), ainda que presentes em um projeto de pesquisa, podem ser pensadas como estratégias para persuadir o leitor, pois o fato de se ter um passo a passo metodológico bem estabelecido e claro, por exemplo, pode demonstrar ao avaliador que a pesquisa é exequível e que está bem planejada.

Dessa forma, as funções de Barros (2005) para o projeto de pesquisa podem ser compreendidas como funções dentro de um âmbito mais pessoal do escritor e que não são, necessariamente, compartilhadas por todos os escritores, haja vista que o roteiro e o planejamento da pesquisa podem ser feitos de formas mais individuais, sem a realização do projeto de pesquisa. Podemos também compreender essas funções como submetidas ao propósito comunicativo de convencer os avaliadores da importância e relevância da pesquisa, pois o fato de haver um planejamento, como dito antes, pode servir para persuadir o leitor. Isso mostra que a escrita de um gênero está a todo tempo em um confronto entre o individual e o coletivo, sendo que os aspectos individuais estão, de certa forma, submetidos às convenções e restrições do gênero e do contexto em que ele se realiza (TSENG, 2011).

3.2 Considerações sobre o que é pesquisa e sobre a escrita acadêmica

A noção de pesquisa, em seu sentido mais comum, pode ser entendida como uma simples atividade de indagar e explorar algo do mundo, como explicam Prodonov e Freitas (2013). No entanto, apesar de a pesquisa ser essa indagação e exploração de algo no mundo, ela deve ser diferenciada da pesquisa científica, a qual estabelece três fatores indispensáveis para sua realização, quais sejam a elaboração de um problema a ser resolvido, o estabelecimento de um conjunto de procedimentos metodológicos para conseguir responder à pergunta formulada e uma fundamentação teórica (PRODONOV; FREITAS, 2013).

A pesquisa científica, conseqüentemente, envolve diversos fatores além da simples busca por um conhecimento. Isto é, a pesquisa científica parte de um planejamento prévio, por meio do qual são levantadas perguntas, é feita a delimitação do tema, são estabelecidas hipóteses, são levantadas referências bibliográficas a respeito do tema, são estabelecidos procedimentos e são apresentados os resultados e conclusões, após a execução dos procedimentos metodológicos (PRODONOV; FREITAS, 2013). Assim, a curiosidade de uma criança ao desmontar seu carrinho de brinquedo, que possui um motor que o faz andar, pode ser considerada uma pesquisa, mas não poderia ser considerada uma pesquisa científica pela falta de planejamento dos procedimentos metodológicos e pela falta de leitura sobre o que já se sabe sobre o tema.

Além disso, é preciso considerar que a pesquisa, e mais precisamente a pesquisa científica, deve ser compreendida como uma busca por um conhecimento que é novo, pois pretende responder a uma pergunta de pesquisa. Esse conhecimento, no entanto, não deve ser novo somente para o próprio pesquisador, isto é, ele não deve levantar questionamentos de pesquisa com base somente no seu próprio conhecimento ou desconhecimento de algo, mas deverá considerar, como vemos em seguida, a área de pesquisa em que se insere e o que seus pares estão fazendo.

Como dito por Prodonov e Freitas (2013), o surgimento de um problema de pesquisa e da delimitação do tema pode surgir baseado em situações cotidianas, do trabalho ou até mesmo da participação em grupos de pesquisa que possuem um plano de trabalho definido, mas esse tema e pergunta precisam ser atuais e relevantes. Barros (2005) explica que, em acréscimo a esse interesse pessoal do pesquisador, um tema sofre pressões externas institucionais, da sociedade, das teorias vigentes na área e dos pares ou outros pesquisadores. Enfim, o tema e a pergunta de pesquisa são escolhidos com base no que atualmente essas pressões externas indicam, uma vez que a pesquisa que será desenvolvida precisa ter esse caráter de ser relevante para seus leitores (BARROS, 2005).

Para saber o que é relevante ou não na sua área de pesquisa, Motta-Roth e Hendges (2010) explicam que, no contexto da escrita acadêmica, é preciso selecionar e ler a bibliografia relevante para o tópico e que essa é a atividade mais importante, pois permite que o pesquisador determine os seus caminhos de pesquisa. Sobre isso, é salutar o pensamento de Luna (1999 apud MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 57): “o melhor teste de relevância de um problema é o confronto com o que pesquisadores e profissionais vêm fazendo na área”. Tal afirmação implica algumas considerações.

Conhecer o que os pesquisadores e profissionais da área estão fazendo é entender de um lado as teorias vigentes e mais relevantes e, de outro lado, as pesquisas efetivas que foram feitas. Motta-Roth e Hendges (2010), no contexto da explicação sobre o que é um projeto de pesquisa, defendem que o pesquisador precisa se colocar, primeiro, como pesquisador de sua própria área, pois deve, junto a uma sondagem da literatura da área, confrontar as pesquisas que foram realizadas entre elas mesmas para descobrir o que atualmente é relevante como problema, como metodologia e como perspectiva da pesquisa.

A leitura da literatura da área e, principalmente, de pesquisas prévias é, portanto, um ponto crucial para se entender o que é pesquisa. Se Prodonov e Freitas (2013) caracterizam a pesquisa como um estudo planejado com uma pergunta de pesquisa, com métodos e com base em uma teoria, podemos acrescentar a esse entendimento que a pesquisa envolve o

conhecimento de pesquisas prévias, as quais não foram capazes ainda de responder o questionamento proposto pelo pesquisador e, por isso, a pesquisa parte de uma lacuna de pesquisa, de algo que ainda não se sabe dentro da área do conhecimento.

Boote e Beile (2005), ao analisarem as seções de revisão de literatura de teses na área de educação, fazem algumas considerações sobre esse movimento de conhecer as referências teóricas e as pesquisas prévias, pois, para eles, é uma revisão de literatura minuciosa que permite uma boa pesquisa ser realizada. Para os autores, a pesquisa possui um movimento que lhe é próprio, que é o movimento de avançar o conhecimento coletivo dentro de uma área do conhecimento. Por essa razão, o pesquisador precisa não somente conhecer o que foi feito antes, mas contextualizar historicamente tal conhecimento prévio, criticando-o quando necessário para poder estabelecer o que é relevante e, mais importante, o que ainda precisa ser feito, aprendido ou realizado em termos de teoria e metodologia (BOOTE; BEILE, 2005).

Com base nessa discussão, faz-se importante realizar a distinção entre o que chamamos de referências teóricas e referências consideradas como pesquisas prévias. Esse termo, *pesquisas prévias*, é bastante utilizado nos trabalhos da sociorretórica que analisam gêneros acadêmicos, uma vez que, como visto anteriormente, a leitura do conhecimento prévio da área é bastante importante para a realização de qualquer pesquisa. Dessa forma, as pesquisas prévias passam a ser o termo utilizado para se referir a pesquisas efetivas, estudos anteriores. Se as pesquisas envolvem delimitação do tema, problema de pesquisa, procedimentos metodológicos, resultados e conclusões (PRODONOV; FREITAS, 2013), então, podemos entender que *pesquisas prévias* são trabalhos já realizados e já relatados em gêneros como artigo acadêmico, teses e dissertações, que possuem, efetivamente, problema de pesquisa, procedimentos metodológicos bem definidos, resultados e conclusões.

As referências teóricas, por outro lado, seriam o apoio teórico da pesquisa. São as referências utilizadas para definir conceitos centrais e fundamentar as análises que serão feitas. As referências teóricas estariam dentro do que Barros (2005) chama de Quadro Teórico, isto é, são referências utilizadas para expor como o pesquisador vê seu objeto de estudo, suas perspectivas e a maneira como irá tratar o tema. No caso desta pesquisa, podemos indicar que temos como referências teóricas autores como Swales (1990), Miller (2012 [1984]) e Berkenkotter e Huckin (1995), os quais discutiram a noção de gênero em uma dimensão social. Já como pesquisas prévias, para tratar da noção de Organização Retórica, utilizamos pesquisas já realizadas e já relatadas para destacar as tradições de pesquisa dentro da Sociorretórica e que analisaram os movimentos e passos retóricos.

Contextualizado a discussão sobre o que é pesquisa com o gênero aqui estudado, retomamos Motta-Roth e Hendges (2010) quando dizem que um projeto é um planejamento, o qual organiza a pesquisa que será realizada, isto é, ele organiza ações em uma ordem lógica e pré-estabelecida, para que o pesquisador possa alcançar seus objetivos e responder a sua pergunta de pesquisa. No entanto, ele é mais que somente um planejamento. Como vimos, o projeto de pesquisa também é um gênero altamente persuasivo, uma vez que é utilizado em situações comunicativas nas quais é avaliado.

Podemos compreender e estabelecer a hipótese de que, a partir disso, a persuasão do projeto de pesquisa está intimamente conectada a essa capacidade do pesquisador de propor uma pesquisa relevante através do conhecimento que possui sobre a literatura de sua área e estabelecer tema e problema de pesquisa pertinentes, que irão sanar lacunas de pesquisas. Sendo mais específicos, a persuasão realizada pelo gênero projeto de pesquisa está relacionada à apresentação, à discussão e ao confronto entre as pesquisas prévias, que abordam o tema da pesquisa proposta, pois, assim, é possível a indicação do que ainda pode ser feito ou ainda não foi investigado, isto é, estabelecer uma lacuna de pesquisa. Fazendo esse confronto entre as pesquisas prévias, avaliando suas metodologias, suas descobertas e suas conclusões e propondo uma lacuna de pesquisa a ser sanada, o pesquisador cumpre com o papel da pesquisa posto por Boote e Beile (2005), que é o de avançar o conhecimento dentro da área, o que justifica a expectativa de originalidade e de novidade da pesquisa.

No entanto, como partimos de uma teoria de gênero que compreende que grupos sociais distintos se apropriam do gênero de maneiras diferentes e, conseqüentemente, utilizam estratégias retóricas que mais se adequem aos seus objetivos como comunidade discursiva, não poderíamos generalizar e dizer que essa retomada das pesquisas prévias para posterior indicação de lacuna é uma estratégia de todas as áreas do conhecimento, nem poderíamos afirmar categoricamente que as pesquisas prévias serão relatadas e apresentadas ao leitor da mesma maneira. Na realidade, é precisamente isso que buscamos compreender neste trabalho: o tratamento ou a forma como os pesquisadores experientes das áreas de Linguística e Química realizam determinados passos retóricos, sendo um deles a indicação de lacunas.

Como foi posto, existe certo consenso entre os autores (BARROS, 2005; BOOTE; BEILE, 2005; MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010; PRODONOV; FREITAS, 2013) de que é necessário, para a atividade de pesquisa científica em qualquer área do conhecimento, a leitura tanto de referências teóricas quanto de pesquisas prévias. Porém, como mostram Berkenkotter e Huckin (1995), as convenções do gênero, que podem ser encontradas na análise de movimentos e passos retóricos, por exemplo, estão relacionadas às comunidades

discursivas a que pertencem e evidenciam o que é mais valorizado ou menos valorizado como estratégia retórica, além de evidenciarem os valores, normas e ideologias das comunidades discursivas.

No tópico a seguir, apresentamos os resultados de algumas pesquisas que analisaram os movimentos e passos retóricos de diversas seções do gênero projeto de pesquisa em diferentes situações retóricas, procurando compreender o que já se sabe sobre essas três estratégias: relatar pesquisas prévias, indicar lacunas de pesquisa e indicar problemas do mundo real.

3.3 A análise do gênero projeto de pesquisa

3.3.1 Contextualização das pesquisas prévias que investigaram o projeto de pesquisa

A organização retórica do projeto de pesquisa foi analisada por alguns pesquisadores, e essas investigações podem ser divididas em trabalhos que analisam todo o projeto (CONNOR; MAURANEN, 1999) e trabalhos que analisam uma única seção (JUCÁ, 2006; SILVA, 2015a; RIO LIMA, 2015; MONTEIRO, 2016; ALVES FILHO, 2018). As seções que foram analisadas separadamente foram aquelas consideradas como mais relevantes para um projeto de pesquisa e para o ato de pesquisar em si.

Jucá (2006) explica que sua escolha em analisar a seção de Justificava de projetos justifica-se por ser uma seção determinante para que o projeto de pesquisa cumpra seus propósitos comunicativos. O mesmo caso ocorre com a análise da seção de fundamentação teórica, que era a mais extensa nos projetos de pesquisa analisados por Rio Lima (2015), e com a análise da seção de metodologia (MONTEIRO, 2016), a qual explicita o planejamento dos procedimentos metodológicos para alcançar os objetivos de pesquisa.

As áreas escolhidas por esses trabalhos é predominantemente a área de Linguística (JUCÁ, 2006, SILVA, 2015a; RIO LIMA, 2015; MONTEIRO, 2016; ALVES FILHO, 2018), apesar de pesquisas sobre a Justificativa (SILVA, 2016) e a Fundamentação Teórica (RIO LIMA, 2016) de projetos da área de História do Brasil terem sido realizadas. Connor e Mauranen (1999) não especificam a área dos projetos que analisaram, mas definem que são projetos submetidos à União Europeia e que são predominantemente finlandeses.

A evidente escolha dos pesquisadores em analisar a área de Linguística, deve-se ao fato de eles mesmos serem pesquisadores dessa área e possuírem conhecimento sobre algumas estratégias retóricas que são próprias de sua área. Em outros termos, ao analisar os projetos de Linguística, os pesquisadores terão maior facilidade em entender como aqueles

escritores estão agindo retoricamente, pois através do conhecimento do gênero que já possuem podem identificar as estratégias utilizadas.

Contudo, isso não impede que esses mesmos pesquisadores da Linguística, e mais precisamente da análise de gênero, investiguem projetos de pesquisa escritos por pesquisadores de outra área, uma vez que a análise da organização retórica está relacionada ao ensino de gênero a pesquisadores iniciantes. Assim, é papel do analista de gênero investigar outras áreas, que não são a sua, para explicitar determinadas características da organização retórica a pesquisadores iniciantes dessas outras áreas e buscar, para sua pesquisa, informantes que possam confirmar os dados que foram encontrados.

Outro aspecto dessas pesquisas já realizadas é que elas se dividem quanto à experiência dos escritores dos projetos analisados. Tomando como base o momento de escrita do projeto, estabelecemos uma hierarquia entre esses escritores. Percebemos que candidatos à seleção de mestrado são considerados iniciantes (SILVA, 2015a; RIO LIMA; 2015; MONTEIRO, 2016). Os projetos de dissertação, assim chamados por Jucá (2006), são aqueles produzidos por mestrandos que já tiveram contato com seus orientadores e tiveram a correção do seu projeto por esse orientador, que seria o pesquisador experiente. Os mestrandos já adquiriram mais conhecimento sobre o gênero projeto de pesquisa do que aqueles que apenas submeteram e tiveram seus projetos aprovados na seleção. Por fim, Connor e Mauranen (1999) analisaram projetos de pesquisadores experientes que enviam seus projetos para agências de fomento internacionais. Esses últimos, dentro da hierarquia aqui proposta, são os mais experientes e que possuem maior *expertise* na escrita do gênero, devido a sua prática na escrita acadêmica dentro de sua comunidade discursiva.

Feita essa contextualização sobre as pesquisas prévias que analisam o gênero projeto de pesquisa, percebemos algumas lacunas de pesquisa. A primeira delas é que a área de Química não foi contemplada em nenhum dos trabalhos até o momento. A segunda lacuna é que não foram desenvolvidos trabalhos sobre a análise de passos retóricos específicos e sua relação com a proposição da pesquisa e do problema de pesquisa, pois há maior ênfase na análise da organização retórica de uma seção e na sua escrita. Em terceiro lugar, não encontramos ainda pesquisas que analisem projetos de pesquisa escritos por pesquisadores experientes, em âmbito brasileiro.

Ressaltamos que as situações retóricas em que ocorreram a escrita dos projetos de pesquisa já analisados nas pesquisas prévias são distintas da que nos propomos analisar – projetos submetidos e aprovados em bolsas de iniciação científica, de produtividade e em agências de fomento –, mas os resultados dessas pesquisas permitem que vejamos indicações

de uso das estratégias retóricas que investigamos, quais sejam ‘Relatando pesquisa prévia’, ‘Indicando lacuna de pesquisa’ e ‘Indicando problemas do mundo real’.

A seguir, , apresentamos as descobertas feitas sobre a organização retórica do projeto de pesquisa e de suas seções, dando principal atenção à realização dessas três estratégias que são fundamentais para esta pesquisa.

3.3.2 Estudos sobre a organização retórica do projeto de pesquisa

Connor e Mauranen (1999) encontraram, em sua análise, dez movimentos retóricos que caracterizam o projeto de pesquisa como um todo. Como já comentamos, esses movimentos não possuem uma ordem canônica, mas, no Quadro 1, apresentamos os movimentos retóricos em sua ordem mais comum, como indicam as autoras.

Quadro 1 - Movimentos retóricos em projetos de pesquisa

Movimentos	Descrição e função
Território	“Responsável por estabelecer ‘o território no qual a pesquisa tomará lugar’, o qual pode ser um lugar do ‘mundo real’ (fora do espaço da pesquisa) e/ou o território (disciplina ou esfera) de pesquisa” (p. 53).
Lacuna	Tem como função “apontar para uma omissão, falha ou problema no território real ou de pesquisa, algo que precisa de uma intervenção ou explicação” (p. 53). Corresponde ao que Swales chamou de estabelecendo o nicho.
Objetivo	Expressa a finalidade geral da pesquisa e mantém uma relação direta com a movimento da lacuna, de tal modo que o objetivo possibilite sanar o problema indicado.
Meios ou recursos (metodologia)	Tem como função explicitar as estratégias (métodos, procedimentos, seleção de material e sujeitos etc.) que serão usadas para se atingir os objetivos traçados. No geral, há uma conexão direta entre lacuna, objetivo e meios, já que há a expectativa de que os meios permitam atingir os objetivos traçados para sanar as lacunas.
Reportando pesquisa prévia	Tem como função relatar pesquisas anteriores no campo de pesquisa.
Realizações	Apresenta, prospectivamente, os resultados ou descobertas esperadas.
Benefício	Envolve a utilidade e o valor dos resultados do estudo seja para o mundo “real” ou para o mundo da própria pesquisa.
Reivindicação de Competência	Contém informações sobre a qualificação, experiência e realizações do grupo de pesquisadores.
Reivindicação de Importância	Assevera que a proposta do projeto e de fato relevante, necessária ou urgente seja para o mundo “real” ou para o universo da pesquisa.
Condescendência	Declaração de condescendência do projeto em relação aos objetivos da agência de fomento.

FONTE: Alves Filho (2018, p. 140)

A partir de suas descobertas, as autoras defendem que o projeto de pesquisa possui características de um gênero promocional, pois tem o propósito de persuadir seus avaliadores a aceitar o projeto e, para isso, precisa chamar a atenção deles apresentando a ideia da proposta de pesquisa, a necessidade de realizá-la e a competência do próprio escritor. Para realizar esses objetivos de chamar atenção, o escritor, então, se utiliza de estratégias que aproximam o gênero projeto de pesquisa ao artigo de pesquisa, uma vez que, ao realizar o movimento ‘Território’, o escritor irá estabelecer um lugar no mundo real ou de pesquisa em que está localizada a pesquisa. Ao utilizar o movimento de ‘Lacuna’, mostrará que existe espaço para uma pesquisa nova e, através dos ‘Meios’, mostra como sanará a lacuna evidenciada, por exemplo.

As descobertas de Connor e Mauranen (1999) sugerem que o movimento ‘Lacuna’ é muito importante para a pesquisa em si, pois é uma estratégia retórica tanto do artigo de pesquisa como do projeto de pesquisa e é o movimento que implica a motivação da pesquisa, haja vista a necessidade de suprir com alguma insuficiência que existe. Isso quer dizer, em certa parte, que não se faz pesquisa sem indicação de lacuna, e que esse movimento é importante para atingir o propósito do gênero, pois é ele, acreditamos, que evidencia não só a motivação, mas também a necessidade da pesquisa.

Tseng (2011), ao comentar sobre as pesquisas que investigam o projeto de um ponto de vista da organização retórica, cita o trabalho de Connor (2000 apud TSENG, 2011), o qual identifica que, em um *corpus* novo, quatro entre os dez movimentos estabelecidos (CONNOR; MAURANEN, 1999) se repetem, são eles: Território, Lacuna, Objetivo e Meios. Esses quatro movimentos, de acordo com Tseng (2011), ocorreram consistentemente em todos os projetos, independente da área de pesquisa. Ou seja, indicar alguma falha ou que alguma coisa é incerta ou desconhecida é uma estratégia retórica relevante entre os pesquisadores experientes que escreveram esses projetos, pois mostra que há necessidade em sanar essa lacuna.

A particularidade desse movimento de ‘Lacuna’ é a sua divisão. Connor e Mauranen (1999) observam, em seu *corpus*, que a lacuna é uma insuficiência que se localiza ou em um âmbito teórico ou no mundo real. Isto é, as autoras tratam a lacuna como a motivação da pesquisa e isso quer dizer que essa motivação pode se iniciar: a) no mundo da pesquisa, através da indicação de que não se sabe de alguma coisa ou da indicação de problemas em metodologias; ou b) no mundo real, como problemas financeiros, no meio ambiente, dentre outros.

O movimento ‘Reportando pesquisas prévias’ tem a função de se referir a resultados, objetivos e metodologias de pesquisas já produzidas por outros pesquisadores ou pelo próprio escritor do projeto. É interessante destacar que esse movimento não aparece na lista dos movimentos que se repetem na pesquisa de Connor (2000 apud TSENG, 2011), no entanto, é esperado como uma estratégia fundamental da pesquisa e do projeto de pesquisa para torná-los relevantes (BOOTE; BEILE, 2005; MOTTA-ROTH, HENDGES, 2010).

Connor e Mauranen (1999), entretanto, não explicam qual a função da estratégia retórica ‘Reportando pesquisa prévia’ dentro do projeto, tampouco fazem sua relação com a Lacuna. O que podemos perceber, pelos trechos de exemplos colocados pelas autoras, é que nesse movimento há uma indicação dos trabalhos que foram feitos, seus resultados e metodologias, como uma contextualização, mostrando o que já se sabe.

Já o trabalho de Jucá (2006) analisa projetos de pesquisa qualificados em dois programas de pós-graduação do Ceará. Assim, seu *corpus* se divide em 10 projetos do programa de mestrado em Linguística, da Universidade Federal do Ceará (UFC) e 10 projetos do programa de mestrado em Linguística Aplicada, da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O autor, ao descrever os escritores desses projetos, os caracteriza como iniciantes na prática de escrita do projeto de pesquisa e, na análise dos seus dados, não faz comparações explícitas entre os projetos das duas instituições.

A falta de comparação entre os projetos do mestrado em Linguística e os projetos do Mestrado em Linguística Aplicada sugere que o autor tratou as duas instituições e os dois programas como uma única comunidade discursiva, se afastando das discussões sobre o que vem a ser a área de Linguística e de Linguística Aplicada e se há diferenças entre as estratégias que cada área utiliza. Assim, Jucá (2006) apresenta a organização retórica da seção de Justificativa de projetos de dissertação para a área de Linguística. O resultado encontrado por ele está no Quadro 2.

Quadro 2 - Padrão de organização retórica da seção de justificativa adaptado

UNIDADE RETÓRICA 1 – Estabelecer um território geral	
1.1 Fazendo um histórico de estudos da área/do objeto de estudo (e/ou)	Faz um histórico da “área de estudos antes da postulação de teorias mais modernas” (p.68) É possível que não haja menção a autores que estudaram o mesmo objeto.
1.2 Refutando teorias anteriores (e/ou)	Há menção a teorias e sua refutação.
1.3 Alegando motivações pessoais para a escolha do tema	“O autor relaciona a escolha do seu tema a um motivo de ordem pessoal” (p. 70).

UNIDADE RETÓRICA 2 – Estabelecer um território específico	
2.1 Resenhando/Indicando estudos relacionados ao tema específico da pesquisa (e/ou)	As teorias aqui citadas não são aquelas consideradas ultrapassadas como no passo 1.1. O autor descreve teorias que são adequadas e servem como aporte teórico para sua pesquisa.
2.2 Apresentando os objetivos da pesquisa (e/ou)	Com apoio em uma teoria, o autor indica seu objetivo de pesquisa.
2.3 Alegando adequação da teoria para a descrição do objeto	Justifica-se porque o aporte teórico escolhido é, de fato, adequado para a pesquisa.
UNIDADE RETÓRICA 3 – Justificar uma nova pesquisa	
3.1 Apontando lacunas na área (e/ou)	O autor dá a entender que não existem pesquisas sobre o tema.
3.2 Alegando relevância da pesquisa	Apresenta-se a contribuição para a área de pesquisa.

FONTE: Baseado nos resultados de Jucá (2006).

O modelo descrito de Jucá (2006) apresenta quatro passos que estão relacionados à ideia de pesquisa prévia e de indicação de lacuna, quais sejam: 1.1 - ‘Fazendo um histórico de estudos da área/do objeto de estudo’; 1.2 - ‘Refutando teorias anteriores’; 2.1 - ‘Resenhando/Indicando estudos relacionados ao tema específico da pesquisa’; e 3.1 - ‘Apontando lacunas na área’.

O primeiro elemento que se destaca nesses resultados é a ênfase que os escritores dos projetos dão à teoria. Dessa forma, quando Jucá (2006) utiliza o termo “estudos”, ele não se refere a pesquisas prévias, mas a referências teóricas. Assim, o passo 1.1 é um histórico de teorias que já estiveram vigentes na área. O passo 2.1 não é a indicação de uma lacuna de pesquisa propriamente dita, mas a menção de teorias que já foram superadas por sua área de pesquisa e que são refutadas pelo escritor do projeto.

Pouco diferente a essas considerações é o passo 2.1. Como vemos na sua descrição, no Quadro 2, o escritor resenha teorias que são mais modernas e que são aceitas pelos pesquisadores daquela área. Para exemplificar, citamos, no início deste trabalho, que os estudos de gênero eram classificatórios e só se preocupavam com a estrutura, com a forma e que, posteriormente, surgiram teorias que investigavam a dimensão social do gênero. Estas seriam as teorias modernas e vigentes encontradas no passo 2.1, aquelas seriam as ultrapassadas e citadas no passo 1.1.

Quanto ao passo 3.1, os escritores, ao apontarem a lacuna na sua área, fazem-no sem citar qualquer pesquisa prévia. No exemplo colocado por Jucá (2006, p. 75), o escritor utiliza a seguinte expressão: “Nas pesquisas no âmbito das motivações [...], sentimos falta de trabalhos...”. Vemos que há o reconhecimento de que existem pesquisas efetivas sobre o tema,

mas elas não são citadas em momento algum. Podemos compreender que, por essa razão, Jucá (2006, p. 75), ao explicar esse passo, utiliza a expressão “o autor dá a entender”, pois não há uma evidência concreta de que existe uma lacuna, haja vista a falta de referência a pesquisas prévias.

Podemos ainda fazer algumas considerações sobre o trecho escolhido por Jucá (2006) que serve de exemplo para o passo 3.1. Nas pesquisas de descrição da organização retórica, são escolhidos aqueles trechos mais prototípicos para servirem de exemplo aos passos retóricos encontrados. Assim, podemos tirar algumas conclusões do trecho presente na dissertação de Jucá.

A primeira é que não parece haver relato de pesquisa prévia em nenhum momento, pois os escritores utilizam expressões mais vagas e imprecisas e que fazem referências a um conjunto de pesquisas que não são referenciadas. Isso indica que não há, nessas justificativas, relação alguma entre as estratégias de relatar pesquisas prévias e indicar lacunas. A segunda conclusão é que o passo retórico 3.1 só evidencia um dos aspectos da Lacuna encontrada por Connor e Mauranen (1999), que é a indicação de lacuna no mundo da pesquisa.

Descobrimos com os resultados de Jucá (2006) que os escritores de projetos de pesquisa, mestrados da área de Linguística, realizam a função da seção de Justificativa por meio de referências teóricas e de lacunas de pesquisa. Em outras palavras, para convencer o leitor da relevância da pesquisa, função da seção de Justificativa, como indica Jucá (2006), é necessário o domínio das teorias, sua apresentação e sua adequação à pesquisa proposta, pois são argumentos de persuasão mais relevantes do que a apresentação das pesquisas prévias. E, apesar da indicação de lacuna ser um passo importante, ela acontece descontextualizada das pesquisas prévias e mais voltadas para a teoria.

Outro trabalho que também investiga a organização retórica da seção de Justificativa é o de Silva (2015a), um relatório de pesquisa desenvolvido durante o programa de iniciação científica, que analisou projetos submetidos e aprovados na seleção de mestrado, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), na área de Linguística. A autora obteve os seguintes resultados apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 - Padrão de organização retórica da seção de justificativa adaptado

MOVIMENTO 1 – INDICANDO MOTIVAÇÕES DEFLAGRADORES DA PESQUISA

Passo 1.1 - Reportando pesquisa prévia

Passo 1.2 - Apresentando lacuna na área de pesquisa

Passo 1.3 – Indicando problemas empíricos

Passo 1.4 - Alegando motivações para a escolha do tema

MOVIMENTO 2 – INDICANDO CAMINHOS NORTEADORES DA PESQUISA

Passo 2.1 - Indicando problemas/indagações da pesquisa

Passo 2.1 - Apresentando objetivos da pesquisa

MOVIMENTO 3 – APOIANDO-SE NO CAMPO TEÓRICO

Passo 3.1 - Caracterizando abordagem adotada

Passo 3.2 - Historiando conceitos/categorias/abordagens da área de pesquisa

Passo 3.3 - Definindo conceitos

Passo 3.4 - Explicando um fenômeno

Passo 3.5 - Apontando obras de referência para a pesquisa

MOVIMENTO 4 – REIVINDICANDO A APLICABILIDADE/UTILIDADE DA PESQUISA

Passo 4.1 - Justificando a relevância da pesquisa

Passo 4.2 - Indicando possíveis benefícios da pesquisa

MOVIMENTO 5 – INDICANDO MEIOS DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Passo 5.1 - Justificando a escolha do *corpus*

Passo 5.2 - Descrevendo o *corpus*

FONTE: Silva (2015a, p. 13)

Os resultados de Silva (2015a), diferentemente de Jucá (2006), mostram que, nesse *corpus*, os escritores já reportam pesquisas prévias sobre o tema e que essas pesquisas normalmente servem de base para a pesquisa que está sendo proposta. Não há oposição entre essas pesquisas, mas apoio. No entanto, a recorrência desse passo foi baixa e apresentou apenas 18% de frequência.

Em comparação, o uso de apoio teórico na seção de Justificativa é bem mais relevante que o uso de pesquisas prévias. Silva (2015a) mostra que 3 dos 4 passos que compõem o Movimento 3 - ‘Apoiando-se no campo teórico’, são mais recorrentes que o passo 1.1, que reporta pesquisas prévias. Podemos concluir, a partir desses dados, que as referências teóricas continuam tendo mais importância que pesquisas prévias entre os pesquisadores iniciantes da área de Linguística.

As descobertas de Silva (2015a) indicam também que o passo apresentando lacuna se assemelha ao de Jucá (2006), uma vez que os escritores, sem citar pesquisas prévias,

apresentam, de maneira geral, que existem pesquisas sobre o tema e que elas são insuficientes. Não há qualquer relação entre o passo 1.1 e o passo 1.2, isto é, para indicar a lacuna, os escritores não se reportam a pesquisas prévias.

A nova descoberta de Silva (2015a), em relação ao trabalho de Jucá (2015), foi o passo 1.3 - 'Indicando problemas empíricos'. Esse passo pode ser considerado um desdobramento do movimento Lacuna, de Connor e Mauranen (1999), ainda que Silva (2015) não explicita isso. A indicação do problema empírico serve para mostrar que, no mundo real, existe um problema relevante e que merece a atenção do pesquisador, para que este, por meio de sua investigação, resolva-o. De acordo com Silva (2015a), o problema empírico é uma maneira de expor a motivação do estudo.

Ainda que a diferença seja pouca, os resultados mostram que os pesquisadores da Linguística utilizam mais o passo 1.3 do que o passo 1.2 (SILVA, 2015a), isso se deve, provavelmente, ao fato de muitas pesquisas envolverem, em algum nível, o ensino de língua materna em escolas.

Diferente das pesquisas citadas até aqui, Alves Filho (2018), em sua pesquisa, abandona a análise dos movimentos retóricos para dar atenção aos passos retóricos, que, como foi argumentado anteriormente, são as estratégias visíveis no texto através de marcas linguísticas e não são formuladas de maneira abstrata pelo analista do gênero. O pesquisador identificou, em seu *corpus*, doze passos retóricos, dos quais somente quatro não haviam sido previstos por Connor e Mauranen (1999) e Jucá (2006): 'indicando indagações da pesquisa'; 'recomendando e/ou prescrevendo ação empírica'; 'definindo conceitos'; e 'explicando um fenômeno'. Dos quatro remanescentes, Silva (2015a) havia identificado três, sendo o passo 'recomendando e/ou prescrevendo ação empírica', inteiramente novo.

Os projetos analisados por Alves Filho (2018) foram inscritos e aprovados no processo de seleção de mestrado de uma universidade pública e se enquadram nas seguintes subáreas da Linguística: gramática, lexicografia, letramento, variação linguística, análise do discurso e linguística de texto. Os doze passos encontrados se encontram no Quadro 4, abaixo.

Quadro 4 - Passos retóricos da seção de justificativa e descrição correspondente

Sigla	Passo	Descrição	Situação
P1	Apresentando objetivos da pesquisa	Indica os objetivos gerais e/ou específicos a serem perseguidos durante a realização da pesquisa.	Já descrito por Connor e Mauranen (1999) e por Jucá (2006).
P2	Justificando a relevância da pesquisa	Apresenta argumentos que servem para justificar a relevância, necessidade ou impactos da pesquisa.	Já descrito por Jucá (2006) e por Connor e Mauranen (1999), pelo rótulo de Reivindicação de importância.
P3	Relatando pesquisa prévia	Relata pesquisas recentes (predominantemente nas últimas duas décadas) enfocando as contribuições destas em relação a resultados, descobertas e propostas de metodologia. Não inclui relato em relação à contribuição teórica ou conceitual.	Já descrito por Connor e Mauranen (1999).
P4	Indicando possíveis benefícios	Indica quais benefícios ou contribuições futuras poderão ser adquiridos a partir dos resultados da pesquisa.	Já descrito por Connor e Mauranen (1999).
P5	Indicando problemas do mundo real	Menciona problemas na vida prática (por exemplo em escolas, famílias, universidades) que motivaram a realização da pesquisa e que podem ser solucionados ou atenuados com os resultados da pesquisa.	Já descrito por Connor e Mauranen (1999) como parte do movimento lacunas, mas tendo sido aqui tratado separadamente.
P6	Indicando indagações da pesquisa	Apresenta uma ou várias perguntas para as quais não há respostas ou se tem respostas parciais e inadequadas. Geralmente, aparecem expressas de maneira diretamente interrogativa, mas há casos em que a indagação é formulada indiretamente.	Ainda não descrito em pesquisas anteriores.
P7	Delimitando corpus e/ou fonte do <i>corpus</i> da pesquisa	Passo de natureza tipicamente metodológica, indica quais elementos ou sujeitos irão compor o material de análise da pesquisa.	Já descrito por Connor e Mauranen (1999), estando incluído no movimento meios.
P8	Justificando a seleção de corpus , fontes ou sujeitos	Passo de natureza tipicamente metodológica, apresenta justificativas usadas para presidir a seleção das fontes e/ou sujeitos de pesquisa.	Já descrito por Connor e Mauranen (1999), estando incluído no movimento meios.

P9	Indicando lacuna da Pesquisa	Indicação de algo que ainda não foi estudado ou pesquisado em estudos anteriores e permanece como um campo aberto para uma nova pesquisa.	Já descrito por Connor e Mauranen (1999) e por Jucá (2006).
P10	Recomendando e/ou prescrevendo ação empírica	Recomenda e/ou prescreve ações pragmáticas a serem tomadas por atores sociais (no geral educadores) a fim de resolver ou atenuar problemas da vida social.	Ainda não descrito em pesquisas anteriores.
P11	Definindo conceitos	Passo de natureza eminentemente teórica, centra em apresentar, geralmente com apoio bibliográfico, como determinadas categorias são conceituadas na cultura disciplinar.	Ainda não descrito em pesquisas anteriores.
P12	Explicando um Fenômeno	Geralmente amparando-se em fontes bibliográficas, são oferecidas explicações para fenômenos empíricos. Relata-se o que já se sabe sobre determinados fenômenos, à maneira como se faz isso sem seções de discussão de resultados em artigos. É muito semelhante ao passo descrito por Nwogu (1990 apud SWALES, 2004) para a seção de discussão de artigos e que ele denomina Explicando resultados específicos de pesquisa, sendo que neste caso são os resultados de outras pesquisas.	Ainda não descrito em pesquisas anteriores.

FONTE: Alves Filho (2018, p. 144-145)

A partir da recorrência desses doze passos, Alves Filho (2018) faz algumas considerações importantes acerca da função que a seção de Justificativa desempenha nos projetos de pesquisa de pesquisadores iniciantes. O autor conclui, devido à presença de passos retóricos típicos da metodologia, da seção de objetivos, da fundamentação teórica e da discussão e conclusão, que a função da Justificativa não é exatamente aquela defendida por Jucá (2006), que diz que a Justificativa irá convencer o leitor da relevância da pesquisa, tampouco a de justificar a pesquisa que será realizada. Alves Filho (2018) explica que essa

heterogeneidade retórica e pragmática da seção indica que a função da Justificativa é ser uma introdução para a proposta que será apresentada.

Outra consideração sobre a Justificativa, feita pelo pesquisador, é a baixa recorrência dos passos ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘relatando pesquisa prévia’ e sua comparação com a recorrência dos passos como ‘explicando um fenômeno’ e ‘definindo conceitos’ – que remeteriam às seções de discussão e resultados e de fundamentação teórica, respectivamente. Alves Filho (2018) questiona sobre o objetivo que a leitura das fontes bibliográficas tem para os pesquisadores iniciantes e, com base na baixa recorrência do passo ‘indicando lacuna de pesquisa’, o autor defende que essa leitura possui finalidades típicas de resenhar ou resumir textos. Dessa forma, podemos dizer que a avaliação da Justificativa do projeto se dá pela capacidade do candidato de expor e explicar com clareza o que os autores dizem, sem se opor a eles.

Ainda com relação ao uso das fontes bibliográficas, podemos ressaltar que a baixa recorrência do passo ‘relatando pesquisa prévia’ e a alta recorrência do passo ‘definindo conceitos’ estão conectadas à busca pelos conceitos e teorias que fundamentam o projeto, muito mais do que à compreensão, em termos de metodologia, resultados e conclusões, do que precisa ser feito na área do conhecimento.

No entanto, é preciso considerar a complexidade retórica da seção de Justificativa, que é evidenciada pela necessidade de, ao mesmo tempo, se apoiar em uma tradição e contrapor essa tradição, criticá-la, mostrar que ainda há espaço para novas pesquisas (ALVES FILHO, 2018). Por haver essa complexidade, os pesquisadores inexperientes acabam por se firmar na exposição das teorias e daquilo que já se sabe, para convencer os avaliadores através do seu domínio sobre os conhecimentos da área.

Na pesquisa de Alves Filho (2018), portanto, percebemos a mesma tendência encontrada nas pesquisas de Jucá (2006) e Silva (2015a), a de que os pesquisadores iniciantes da área de Linguística preferem enfatizar a apresentação de teorias e conceitos, muito mais que pesquisas prévias, e a de dar pouca ênfase ao contraponto, ao conflito entre as pesquisas prévias ou até mesmo entre as teorias.

Um dado interessante é o tratamento que Alves Filho (2018) dá ao movimento Lacuna, de Connor e Mauranen (1999). O autor, explicitamente, resolve tratar a lacuna do mundo da pesquisa e a lacuna do mundo real como dois passos retóricos distintos. Feita essa divisão, o pesquisador identificou a alta recorrência do passo ‘Indicando problemas do mundo real’, que expõe a motivação da pesquisa. Alves Filho (2018) explica que essa estratégia retórica está

relacionada, em algum grau, ao discurso corrente sobre o projeto de pesquisa, o qual enfatiza a necessidade de se estabelecer problemas de pesquisa.

Apesar de o discurso sobre ciência e sobre o projeto de pesquisa se fundamentarem na importância de se expor aquilo que ainda não se sabe (ALVES FILHO, 2018), o uso do passo ‘Indicando problemas do mundo real’ se volta para explicar os fenômenos que já são conhecidos em uma realidade e que são percebidos e conhecidos pelo próprio escritor.

Por fim, apresentamos os resultados de Rio Lima (2015), também um relatório de pesquisa de iniciação científica, que desenvolveu um estudo sobre a organização retórica da seção de Fundamentação Teórica de projetos de pesquisa, na área de Linguística, que foram aprovados na seleção de mestrado em Letras da UFPI. Os resultados encontrados estão no quadro a seguir.

Quadro 5 - Quadro modelo da organização retórica da seção de Fundamentação Teórica em Projetos de Pesquisa

MOVIMENTO 1 – APRESENTANDO OS PRINCIPAIS ASPECTOS TEÓRICOS
Passo 1 – Historiando conceitos/categorias/abordagens da área Passo 2 – Caracterizando a abordagem/teoria Passo 3 – Definindo conceitos Passo 4 – Explicando um fenômeno empírico
MOVIMENTO 2 – INDICANDO CAMINHOS TEÓRICOS DA PESQUISA
Passo 1 – Justificando a adequação da categoria teórica/teoria ou obra de referência Passo 2 – Inserindo-se numa mesma área de pesquisa Passo 3 – Apontando obras de referência Passo 4 – Apresentando lacunas na área de pesquisa (problema teórico ou de pesquisa)
MOVIMENTO 3 – EXPLICITANDO OBJETIVOS DE PESQUISA
Passo 1 – Apresentando objetivos de pesquisa
MOVIMENTO 4 – REIVINDICANDO A UTILIDADE DA PESQUISA
Justificando a relevância (teórica ou sócio-política) do projeto

FONTE: Rio Lima (2015, p. 27)

Como foi evidenciado por Alves Filho (2018, p. 155), a apropriação das fontes bibliográficas, sejam elas referências teóricas ou pesquisas prévias, dá origem a diversos passos, como indicar uma lacuna, relatar pesquisa prévia, definir conceito, dentre outros. No trabalho de Rio Lima (2015), percebermos que, na Fundamentação Teórica, há somente a apropriação das fontes bibliográficas para os aspectos teóricos ou para caracterização da área de pesquisa, até mesmo para o passo que foi nomeado como ‘Apresentando lacunas na área de

pesquisa (problema teórico ou de pesquisa)', uma vez que essas lacunas remetem a limitações teóricas na área do projeto que já foram percebidas por outros pesquisadores, como também já foram superadas.

Dessa forma, esse passo retórico não corresponde exatamente ao que se espera de uma lacuna. O que ocorreu nos textos foi a indicação de insuficiências teóricas que já haviam sido sanadas por outro pesquisador (RIO LIMA, 2015). Ou seja, esse passo seria uma correspondência ao que Jucá (2006) chamou de 'Refutando teorias anteriores' e não exatamente uma lacuna na área de pesquisa. Outra coisa a se chamar atenção é o fato de que essa refutação foi feita por outro pesquisador que não é o escritor do projeto e que essa mesma insuficiência já foi sanada dentro da área. Assim, as estratégias retóricas da Fundamentação Teórica desses projetos também retomam um objetivo de leitura pautado em expor a familiaridade e o domínio que o escritor novato tem sobre os conceitos, as teorias e os confrontos que existem na área, apesar destes já terem sido superados por outros autores.

É importante ressaltar que nessa seção não houve nenhum passo retórico que remetesse a pesquisas prévias, nem mesmo o passo "Apontando obras de referência para a pesquisa", uma vez que se trata de uma lista de referências teóricas que serão relevantes para a pesquisa (RIO LIMA, 2015).

A seção de Fundamentação Teórica, portanto, abandona o confronto entre metodologias de pesquisa, entre resultados de pesquisa, como também não apresenta a descrição de pesquisas prévias. Isso reforça que a avaliação dos projetos dos pesquisadores iniciantes é baseada na capacidade que esses escritores têm de explicar a teoria que embasa a pesquisa proposta.

Retomando a noção de pesquisa e a necessidade de relevância da pesquisa com base em estudos anteriores e a indicação de lacunas, podemos concluir que, na escrita dos pesquisadores experientes, há a expectativa dos movimentos 'Reportando pesquisas prévias' e 'Lacuna' (CONNOR; MAURANEN, 1999). Contudo, na escrita dos pesquisadores iniciantes, em diversas situações retóricas e seções do projeto, encontramos uma inconsistência na recorrência dessas estratégias.

A noção de pesquisa não parece clara aos pesquisadores iniciantes e as demandas retóricas e pragmáticas da proposição de uma pesquisa pela escrita de um projeto de pesquisa parecem de difícil apreensão para eles, como colocou Alves Filho (2018). No entanto, esses resultados levantam alguns questionamentos quando consideramos a comunidade discursiva, que, em nosso trabalho, definimos como as áreas de Linguística e de Química.

Passamos a nos perguntar se essa tendência da área de Linguística de utilizar mais referências teóricas, de não confrontar as pesquisas e de não relatar as pesquisas prévias é algo próprio dos pesquisadores iniciantes ou um valor da própria área que foi apreendido por eles. Um outro fator que deve ser considerado é a separação que foi feita por Silva (2015a) e Alves Filho (2018) do movimento ‘Lacuna’, de Connor e Mauranen (1999). O fato de existir essa estratégia para indicar a motivação ou necessidade da pesquisa através de um problema no mundo real, que merece atenção e uma solução através da atividade de pesquisa, concorre, de certa forma, com a estratégia de indicar lacuna em pesquisas prévias, pois a lacuna de pesquisa é baseada em algo que ainda não se sabe dentro da área e o problema empírico é um realidade já conhecida pelo escritor do projeto.

Buscamos, portanto, com essa pesquisa, analisar as estratégias retóricas ‘relatando pesquisa prévia’, ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas do mundo real’ utilizadas pelos pesquisadores experientes, cuja *expertise* na escrita acadêmica dentro de sua área indica os valores, normas e ideologias que permeiam as convenções de escrita do gênero projeto de pesquisa.

3.4 ‘Relatando pesquisa prévia’, ‘Indicando lacuna de pesquisa’ e ‘Indicando problemas do mundo real’

Os resultados das investigações sobre o projeto de pesquisa apresentaram diversos nomes para as estratégias que apresentam as pesquisas prévias sobre o tema, que indicam lacuna de pesquisa e que apresentam um problema. Essas diversas nomenclaturas nos levam a refletir sobre as funções dos passos e também sobre suas realizações.

Connor e Mauranen (1999) generalizam que todas as insuficiências que motivam a pesquisa podem ser compreendidas como ‘Lacuna’, sejam elas no mundo da pesquisa ou no mundo real. Jucá (2006), por outro lado, encontrou, em suas análises, estratégias referentes a uma refutação de teorias anteriores e à indicação de falta de estudos prévios na área, o que mantêm a lacuna somente no âmbito da pesquisa. Silva (2015a) chamou essa estratégia de ‘indicando problema empírico’, o que nos leva a associar o problema a algo vivenciado pelo escritor do projeto, isto é, algo que vem da sua própria experiência. Os resultados de Alves Filho (2018) remetem à ‘Lacuna’ (CONNOR; MAURANEN, 1999), mas separam as duas estratégias. O pesquisador encontrou tanto os problemas do mundo real quanto os problemas de pesquisa.

Inicialmente, em nossa pesquisa, nos referíamos a esse passo com base no nome utilizado por Motta-Roth e Hendges (2010), qual seja ‘indicar lacuna em pesquisas prévias’. No entanto, percebemos, ao comparar os resultados das autoras com aqueles encontrados nos trabalhos sobre projeto de pesquisa, que precisávamos considerar os dois aspectos da ‘Lacuna’ (CONNOR; MAURANEN, 1999) e que o passo ‘indicar lacuna em pesquisas prévias’ não permitia olhar para os problemas do mundo real que também mostravam a motivação e necessidade da pesquisa. Por essa razão, adotamos os nomes propostos por Alves Filho (2018), como também a descrição e as funções apresentadas pelo autor (ver Quadro 4): ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas do mundo real’. Assim, descartamos também a noção de problema empírico, uma vez que limita o problema a situações que foram vivenciadas pelo próprio escritor.

Ainda com relação à lacuna de pesquisa, Lim (2012) propõe a noção de que o passo retórico ‘indicando lacuna de pesquisa’ possui subpassos retóricos. A noção de subpassos retóricos está associada às diversas maneiras que um escritor pode apresentar uma lacuna de pesquisa. De acordo com o autor, essa estratégia retórica pode se desenvolver utilizando diversos elementos linguísticos e comunicativos para “minimizar a significância das pesquisas prévias e destacar a novidade” da nova investigação (LIM, 2012, p. 229), daí surge a escolha de chamar essas várias maneiras de realizar o passo ‘indicando lacuna de pesquisa’ de subpassos retóricos.

Neste trabalho, optamos por não utilizar essa nomenclatura. Contudo, absorvemos a ideia de que os passos retóricos podem apresentar diversas realizações e conter várias informações que não o transformam em um novo passo retórico, mas que oferecem ao escritor possibilidades de escolhas retóricas na escrita de um texto. Por essa razão, decidimos considerar na análise textual dos projetos de pesquisa que o passo ‘indicando lacuna de pesquisa’ pode: 1) indicar “ausência total de pesquisas prévias sobre uma determinada característica”; 2) destacar “pesquisa insuficiente em um aspecto específico”; 3) revelar “uma limitação em pesquisa prévia”; ou 4) contrastar “descobertas conflitantes em pesquisas prévias” (LIM, 2012, p. 234-239).

A primeira realização da indicação de lacuna pressupõe do escritor um conhecimento geral e profundo do que já foi ou não feito em sua área de pesquisa, (LIM, 2012, p. 234), ou seja, o escritor pretende mostrar que fez uma cuidadosa revisão das pesquisas prévias até o presente momento. A afirmação de ausência total de pesquisa pode ser considerada como difícil de ser feita, pois o pesquisador precisaria estar atento a pesquisas do mundo inteiro

para poder afirmar categoricamente que há ausência de pesquisa sobre uma característica específica.

A segunda maneira de se indicar uma lacuna, ‘destacando pesquisa insuficiente em um aspecto específico’ (LIM, 2012, p. 235), mostra que poucas pesquisas foram realizadas e busca destacar que a atenção dada a um determinado tópico tem sido inadequada e insuficiente, necessitando, assim, de mais pesquisas para fornecer mais informações. Na terceira realização da indicação de lacuna, ‘revelando uma limitação em pesquisa prévia’, Lim (2012, p. 238) comenta que os escritores adotam uma postura mais agressiva em suas críticas aos métodos de pesquisa utilizados nas pesquisas prévias. Dessa forma, o escritor mostra ao seu leitor que existem lacunas em uma área do conhecimento já bem estabelecida e, em consequência, sua pesquisa permite que o conhecimento nesta mesma área avance, superando as falhas das pesquisas prévias. Isto é, o escritor não está seguindo somente uma tradição de pesquisa, ele se insere nela, mas, devido às limitações nas pesquisas prévias, a pesquisa realizada irá avançar no conhecimento e na tradição, e isso deve estar explícito ao leitor para indicar a relevância da pesquisa.

A quarta e última realização da lacuna proposta por Lim (2012, 238) tem um caráter menos agressivo que a anterior, pois os escritores irão indicar a lacuna contrastando pesquisas prévias. Explicando de outra maneira, o escritor irá comparar os resultados das pesquisas prévias para mostrar que existe certa inconclusividade nessas descobertas e, implicitamente, indica a necessidade de se ocupar essa lacuna de pesquisa.

Em relação à estratégia que relata as pesquisas prévias, inicialmente, também havíamos considerado trabalhar com a noção de Motta-Roth e Hendges (2010), que nomearam o passo de ‘citar pesquisas prévias’. As autoras descrevem esse passo como uma maneira de inserir a pesquisa proposta no projeto no contexto das pesquisas prévias e ele ocorre pela simples citação de “conceitos, procedimentos (incluindo o uso de modelos, tipologias e programas de ensino mediado por computador), resultados e/ou conclusões das pesquisas que cita, que servirão como suporte teórico para sua discussão” (p. 96).

Porém, o problema de utilizarmos esse passo em nossa pesquisa é sua abrangência. Como vemos, ele aborda a citação de pesquisas prévias em quaisquer de seus aspectos, inclusive os teóricos. Contudo, nos trabalhos sobre o projeto, vimos que as pesquisas prévias podem ser apropriadas de várias maneiras e, além disso, quando são apropriadas com um objetivo teórico, temos a realização de passos como ‘definindo conceitos’ e ‘explicando um fenômeno’ (SILVA, 2015a; RIO LIMA, 2015; ALVES FILHO, 2018).

Dessa forma, é necessário fazer a divisão quanto aos tipos de utilização das fontes bibliográficas. Algumas delas podem servir a uma função mais teórica, de fundamentação da pesquisa, enquanto outras servem para contextualizar o projeto de pesquisa dentro do tema, através das pesquisas propriamente ditas já realizadas. Na área de Linguística, há uma inclinação, por parte dos pesquisadores iniciantes, de se apoiar na teoria e principalmente em referências teóricas muito mais que no relato das pesquisas prévias.

Por ser nosso objetivo descobrir como os pesquisadores experientes utilizam retoricamente as pesquisas prévias, percebemos a necessidade de abandonar o passo ‘citar pesquisas prévias’ (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010) e adotar outro que fosse mais específico e voltado objetivamente para as pesquisas prévias. Assim, decidimos utilizar o passo ‘relatando pesquisa prévia’, de Alves Filho (2018), o qual se direciona às estratégias retóricas de relatar pesquisas anteriores considerando seus objetivos, metodologia, resultados e conclusões, mas sem incluir o relato dos conceitos e uma discussão teórica.

Feitas as considerações sobre nossas categorias de análise, no próximo capítulo, apresentamos a metodologia desse trabalho.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa possui uma finalidade descritiva e adota uma abordagem predominantemente qualitativa, apesar da utilização de uma abordagem quantitativa para estabelecer a recorrência dos passos retóricos ‘relatando pesquisa prévia’, ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas do mundo real’. Os procedimentos de coleta de dados possuem dois momentos, quais sejam a coleta e organização dos projetos de pesquisa a serem analisados na área de Linguística e de Química e as entrevistas com os produtores desses projetos. Tais entrevistas servem para contextualizar essa escrita pelos escritores, os quais são pesquisadores especialistas das suas respectivas áreas. Por haver a necessidade de informantes, a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e recebeu aprovação¹⁹.

Para a análise dos dados coletados, foram feitos os seguintes procedimentos: 1) análise textual dos projetos que formam o *corpus*; 2) análise das entrevistas, com base em nosso objetivo; 3) cruzamento das informações coletadas nas entrevistas com o que foi descoberto na análise textual e 4) comparação das diferenças e semelhanças entre as áreas aqui estudadas. Os procedimentos de coleta e análise dos dados serão descritos com mais detalhes nos tópicos a seguir.

4.1 Seleção e organização da amostra de projetos de pesquisa

O *corpus* formado para a análise textual possui 24 projetos de pesquisa escritos por pesquisadores experientes (doutores, professores de programas de pós-graduação e líderes de grupos de pesquisa) das áreas de Linguística e de Química. A amostra é dividida em 12 projetos da área de Linguística e em 12 projetos da área de Química. Os 12 projetos da área de Linguística foram solicitados a seus escritores por e-mail, pedindo que eles nos enviassem projetos aprovados tanto em agências de fomento quanto no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Nesta área, conseguimos 9 projetos de iniciação científica e 3 de agências de fomento, que financiam a pesquisa e não o pesquisador. Os projetos de Química foram solicitados a uma pesquisadora da área que tinha acesso a projetos que receberam Bolsa de Produtividade, como também foi mandado diretamente aos pesquisadores um e-mail solicitando seus projetos de iniciação científica. Assim, dentre os projetos de

¹⁹ Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 92938918.3.0000.5214

Química, 10 são de bolsa de produtividade e 2 de iniciação científica. Os projetos de Linguística foram submetidos às suas respectivas avaliações no período entre 2009 e 2017 e são projetos de pesquisadores principalmente da região Nordeste, sendo apenas um trabalho da região Sul do Brasil. Os projetos de Química foram produzidos no período entre 2011 e 2016 e são projetos de pesquisadores das regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

A escolha de trabalhar com duas áreas do conhecimento segue uma tradição dos trabalhos em análise de gênero que buscam comparar essas áreas, mostrando que, apesar de utilizarem os mesmos gêneros, disciplinas diferentes possuem características retóricas que lhes são próprias, mesmo que compartilhem algumas estratégias retóricas. Dessa forma, escolhemos a Linguística, por ser a área da qual mais nos aproximamos e nos inserimos como pesquisadores, e a área de Química, por ser uma área do conhecimento distante da Linguística, como mostra a Tabela de Áreas do Conhecimento da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)²⁰, em que a Química está inserida na grande área de *Ciências Exatas e da Terra*, e a Linguística se encontra na grande área de *Linguística Letras e Artes*. Compreendemos que esse contraste pode trazer possibilidades para o melhor entendimento da escrita e da proposição do gênero projeto de pesquisa.

Os projetos analisados tiveram o nome dos seus autores suprimidos, e qualquer informação que pudesse identificá-los foi apagada, como o nome dos grupos de pesquisa que participam e qualquer autocitação. Esses projetos foram, em seguida, codificados para sua identificação e futura remissão. O código contém quatro informações: a área de Linguística representada pela letra L e a área de Química representada pela letra Q; em seguida, cada uma das áreas recebe um número de 1 a 12, para diferenciar os projetos entre si; a terceira informação é para que programa ou agência o projeto foi submetido, assim, os projetos recebem a sigla IC (iniciação científica), AF (agência de fomento) e BP (bolsa de produtividade); por fim, o código é formado por um indicador de dois dígitos que representam o ano de submissão do projeto (**L1_IC_09; Q1_BP_14**).

Apesar de compreender que a situação retórica em que circulam tais projetos influencia em sua escrita, o presente trabalho buscou entender como os pesquisadores especialistas de cada área propõem uma pesquisa, observando qual o papel das pesquisas prévias, da indicação de lacuna e da indicação de problemas do mundo real em cada área. Isto é, em um nível mais macro, procuramos analisar o uso que os pesquisadores de Linguística e

²⁰ <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>

Química fazem desses passos retóricos e como eles se relacionam com seu problema de pesquisa e a própria pesquisa em si.

O Quadro 6 apresenta os projetos contemplados no *corpus* com suas respectivas siglas, bem como a quantidade em cada situação de produção do projeto.

Quadro 6 - Informações sobre os projetos do *corpus*

ÁREA	Sigla para identificação	Quantidade de projetos
Linguística	IC	9
Linguística	AF	3
Química	IC	2
Química	BP	10

4.2 Análise textual dos projetos de pesquisa

Após a coleta e organização do *corpus*, passamos para a primeira etapa de análise textual. A análise aqui proposta se baseia nos três passos retóricos propostos por Alves Filho (2018) e que já haviam sido identificados e propostos por Connor e Mauranen (1999), quais sejam ‘relatando pesquisa prévia’, ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas do mundo real’.

A análise textual iniciou com a leitura integral do projeto de pesquisa para a identificação da ocorrência desses passos retóricos, isto é, identificar se eles tinham sido utilizados ou não nos projetos. Após essa identificação, foi feito um levantamento quantitativo da recorrência desses passos nos projetos de pesquisa. Essa análise quantitativa observou dois tipos de recorrência. A primeira etapa observou a presença dos passos nos projetos, ou seja, se um projeto apresentava ou não um dos três passos aqui analisados. Essa quantificação foi feita de acordo com a seguinte orientação: se o passo ocorre de 1 a 3 projetos (8% a 25%), será considerada uma **baixa recorrência**; na ocorrência do passo de 4 a 6 projetos (acima de 25% até 50%), tem-se uma **média recorrência**; e se o passo ocorrer em 7 ou mais projetos (acima de 50%), consideramos uma **alta recorrência** dentro da amostra. A segunda etapa da análise quantitativa consistiu na contabilização de quantas vezes um mesmo passo retórico apareceu dentro de um único projeto.

Em sequência, foi feita a caracterização de cada um dos passos em seus aspectos retóricos e lexicais, observando uma abordagem qualitativa desses dados. Para caracterizar o passo ‘relatando pesquisa prévia’, observamos se o escritor fazia o relato de características metodológicas, resultados ou conclusões de pesquisas científicas realizadas anteriormente,

excluindo as estratégias que definiam conceitos ou se concentravam em aspectos teóricos e conceituais das pesquisas prévias. Neste momento, também foi feita a identificação das expressões e dos termos mais utilizados para a realização do passo, além da verificação do tipo de informação que continha (se metodologia, se resultados, se objetivos etc.). Para ajudar na compreensão das funções retóricas desse passo, ainda foi feito o levantamento das fontes bibliográficas dos projetos, observando se eram referências teóricas, que tratam dos conceitos fundamentais à pesquisa que será realizada (livros e capítulos de livros), ou se eram pesquisas prévias, com o relato de pesquisas já realizadas (artigos de pesquisa, teses, dissertações ou monografias). É importante ressaltar que compreendemos que alguns livros podem ser um compilado de artigos científicos e que os capítulos de livros também podem ser artigos de teses ou de dissertações. Contudo, essa divisão se fez necessária e ajudou na análise textual no momento de identificar quais fontes bibliográficas tinham sido citadas para realizar o passo ‘relatando pesquisa prévia’.

Para caracterizar o passo ‘indicando lacuna de pesquisa’, utilizamos como base as descobertas feitas por Lim (2012), as quais mostravam que a indicação de lacuna pode ocorrer de quatro formas, quais sejam 1) “ausência total de pesquisas prévias sobre uma determinada característica”; 2) “destacando pesquisa insuficiente em um aspecto específico”; 3) “revelando uma limitação em pesquisa prévia”; ou 4) “contrastando descobertas conflitantes em pesquisas prévias”. Também foi observada a frequência de cada tipo de lacuna, para descobrir quais as estratégias mais valorizadas na indicação de lacunas de pesquisa. Nesse caso, foram observados somente os projetos que apresentavam a utilização dessa estratégia retórica. Foram reconhecidas ainda as expressões e os termos mais recorrentes na realização desse passo.

Na caracterização do passo ‘indicando problemas do mundo real’, primeiro observou-se se havia ou não mediação de leitura, isto é, se o escritor do projeto utilizava referências para apontar os problemas do mundo real. Em seguida, as realizações desse passo foram divididas em ocorrências com mediação de leitura ou sem mediação de leitura. No primeiro, os problemas do mundo real são apontados por pesquisas prévias ou por dados estatísticos públicos e também por relatórios de órgãos e instituições públicas. Em caso de falta de mediação de leitura, foi considerada a ausência.

Também de cunho mais qualitativo e interpretativo, a última etapa da análise textual estabelece as relações existentes entre os passos retóricos ‘relatando pesquisa prévia’, ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas do mundo real’, buscando entender se há uma relação entre eles e quais as funções retóricas dessa relação. Para essa análise,

estabelecemos que um indicativo de que há relação entre eles é um ocorrer após o outro, isto é, se os passos ocorrerem de maneira sequencial, por exemplo: se o passo ‘relatando pesquisas prévias’ ocorre primeiro e, logo em seguida, é realizado o passo ‘indicando lacunas na pesquisa’ para mostrar que há insuficiências em estudos prévios que precisam ser superadas. Para analisar essa relação, portanto, serão desconsideradas as ocorrências em que os passos aqui analisados são intercalados por outras estratégias retóricas ou por imagens, tabelas, gráficos, quadros e outros.

Ainda de cunho qualitativo-interpretativo, a terceira etapa da análise textual busca identificar as relações/realizações dos passos retóricos já acima citados com a construção do próprio projeto de pesquisa e do problema de pesquisa. Identificamos, também, através da quantificação da recorrência dos passos, qual o evento deflagrador das pesquisas propostas nos projetos, se eram as pesquisas prévias ou alguma questão mais teórica ou um problema no mundo real.

Após a análise textual individual de cada área do conhecimento aqui contemplada, foram feitas as comparações para percebermos em que se assemelham e em que se diferenciam. Essas semelhanças e diferenças são essenciais para evidenciar as particularidades retóricas de cada área de pesquisa, o que indica aquilo que é comum e o que é específico de cada uma na hora de propor um projeto. Além da comparação entre os doze projetos de cada área, foram comparados dois projetos de IC da Linguística e da Química a fim de observar se, na mesma situação retórica, havia diferenças ou não entre as áreas.

4.3 Coleta e análise de dados através de entrevistas

As entrevistas com os pesquisadores especialistas, que são também escritores dos projetos que fazem parte do *corpus*, permite que dados contextuais da escrita do projeto de pesquisa sejam descobertos. Nos trabalhos de análise de gênero, esse procedimento metodológico tem também o papel de validar, ou não, dados que foram descobertos durante a análise textual. Em um primeiro momento, seriam entrevistados três pesquisadores de cada área. No entanto, só foi possível conversar com dois pesquisadores da Linguística e com dois pesquisadores da Química. Para a realização dessa entrevista, foi utilizada a entrevista semiestruturada, a qual parte de um roteiro de perguntas ou de tópicos pré-elaborados (Apêndice), mas que permite o acréscimo de novos questionamentos após a análise textual e, também, durante a entrevista. As entrevistas ocorreram após a finalização da análise textual dos projetos.

As perguntas do roteiro da entrevista tiveram como foco a prática de pesquisa dos pesquisadores, como também a visão deles sobre o gênero projeto de pesquisa e sobre a própria escrita do projeto de pesquisa. Assim, foi perguntado a eles sobre as funções do projeto de pesquisa, sobre a importância desse gênero na vida acadêmica e científica e sobre os conselhos e sugestões que esses pesquisadores dão a jovens pesquisadores no momento de escrita do projeto. Foi questionado ainda sobre como esses pesquisadores chegam ao tema e ao problema de pesquisa, como eles fazem as escolhas das referências e como as lacunas de pesquisa e os problemas do mundo real são vistos em cada área.

Para a realização das entrevistas, foram oferecidas aos informantes três opções diferentes. A primeira era uma conversa presencial, com a gravação feita pelo smartphone; a segunda, uma conversa via áudio, pelo *Whatsapp*®; e a terceira, o preenchimento de um formulário com as perguntas do roteiro pré-elaborado, pelo *GoogleDocs*®. Três pesquisadores optaram pela conversa por *Whatsapp*® e um optou pela conversa presencial. Por todas as entrevistas terem sido feitas após conversa seja por aplicativo ou presencialmente, os áudios foram transcritos.

A transcrição das entrevistas (Anexos) foi feita observando apenas alguns aspectos da fala, assim, os sinais de dúvida, truncamento, ênfase, alongamento de vogal, comentários do analista, silabação e repetições de letras²¹ não foram considerados. Foram observadas, no momento da transcrição, as pausas e hesitações do entrevistado, marcadas por reticências, como também os momentos em que o informante apresenta a fala de uma terceira pessoa, estes casos estão transcritos por meio do uso de aspas. No geral, foram seguidas as regras gramaticais, utilizando ponto final e vírgulas. A escolha por não fazer uma transcrição observando as regras de ênfase, truncamento etc., é justificada pelo objetivo das entrevistas, cuja análise é focada no conteúdo das respostas e não em aspectos da língua (como a fonética, a variação linguística, dentre outros).

Para manter o sigilo da identidade dos pesquisadores participantes, foi atribuído a eles, na transcrição, um código formado pela letra P (pesquisador), a letra L (Linguística) ou Q (Química) e um número de 1 a 2 para diferenciá-los (PL_1, PL_2, PQ_1 e PQ_2). O entrevistador foi identificado pela letra E. É importante ressaltar que serão omitidos das transcrições quaisquer trechos e informações que possam permitir a identificação do entrevistado, como obras de sua autoria e o nome do grupo de pesquisa que coordenam. Esses casos estão representados por esse sinal: (___).

²¹ Informações retiradas de Manzini, disponível em:
<http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista>

As análises do conteúdo das entrevistas foi pautado em nove tópicos, são eles: 1) a função do projeto; 2) o que torna uma pesquisa relevante; 3) os pontos de partida da pesquisa; 4) o papel das pesquisas prévias; 5) o papel das lacunas de pesquisa; 6) o papel dos problemas do mundo real; 7) a escolha das referências e o papel da teoria no projeto de pesquisa; 8) o que os professores enfatizam ao dar conselhos sobre a escrita do projeto de pesquisa; 9) as aproximações e distanciamentos entre a fala dos informantes e o que foi encontrado nas análises textuais. Com base nesses elementos, as falas de cada área foram analisadas separadamente para depois serem comparadas.

4.4 Análise comparativa

A análise comparativa deve ser entendida como a parte do trabalho em que são comparadas as recorrências dos passos retóricos analisados em cada área, como também são comparadas as fontes bibliográficas mais utilizadas nos projetos. Foi feita também a comparação entre as semelhanças e diferenças das realizações de cada passo em cada uma das áreas. Foram comparadas ainda as relações que os passos mantiveram entre si e as respostas dos informantes de cada área, observando os assuntos apresentados no tópico anterior.

No capítulo a seguir, apresentamos os dados encontrados nas análises e sua discussão.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados encontrados nos projetos de pesquisa e nas entrevistas. Os dados serão apresentados na seguinte ordem: primeiro, a frequência dos passos; depois, a caracterização de cada um deles; em seguida, a relação que apresentam entre si; por fim, a análise das falas dos entrevistados. Essa ordem é utilizada tanto para os dados da Linguística como para os da Química, que serão discutidos separadamente, para só depois ser feita uma análise comparativa.

5.1 A área de Linguística

5.1.1 A frequência dos passos retóricos nos projetos de Linguística

As descobertas feitas após a análise dos projetos de pesquisa mostram que os passos retóricos escolhidos para esta investigação são estratégias retóricas pertinentes à escrita do projeto de pesquisa, haja vista que encontramos suas realizações em todos os projetos, exceto no L12_AF_17, que se mostrou predominantemente teórico. É importante observar que, apesar desses passos terem sido encontrados nos projetos analisados, não significa compreender que um único projeto apresenta obrigatoriamente a realização dos três passos, sendo que, em alguns casos, o escritor fez uso somente da indicação de lacunas e em outros do relato de pesquisa prévia.

Como vemos na análise quantitativa da realização dos passos e sua presença nos projetos (Tabela 1), o passo ‘indicando problemas do mundo real’ ocorreu em oito dos doze projetos, tendo, neste *corpus*, uma alta recorrência. Por sua vez, o passo ‘relatando pesquisa prévia’ ocorreu em seis projetos (média recorrência). Já o passo ‘indicando lacuna de pesquisa’ foi realizado em três projetos (média recorrência), no entanto, dentre os três passos analisados, foi o de menos recorrência.

Tabela 1 - Recorrência dos passos retóricos nos projetos de Linguística

Projeto	Relatando pesquisa prévia	Indicando lacuna de pesquisa	Indicando problemas do mundo real
L1_IC_17	-	-	1
L2_IC_17	1	-	-
L3_IC_17	-	-	1
L4_IC_13	2	-	-
L5_IC_09	2	1	3
L6_IC_16	3	-	2

L7_IC_14	-	1	1
L8_IC_16	-	-	2
L9_IC_16	-	-	1
L10_AF_11	1	-	1
L11_AF_09	1	2	-
L12_AF_17	-	-	-
Total de realizações em toda a amostra	10	4	12
Total de projetos em que este passo ocorre	6/12	3/12	8/12

O contraste entre a recorrência da lacuna de pesquisa e a recorrência de problemas do mundo real sugere que, na área de Linguística, os pesquisadores experientes tendem a propor sua pesquisa a partir de dificuldades que podem ser percebidas na realidade e não a partir de insuficiências de pesquisas prévias, sejam elas relacionadas a questões metodológicas ou aos resultados encontrados. Isso sugere uma valorização maior de pesquisas que atuam em problemas que afetam a sociedade como um todo, e valorização menor de pesquisas que atuam na resolução de problemas teóricos e metodológicas do campo da pesquisa acadêmica.

A recorrência do passo ‘relatando pesquisa prévia’ caminha para reforçar uma postura mais neutra dos pesquisadores em relação aos trabalhos anteriores, pois, apesar de haver o relato de pesquisas prévias, a realização desse passo não ocorre por um posicionamento do escritor acerca dos estudos citados. Esse passo geralmente é realizado como uma apresentação ou constatação de algo que se sabe através de pesquisas prévias. No trecho (1), o escritor apresenta o que dizem estudos prévios sobre a capacidade de estudantes da graduação de lerem, compreenderem e produzirem os gêneros textuais próprios da academia.

(1) Embora o sucesso dos estudantes em cursos de nível superior, bem como na carreira acadêmica como tal, dependa amplamente de sua capacidade de ler/compreender e produzir os gêneros textuais requeridos pela academia, **estudos (referidos adiante neste projeto) indicam que esses estudantes nem sempre estão preparados para encarar tais desafios.** (L10_AF_11)

Outro fator observado é que a média recorrência do passo ‘relatando pesquisa prévia’ é um indicativo de consciência da importância dessas pesquisas na proposição de um novo estudo. Contudo, olhar somente para a recorrência dos passos nos projetos parece camuflar

algumas tendências entre os pesquisadores da área de Linguística. A primeira delas é que os três passos retóricos, em sua maioria, têm somente uma única realização dentro de um único projeto. Isto é, dentro de todo o projeto, o escritor só realizou o passo uma única vez, como é o caso, por exemplo, do L10_AF_11, no qual o relato de pesquisas prévias e a indicação de problemas do mundo real só ocorreram uma única vez. Mesmo os projetos sendo de iniciação científica e de agências de fomento, eles apresentam estas semelhanças com relação à recorrência dos passos dentro dos projetos.

Com isso, percebemos que, em um quadro geral, o passo ‘relatando problemas do mundo real’ é o aspecto mais relevante para propor a pesquisa, haja vista o passo ocorrer em 8 dos 12 projetos analisados e ter um total de 12 realizações nos projetos. Isto é, esse passo é o mais recorrente em comparação com os outros dois analisados. No entanto, assim como observado no passo ‘relatando pesquisa prévia’ e no passo ‘indicando lacuna de pesquisa’, a indicação de problemas do mundo real ocorre, em sua maioria, somente uma vez no projeto, para evidenciar a motivação da pesquisa. Em relação a esse passo específico, cinco dos oito projetos têm uma única realização.

A indicação de lacuna, por outro lado, mostra-se a menos relevante dentre as estratégias analisadas nos dois aspectos quantitativos, pois foi utilizada em apenas três de doze projetos, e sua ocorrência é de uma única vez em dois dos três projetos que a utilizaram. A baixa recorrência desse passo retórico sugere que os pesquisadores experientes de Linguística aqui analisados tendem a evitar conflitos com o que já foi feito em pesquisas prévias.

Em relação ao passo ‘relatando pesquisa prévia’, apesar de sua média recorrência no *corpus*, percebemos que, efetivamente, ele ocorre em três projetos com uma única utilização, em dois com duas utilizações e um com três utilizações. Em contraste com a recorrência no total dos projetos, a realização interna desse passo evidencia que a relevância do relato de pesquisas prévias não é tão significativa para a proposição do projeto ao aparecer apenas pontualmente, ou seja, uma única vez no projeto inteiro.

Por fim, um último dado que pode ser percebido nessa análise quantitativa (Tabela 1) é que os escritores que utilizam o passo ‘indicando problemas do mundo real’ tendem a não utilizar o passo ‘indicando lacuna de pesquisa’. Isso sugere que, como os dois passos funcionam para evidenciar a motivação, o ponto de partida da pesquisa, os pesquisadores escolhem aquele que lhes parece mais relevante. No caso em análise, há uma vasta preferência pela indicação de problemas do mundo real.

5.1.2 A caracterização dos passos retóricos nos projetos de Linguística

A realização do passo ‘relatando pesquisa prévia’ nos projetos analisados mostra que os escritores buscam retomar aspectos de estudos anteriores. No entanto, diferente do que foi descrito por Alves Filho (2018), o qual destacava o relato das contribuições por meio dos resultados e descobertas e das propostas metodológicas, nos projetos analisados, as características das pesquisas prévias que são mais destacadas se concentraram na indicação do tema e nos objetivos, havendo também apresentação dos resultados e da conclusão, e, ainda, o surgimento de uma característica nova, que é relatar o posicionamento teórico dos estudos prévios. Neste passo não foram encontradas informações metodológicas de pesquisas prévias.

No geral, seja para apresentar o tema ou os objetivos ou qualquer outro elemento de uma pesquisa prévia, os escritores optam predominantemente por agrupar vários estudos anteriores de uma área, utilizando expressões ‘guarda-chuva’ como ‘estudos’ e ‘pesquisas’. Este agrupamento sugere que os escritores não buscam nem individualizar nem mencionar os diversos estudos que existem, mas somente apontar, difusamente, que eles existem e que tratam de algum elemento relacionado à pesquisa que está sendo proposta. O fato de os elementos relatados das pesquisas prévias serem diretamente relacionados ao projeto de pesquisa, destaca que essa escolha é feita para valorizar ainda mais a proposta, indicando, implicitamente, que existe uma tradição de pesquisa e a validade do estudo a ser realizado dentro da área de pesquisa escolhida, como se vê no excerto abaixo.

(2) Contudo **estudos realizados em projetos de AO** [objetos de aprendizagem], sobre interações virtuais, gênero textual, internet e ensino, gêneros orais e escritos na escola, o que é virtual, introdução à linguística textual dentre outros mais significativos, e características do mesmo que passam pela acessibilidade, durabilidade e interoperabilidade **são de excelente para construção do atual projeto.** (L6_IC_16)

Ocorreu, também, mas com menos frequência, a individualização das pesquisas prévias. Em nosso *corpus*, essa realização ocorreu para indicar o objetivo e o tema. No exemplo (3), o escritor particulariza e detalha o objetivo da pesquisa prévia, relacionando-o com o projeto de pesquisa, e aproveita para seguir, explicitamente, uma tradição de pesquisa e dar continuidade a uma pesquisa própria. Já no trecho (4), o escritor aponta a existência de ‘estudos’ e ‘pesquisas teóricas’ e cita individualmente o que chama de ‘pesquisa teórica’, além de apontar que essas pesquisas prévias indicam a relevância desses estudos na área de pesquisa.

(3) Este projeto também pretende dar continuidade aos estudos diacrônicos dos gêneros do discurso, com base na proposta teórico-metodológica concebida por mim em **minha tese de doutorado** (___, 2009), quando **busquei resgatar** o percurso histórico do gênero editorial (carta de redator). (L4_IC_13)

(4) **Além de estudos e pesquisas teóricas sobre leitura e escrita propostas por estudiosos**, como Kleiman (2013), Marcuschi (2008), Koch (2005) e **muitos outros estudos e pesquisas** que **têm favorecido** imensamente o processo de ensino e aprendizagem, tratam-se de informações e descobertas amparadas pelas tecnologias de comunicação e informação que circulam muito rapidamente. (L6_IC_16)

Contudo, a citação explícita de pesquisas prévias na realização do passo ‘relatando pesquisas prévias’ não é recorrente nos projetos analisados, pois, como dito anteriormente, os escritores reúnem as pesquisas prévias dentro de expressões como ‘estudos’ e ‘pesquisas’ e não citam quais seriam esses trabalhos prévios. Isto é, há a recorrência do agrupamento dos estudos prévios sob expressões genéricas e o reconhecimento dos escritores que essas pesquisas existem, mas eles não as citam. No exemplo (4), tem-se a expressão ‘**muitos outros estudos e pesquisas**’ e, no trecho (5), a expressão ‘**pesquisas mostram**’, porém as referências são imprecisas, haja vista a falta da citação.

(5) *Por outro lado*, **pesquisas mostram** que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas ainda privilegia os saberes relacionados à tradição da gramática normativa em detrimento de outras habilidades necessárias à plena competência dos saberes relativos aos usos sociais da língua. (L5_IC_09)

A imprecisão nesse passo acontece também no próprio relato das pesquisas prévias, que foca nas generalidades de um conjunto de estudos anteriores sem detalhar o que é particular a ele. Nos excertos (4) e (6), os escritores não citam e não relatam as características das pesquisas prévias, pois rapidamente já passam para justificar uma possível relevância da área e dos próprios estudos que não foram citados.

(6) **Além deste, outros estudos sobre gêneros numa perspectiva histórica vêm se desenvolvendo** no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) desta Universidade... (L4_IC_13)

Para compreender melhor como o relato das pesquisas prévias funciona, examinamos, também, quais as principais fontes bibliográficas dos projetos que analisamos (Tabelas 2 e 3). Para tanto, elas foram divididas em ‘referências teóricas’ e ‘pesquisas prévias’. Percebemos,

então, que há uma predominância de citação de livros e capítulos de livros sobre a citação de artigos de pesquisa, teses, dissertações e monografia. Tal dado indica que há, na área de Linguística, uma valorização de expor, no projeto de pesquisa, um conhecimento teórico já estabelecido, muito mais do que a discussão sobre metodologias, resultados e conclusões de pesquisas prévias.

É importante ressaltar ainda que, dos seis projetos que apresentaram o passo ‘relatando pesquisa prévia’ (Tabela 1), quatro projetos estão inclusos na lista daqueles que utilizaram os estudos prévios como fonte bibliográfica (Tabela 2). No entanto, como vimos, apesar de essas referências constarem nas referências bibliográficas utilizadas para a escrita do projeto, elas não são, em sua maioria, citadas para realizar o passo ‘relatando pesquisa prévia’, o que sugere que essas pesquisas prévias têm outras funções no projeto que não são mostrar o que já foi feito em termos de metodologia, resultados e conclusões. Uma última informação acerca dessas fontes bibliográficas é que os artigos, teses e dissertações utilizadas se encaixam, no geral, na observação feita por Alves Filho (2018), de que as pesquisas recentes são das últimas duas décadas, porém, sua menção nos projetos de pesquisa é baixa.

Tabela 2 - Fontes bibliográficas dos projetos da área de Linguística

Projetos	Referências Teóricas		Pesquisas Prévias			
	Livro	Capítulo de Livro	Artigo de pesquisa	Tese	Dissertação	Monografia
L1_IC_17	7	3	0	0	0	0
L2_IC_17	15	3	2	0	0	0
L3_IC_17	9	2	0	0	0	0
L4_IC_13	5	5	3	2	1	0
L5_IC_09	8	1	0	0	0	0
L6_IC_16	20	2	1	1	0	0
L7_IC_14	19	0	0	1	0	0
L8_IC_16	14	0	0	3	0	0
L9_IC_16	13	1	0	2	0	0
L10_AF_11	21	2	7	1	0	0
L11_AF_09	7	14	6	3	1	0
L12_AF_17	18	14	4	1	0	0
TOTAL	156	47	23	14	2	0

Tabela 3 - Fontes bibliográficas dos projetos da área de Linguística (porcentagem)

Total de referências nos 12 projetos	Referências Teóricas			Pesquisas Prévias		
	Livro	Capítulo de Livro	Artigo de pesquisa	Tese	Dissertação	Monografia
242 (100%)	156 (64%)	47 (19%)	23 (9,5%)	14 (5,8%)	2 (0,9%)	0 (0%)

Quanto ao passo ‘indicando lacuna de pesquisa’, podemos ver (Tabela 1) o mesmo fenômeno que ocorre no passo ‘relatando pesquisas prévias’, pois a lacuna só é indicada uma única vez no projeto. O que precisamos observar nessa análise é que, nos projetos de iniciação científica (L5_IC_09, L7_IC_14), a lacuna aparece somente na seção *Apresentação e Justificativa* e o restante do projeto é dedicado à apresentação de metodologia, de objetivos, de metas, dentre outras informações que são requeridas. Já no projeto L11_AF_09, o escritor apresenta duas lacunas de pesquisa na seção *Problematização e Justificativa*. Com base nesse dado, podemos dizer que é possível encontrar algumas lacunas de pesquisa que justifiquem o projeto e não somente uma. Todavia, no *corpus* analisado, há preferência em focar somente em uma única lacuna de pesquisa que possa indicar uma determinada insuficiência da área e que justifique a realização da pesquisa.

Como vemos no exemplo (7), o escritor evidencia que existem esforços para a criação de uma **pedagogia de leitura**, mas que a pesquisa se insere em uma lacuna dessa pedagogia, a qual não foi capaz ainda de desenvolver conhecimentos acerca da “compreensão da leitura de textos didáticos, por alunos oriundos de contextos sociais menos favorecidos”. Ou seja, há uma limitação quanto aos sujeitos analisados nas pesquisas prévias que a pesquisa atual pretende superar.

(7) Mas há alguns esforços bem sucedidos na construção de uma pedagogia da leitura voltada especificamente para a realidade brasileira, como se pode observar nas referências deste projeto. A presente proposta **insere-se, todavia, numa lacuna dessa pedagogia**, ou seja, o desenvolvimento de um acervo de conhecimento enciclopédico, necessário à compreensão da leitura de textos didáticos, por alunos oriundos de contextos sociais menos favorecidos e, conseqüentemente, com cultura predominantemente oral. (L5_IC_09)

A limitação metodológica de uma pesquisa prévia (LIM, 2012) é a realização mais recorrente (Tabela 4) dentre as lacunas encontradas em nossa análise. No caso do trecho (7), há limitação dos sujeitos. Em outro projeto, o escritor aponta para a inacessibilidade a um

determinado local para pesquisas acadêmicas. A indicação de lacuna de pesquisa, porém, ocorre também pelo destaque de algum aspecto específico insuficiente, como é mostrado no excerto (8). Nesse trecho, o escritor destaca que não foram feitas pesquisas suficientes que compreendam as mudanças dos gêneros, a partir da visão bakhtiniana.

(8) A compreensão das mudanças por que passam esses gêneros ao serem transmutados (BAKHTIN, 1997) do suporte impresso para o virtual **ainda é uma tarefa por executar, apesar** dos esforços que têm sido feitos na pesquisa em ciências da linguagem. (L11_AF_09)

Tabela 4 - Recorrência dos tipos de lacuna nos projetos de Linguística

Projeto	Ausência total de pesquisas	Pesquisa insuficiente	Limitação em pesquisa prévia	Descobertas conflitantes
L5_IC_09	-	-	1	-
L7_IC_14	-	-	1	-
L11_AF_09	-	1	1	-
Total de realizações em toda a amostra	0	1	3	0
Total de projetos em que ocorre	0/3	1/3	3/3	0/3

A observação dos modos de realização desse passo ainda nos permite destacar que o passo ‘indicando lacuna de pesquisa’, que normalmente é realizado através da apropriação de pesquisas prévias (ALVES FILHO, 2018), ocorre sem a citação das mesmas. Assim, ao serem indicadas sem qualquer referência explícita a fontes bibliográficas, as lacunas passam a ser de responsabilidade do próprio escritor, que deve percebê-las sozinho, isto é, através de esforço pessoal próprio de identificar quais insuficiências podem ser sanadas pela pesquisa proposta. Tais descobertas apontam para a direção de que as pesquisas prévias têm outras funções dentro do projeto e que os trabalhos das últimas duas décadas não são utilizados explicitamente para evidenciar o que já tem sido feito na área, tampouco para indicar o que falta nela. Ao relacionarmos as Tabelas 1 e 2, percebemos que um dos três projetos que indicaram lacuna não cita qualquer pesquisa prévia em seu trabalho (L5_IC_09); o outro cita somente a tese do próprio escritor (L7_IC_14); e o último (L11_AF_09) tem em suas referências bibliográficas alguns artigos, teses e dissertações, mas eles não são utilizados para a indicação de lacuna.

Essa descoberta sugere que os pesquisadores da área de Linguística, ao não citar pesquisas prévias explicitamente para indicar suas lacunas de pesquisa e nem fazer críticas a elas, buscam evitar conflitos diretos dentro da área. O fato de agruparem estudos prévios em expressões gerais como “esforços”, “pesquisas”, “produção acadêmica” ou “pesquisas da academia” é outro elemento forte para essa postura mais neutra em relação às pesquisas prévias.

Quanto à realização do passo ‘indicando problemas do mundo real’, um achado importante foi a determinação da utilização ou não de fontes de dados, acadêmicas ou estatísticas, pelos escritores para apontar esses problemas (Tabela 5). Em nossa amostra, percebemos que o problema do mundo real pode partir de uma ausência de dados ou de ausência de pesquisas prévias, isto é, o escritor constata um problema sem que haja qualquer referência bibliográfica atrelada a ele e também não indica dados estatísticos públicos que possam sustentar essa insuficiência.

Tabela 5 - Recorrência da mediação de leitura no passo ‘indicando problemas do mundo real’ em Linguística

Projetos	Mediação de leitura		Sem mediação de leitura
	Pesquisas prévias	Documentos públicos	Ausência
L1_IC_17	-	1	1
L3_IC_17	-	-	1
L5_IC_09	-	3	-
L6_IC_16	1	-	1
L7_IC_14	-	-	1
L8_IC_16	1	-	1
L9_IC_16	1	-	-
L10_AF_11	-	-	1
TOTAL	3	4	6

No exemplo (9), o escritor apresenta a dificuldade que as escolas têm para se adaptar aos alunos com deficiência dentro de um ambiente majoritariamente de alunos sem deficiência. Essa realização sugere que os pesquisadores experientes sustentam o problema, em seu projeto, por meio de um conhecimento próprio daquele ambiente. No entanto, por falta de pistas nos textos analisados, não podemos afirmar categoricamente que essa ausência indica que essa constatação parte de uma experiência vivenciada pelo próprio escritor do projeto, mas sugere que o problema apresentado pode fazer de um conhecimento compartilhado entre o escritor e o leitor do projeto e, conseqüentemente, não precisar de fontes comprovativas.

(9) Outro aspecto relevante é **a dificuldade das escolas em fazer as devidas adaptações**, adequações para a efetiva inclusão das alunas e alunos com deficiência na sala comum, **além da falta** de projeto pedagógico adequado. Para amenizar essas dificuldades, muitas secretarias de educação e escolas chegam a **fazer tentativas** no intuito de construir condições para melhorar a inserção do aluno nas salas regulares. (L8_IC_16)

A análise das indicações de problemas do mundo real nos mostrou também que os problemas podem ter uma mediação de leitura, e é essa mediação que sugere que os problemas do mundo real precisam de alguma validação, seja por meio do conhecimento já explicitado na literatura, seja por meio de dados estatísticos públicos. No trecho (10), por exemplo, o escritor evidencia um grave problema da educação brasileira com base nos resultados dos exames de avaliação do ensino básico brasileiro. Já no excerto (11), o escritor se baseia em considerações feitas por pesquisas prévias e que mostram que aquele problema existe.

Esta mediação de leitura e o uso de dados públicos e de pesquisas prévias para a realização do passo ‘indicando problemas do mundo real’ sugere que, por ser um projeto de pesquisa científico, isto é, que carece de um planejamento, de uma metodologia e de bases teóricas fundamentais, os escritores se veem na posição de sustentar suas afirmações com base em um conhecimento já estabelecido ou mesmo através de uma interpretação de dados reais. Outro fato interessante sobre tal recorrência é que, neste caso, as pesquisas prévias foram utilizadas para corroborar um problema no mundo real. Em outras palavras, as pesquisas prévias não são o alvo de uma crítica, ao contrário, elas servem para ratificar um conhecimento já estabelecido.

(10) O processo ensino/aprendizagem da leitura é hoje um dos principais, **senão o principal problema da educação brasileira, como mostram os diversos sistemas de avaliação – estaduais, nacionais e internacionais**. (L5_IC_09)

(11) **Entretanto**, observa-se que essa política de inclusão **não tem atingido níveis satisfatórios, conforme apontam algumas pesquisas** (____, 2016; SATO, 2013; MENDES, VILARONGA E ZERBATO, 2014), devido à falta de estrutura, recursos e preparo docente. (L9_IC_16)

Após a análise da recorrência e da caracterização dos passos, percebemos que o reconhecimento dos problemas de pesquisa para a escrita de um projeto de pesquisa é muito mais fundamentado na necessidade de resolver alguma dificuldade real e que o projeto, conseqüentemente, deve ter um impacto efetivo nas práticas de ensino de leitura ou inclusão

de alunos com deficiência, por exemplo. Isto nos leva a pensar que, na área de Linguística, é mais valorizado empreender pesquisas que são motivadas por esses problemas do mundo real, muito mais do que críticas a pesquisas prévias.

5.1.3 Relação que os passos mantêm entre si nos projetos de Linguística

Na análise sobre a relação entre os passos, desconsideramos aqueles projetos que apresentaram a realização de somente um dos três passos analisados e consideramos aqueles projetos que apresentaram, no mínimo, a realização de dois passos retóricos (Tabela 6). No entanto, dos cinco projetos que atendem a esse critério, somente três deles apresentaram alguma relação de sequencialidade entre os passos retóricos.

Tabela 6 - Projetos de Linguística que apresentam a presença de dois ou três passos retóricos

Projeto	Relatando pesquisa prévia	Indicando lacuna de pesquisa	Indicando problemas do mundo real
L5_IC_09	2	1	3
L6_IC_16	3	-	2
L7_IC_14	-	1	1
L10_AF_11	1	-	1
L11_AF_09	1	2	-

As relações encontradas nos projetos L5_IC_09, L6_IC_16 e L10_AF_11 são, majoritariamente, entre os passos ‘indicando problemas do mundo real’ e ‘relatando pesquisa prévia’, havendo uma única ocorrência em que ‘relatando pesquisa prévia’ é seguido do passo ‘indicando lacuna de pesquisa’ (L5_IC_09). No projeto L5_IC_09 (Quadro 7), a sequência das estratégias ‘indicando problemas do mundo real’, ‘relatando pesquisa prévia’ e ‘indicando lacuna de pesquisa’ mostra que, primeiro, o escritor apresenta um problema do mundo real para, em seguida, mostrar que existem, na academia, trabalho prévios que buscaram sanar esse problema da realidade e que eles foram bem sucedidos. Logo em seguida, apesar dos aspectos positivos dos estudos prévios, o escritor aponta que há uma lacuna na metodologia desses estudos, pois eles não contemplam um determinado aspecto metodológico. Nesse trecho, portanto, o escritor, para mostrar a relevância e a motivação da pesquisa, parte do mundo real para o mundo da ciência.

Quadro 7 - Relação entre os passos no projeto L5_IC_09

Indicando problemas do mundo real	Relatando pesquisa prévia	Indicando lacuna de pesquisa
O processo ensino/aprendizagem da leitura é hoje um dos principais, senão o principal problema da educação brasileira , como mostram os diversos sistemas de avaliação – estaduais, nacionais e internacionais.	Mas há alguns esforços bem sucedidos na construção de uma pedagogia da leitura voltada especificamente para a realidade brasileira, como se pode observar nas referências deste projeto.	A presente proposta insere-se, todavia, numa lacuna dessa pedagogia , ou seja, o desenvolvimento de um acervo de conhecimento enciclopédico, necessário à compreensão da leitura de textos didáticos, por alunos oriundos de contextos sociais menos favorecidos e, conseqüentemente, com cultura predominantemente oral.

No projeto L6_IC_16, a ordem sequencial dos passos é ‘relatando pesquisa prévia’ e ‘indicando problemas do mundo real’, sem o aparecimento da indicação de lacunas (Quadro 8). Nessa relação, o escritor mostra que, na academia, existe a preocupação com um determinado tema e que os resultados dessas pesquisas são positivos. Contudo, o movimento de aplicação das pesquisas científicas no mundo real ainda não ocorreu satisfatoriamente. Diferentemente do que ocorre em L5_IC_09, no qual o escritor evidencia que as pesquisas têm sido aplicadas no mundo real, em L6_IC_16, existe uma relação de causa e efeito entre a existência do problema do mundo real, porque as pesquisas não têm sido aplicadas de forma adequada.

Quadro 8 - Relação entre os passos no projeto L6_IC_16

Relatando pesquisa prévia	Indicando problemas do mundo real
Muito já foi publicado e pesquisado sobre este tema, planos e metas, e os resultados um tanto satisfatório	embora nem sempre colocados em prática , principalmente no que diz respeito a letramento digital em sala de aula.

Por fim, em L10_AF_11, é retomada a sequência de ‘indicando problemas do mundo real’ e ‘relatando pesquisa prévia’ (Quadro 9). O escritor, nesse projeto, utiliza as pesquisas prévias não com seu viés de aplicação e solução dos problemas do mundo real, mas com a função de confirmar o problema do mundo real indicado anteriormente, o que difere das duas realizações já analisadas.

Quadro 9 - Relação entre os passos no projeto L10_AF_11

Indicando problemas do mundo real	Relatando pesquisa prévia
<p>No dia a dia da atividade acadêmica, percebe-se que os estudantes do ensino superior, tanto na graduação como na pós-graduação, encontram expressivas dificuldades para atender às exigências que o meio lhes apresenta, especialmente no campo da leitura e da escrita. Embora o sucesso dos estudantes em cursos de nível superior, bem como na carreira acadêmica como tal, dependa amplamente de sua capacidade de ler/compreender e produzir os gêneros textuais requeridos pela academia,</p>	<p>estudos (referidos adiante neste projeto) indicam que esses estudantes nem sempre estão preparados para encarar tais desafios.</p>

5.1.4 A fala dos pesquisadores de Linguística

Como posto na discussão sobre os propósitos comunicativos do gênero projeto de pesquisa, é consensual que o projeto de pesquisa precisa convencer seu leitor da importância e da relevância da pesquisa proposta e que isso pode ser feito pela elaboração de um bom planejamento, isto é, da harmonia entre objetivos, teoria e metodologia, ou a relevância pode advir da exposição de pesquisas prévias e da indicação de lacunas existentes. Na fala dos professores de Linguística, no entanto, o propósito comunicativo do projeto de pesquisa gira em torno da função de organização da pesquisa para o próprio pesquisador. Em outras palavras, os pesquisadores de Linguística focaram mais na função de planejamento e organização que o gênero projeto de pesquisa permite ao próprio pesquisador.

(12) *E o projeto, nada mais é que um planejamento daquilo que você vai vir a fazer, a desenvolver. Então, eu penso sim que ele é importante, é norteador, ele te mostra os caminhos a seguir, você tem etapas de execução daquela pesquisa, te dá um retorno e um controle e, também, faz você pensar antes de executar a ação... para pra pensar na execução da ação.* (PL_1)

(13) *Pois é, a função do projeto é exatamente essa... é tornar possível o que é pensado, o que é especulado. (...) porque, analisando a função, o social do projeto, é... é ele que permite, né... é ele que permite a materialidade, a execução, o encaminhamento de qualquer pesquisa.* (PL_2)

A fala de PL_1 é bastante clara quanto à função do projeto como planejamento e como um instrumento que permite ao pesquisador refletir sobre suas próprias ações. Essas funções destacadas remetem ao que Barros (2005) colocou como funções operacionais do projeto, pois

o projeto serve para sistematizar o trabalho e facilitar o andamento das ações, mas também serve como um momento de reflexão e autoesclarecimento para o próprio pesquisador, que precisa articular suas ideias aos objetivos, metodologia e literatura. Na fala de PL_2, também se destaca a função organizadora do projeto, pois, só pelo projeto, o pesquisador pode tornar possível a execução de sua pesquisa, uma vez que é ele que permite o encaminhamento das pesquisas. Ademais, PL_2 comentou rapidamente sobre o caráter persuasivo do gênero ao relacionar a relevância do projeto com o convencimento de que vale a pena uma agência de fomento empreender recurso na pesquisa proposta.

(14) *...você tem que convencer, a partir do que tá textualizado no projeto, se vale a pena empreender recurso, né... e incentivo a uma determinada ação. (PL_2)*

Nas respostas de nossos informantes, foi possível perceber também que o projeto de pesquisa mantém sua característica de gênero ocluso (SWALES, 2004), pois nenhum dos pesquisadores disponibiliza seus projetos de pesquisa para outros pesquisadores lerem e darem sugestão. Isto é, a função de diálogo científico e acadêmico (BARROS, 2005) não é tão evidente, dando mais espaço para o aspecto de planejamento e organização das ações do pesquisador. Contudo, na fala de PL_1, foi possível detectar uma outra função do gênero projeto de pesquisa que não era esperada pelos autores e esse propósito comunicativo está relacionado à formação dos pesquisadores iniciantes por meio da iniciação acadêmica, que só é possível após a submissão do projeto de pesquisa para uma avaliação e aprovação.

(15) *Não. Eu tô sempre fazendo projeto. Eu fiz projetos pra pós-doc. É... faço projeto Pibic. Faço projeto pra... de ação extensionista. Faço o projeto pra... aqui... é... Pibia, que é iniciação acadêmica, e, recentemente, eu tô envolvida num projeto interinstitucional de um contato que eu tive com o professor, o (___), lá, né, de (___), e com a professora de (___)... (PL_1)*

(16) *Não, os projetos não. Às vezes, a gente consegue algum leitor no artigo... é, pede pra... é... alguns membros do grupo, algum colega... mas projeto não. (PL_2)*

(17) *Eu acho que é importante, não só pro professor, mas também pro alunado em si, pra essa iniciação acadêmica por via do processo, do desenvolvimento vai familiarizando o aluno com o que é comum na academia, na instituição de ensino. (PL_1)*

Quanto à relevância da pesquisa presente no projeto, os pesquisadores apresentaram três caminhos que se caracterizam, em primeiro lugar, por uma relevância que busca responder uma questão pouco explorada ou que não está bem desenvolvida na área, ou seja, a

relevância da pesquisa está aliada a sua capacidade de focar em temas e objetos de estudos que foram pouco investigados ou aqueles sobre os quais ainda há conhecimentos pouco explorados. Assim, a relevância se evidencia em um olhar para dentro da própria área e temática, uma vez que, como afirmou PL_2, a pesquisa que está sendo proposta precisa se inserir em um quadro de pesquisas prévias para evidenciar o que já foi feito e a necessidade de mais pesquisas.

(18) *Ah... ela vai ser relevante se ela tiver sido uma questão pouco explorada. Ou ser uma questão que apresenta pontos de vista ou vertentes diferentes praquela assunto. Se, de fato, é uma coisa nova, que traz uma abordagem diferente e pode contribuir até pruma mudança, assim, de direcionamento. Então, é aquilo que acena pro novo ou pro mal resolvido. Então, se é uma questão não muito consensual ou bem resolvida na minha área ou ainda que, aparentemente, esteja bem resolvida, ela ainda suscita novas investigações... então, isso é uma questão boa de pesquisa, né. (PL_1)*

(19) *É... existem duas formas de marcar a relevância e a justificativa de uma pesquisa. É... primeiro pela inserção dela no quadro das pesquisas anteriores, né... mostrando, evidenciando o que que já foi feito de investigação nesse determinado... determinado objeto, dentro desse tema e aí mostra a necessidade, né, de ampliar ou de ocupar esse nicho... isso aí é uma justificativa teórica e analítica... (PL_2)*

Em segundo lugar, a relevância do projeto é marcada pela coerência interna. Neste caso, a proposição da pesquisa está para além do uso de estratégias retóricas que apresentem relatos de pesquisas prévias e indicações de lacunas de pesquisa e problemas do mundo real. Os membros da área afirmaram que a relevância da pesquisa perpassa a capacidade do escritor de relacionar de forma coerente os objetivos, a teoria e a metodologia. Assim, tem-se uma pesquisa exequível, porque correlaciona muito bem suas partes constitutivas.

Por fim, PL_2 também ressaltou que a relevância pode ter um caráter mais social, isto é, a pesquisa pode buscar atender demandas sociais. Contudo, PL_2 comentou que essas três possibilidades de mostrar a relevância não se autoexcluem. Na realidade, elas podem ser combinadas para convencer o leitor a aprovar o projeto de pesquisa.

É possível estabelecer ainda uma conexão entre a relevância da pesquisa e seu ponto de partida ou motivação. Tanto PL_1 quanto PL_2 destacaram que chegam a sua pergunta de pesquisa e a seu tema através do seu próprio trabalho de pesquisa, em outros termos, por meio de atividades de discussão em grupos de pesquisa, de leituras de artigos ou trabalhos de alunos e de participação em bancas avaliadoras, os pesquisadores chegaram a questões de pesquisa e a temas pouco explorados ou mal resolvidos que os motivaram a propor uma nova pesquisa.

Os membros da área enfatizaram também a forte relação que ambos têm com a formação e capacitação de professores, com a melhoria do ensino básico e com o ensino de escrita acadêmica, que são fatores motivacionais para suas pesquisas. PL_2 afirma que, por estar inserida na Linguística Aplicada, as questões sociais ancoram as pesquisas que propõe. Dessa forma, pela fala dos informantes, a motivação e a relevância da pesquisa caminham nesse diálogo entre a leitura que se faz das pesquisas na área e os problemas reais encontrados na sociedade.

Por consequência, o papel que os problemas do mundo real desempenham no projeto de pesquisa é de motivação e de evidenciar a relevância que a pesquisa tem. Já as pesquisas prévias têm a função de inserir o projeto de pesquisa em um quadro maior de trabalhos na área, ou seja, o levantamento que é feito por meio das pesquisas prévias permite que o projeto faça parte de uma tradição de pesquisa e evidencia que o trabalho não surge do nada, mas do conhecimento que o pesquisador tem das leituras prévias. As pesquisas prévias realizam também o papel de motivar e de justificar a relevância do projeto de pesquisa, por meio das lacunas de pesquisa que ainda existem. PL_2 afirma que no projeto é importante referenciar as pesquisas prévias para, em seguida, indicar lacunas de pesquisa, realizar o confronto entre as pesquisas prévias.

(20) É... o projeto como o próprio nome diz, ,é... assim, não cabe tanta discussão teórica. É importante referenciar, é... fazer um levantamento do que já foi feito sobre o tema... como eu já falei pra você antes, porque isso justifica é a inserção da sua pesquisa, justifica a relevância, mostrando as lacunas que ainda existem, é... se é pra fazer algum confronto e tal... (PL_2)

Com relação às fontes de referência que devem aparecer no projeto, ficou evidente nas falas dos colaboradores que, no projeto, devem haver referências teóricas e referências a pesquisas prévias. PL_1 enfatizou a importância de se conhecer as últimas referências sobre o assunto e disse que, quando busca artigos, procura aqueles mais recentes para saber o que foi dito e o que está, atualmente, sendo dito. Contudo, se se tratam de textos de referência para a área, não importa o ano em que foram publicados, pois a função do aporte teórico ou conceitual seria embasar o desenvolvimento da pesquisa.

Quanto a essas referências teóricas, PL_2 afirmou que, no projeto, não há espaço para muita discussão teórica. O escritor do projeto precisa apresentar os conceitos centrais de sua pesquisa, mas sem que haja discussão teórica. No caso do projeto, o que seria mais relevante para esse membro da área é o levantamento do que já foi feito.

(21) *Então, se eu vou pesquisar sobre o assunto, eu vou saber... vou procurar saber o que que já foi dito sobre aquilo, o que que ainda não foi dito, o que que precisa... o que que pode ser acrescentado, quem é... quais são as últimas referências naquele... naquele assunto. (...) Eu procuro artigos recentes, de preferência recentes, mas se forem textos de referências aí, de referência não importa o ano... (PL_1)*

Algo bastante recorrente nas informações fornecidas pelas falas de PL_1 e PL_2 foi a ênfase que ambos deram ao conhecimento pouco explorado ou mal resolvido ou àquilo que ainda não se sabe. As lacunas de pesquisa foram apontadas como um dos fatores que evidenciam a relevância e podem ser consideradas como motivadoras da pesquisa. A partir das falas, ficou evidente a valorização que a lacuna tem na prática de pesquisa e também na própria escrita do projeto. PL_1, ao comentar as sugestões que daria a um jovem pesquisador quando da escrita do projeto, foca na questão de pesquisa e como ela vai contribuir com o conhecimento e se de fato ela vai ajudar a construir conhecimento. Isso remete ao fato de não pesquisar o que já se sabe. PL_2 comenta que é preciso justificar a pesquisa observando seu caráter teórico, que, nesse caso, o membro da área compreendeu como as pesquisas prévias, ou seja, no seu conselho para um pesquisador iniciante, há o destaque à justificativa da pesquisa por meio das pesquisas prévias e da necessidade de se mostrar o que já foi feito e o que ainda falta fazer.

(22) *...numa sugestão... eu diria que o principal é encontrar a questão de investigação, a questão norteadora. O que que você quer buscar? O que que te move? Por que que você quer pesquisar isso? De onde surgiu essa tua ideia? E aí, tendo essa questão, né, é... norteadora, de fato, ela vai construir conhecimento? Ela... O que que você pensa que desenvolvendo essa questão, você vai mudar?... você vai contribuir com o conhecimento? (PL_1)*

(23) *Bom, eu acho que é... enfatizar a justificativa, mas uma justificativa de caráter teórico e não aquela justificativa que propõe uma relevância a partir do que pode vir a ser executado... (PL_2)*

(24) *Das pesquisas prévias pra mostrar a necessidade... de fato justificar a pesquisa, né... então... o que é que foi feito, o que não foi feito ainda, o que precisa ser feito e, às vezes, quando você tem casos de pesquisa que ainda não foram... elas realmente são vanguardas, aí sim... enfatizar bem isso. (PL_2)*

Como conselho aos pesquisadores iniciantes, PL_1 e PL_2 retomaram a questão da coerência interna do projeto, que precisa ter uma pergunta de pesquisa, objetivos que respondam a essa pergunta, uma fundamentação teórica ou estado da arte que sustente sua

pesquisa, uma metodologia adequada e, também, um cronograma de execução adequando a todas as suas atividades.

Nas falas dos membros da área de Linguística, é perceptível que o trabalho do pesquisador não pode estar distante do contato com as pesquisas científicas recentes e do contato com os questionamentos que estão em destaque dentro de suas áreas de pesquisa. No entanto, na escrita do projeto de pesquisa, o relato de pesquisa prévia não é uma das estratégias mais evidentes e também se caracteriza por ser um relato impreciso das pesquisas e, majoritariamente, sem citação das pesquisas prévias, ou seja, há uma falta de sintonia entre o que foi valorizado nas falas dos professores e o que foi textualizado no projeto. Outro aspecto a ser notado é que, nas falas dos informantes, as pesquisas prévias levam à identificação de uma lacuna de pesquisa, daquilo que precisa ser feito, porém, na prática de escrita do projeto, as pesquisas prévias não levam, necessariamente, à indicação de lacunas de pesquisa.

Dessa forma, ao contrastar as informações obtidas por meio das falas de PL_1 e PL_2 com os dados da análise textual, percebe-se uma falta de sincronia entre o que foi dito e a prática de escrita com relação ao relato de pesquisas prévias e a indicação de lacuna. Em contrapartida, os dois entrevistados enfatizam o papel que os problemas do mundo real têm na proposição de suas pesquisas e isso é confirmado na alta recorrência do passo 'indicando problemas do mundo real'.

Como disse PL_2, o convencimento da relevância da pesquisa, da pergunta de pesquisa, se dá pelo que está textualizado no projeto. Assim, podemos entender que os escritores dos projetos buscaram o convencimento de seus leitores através de motivação e de relevância associadas a um problema real ou social muito mais que por uma relação entre as pesquisas prévias e os problemas teórico-metodológicos da área.

Quanto às possíveis diferenças entre os projetos escritos para iniciação científica, agências de fomento e bolsa de produtividade, PL_1 afirmou que não existem diferenças tão marcantes, uma vez que o gênero projeto de pesquisa, em qualquer uma de suas situações retóricas, tem informações que precisam ser apresentadas, como os objetivos, a fundamentação teórica, metodologia, cronograma. Porém, PL_1 destaca que o desenvolvimento dessas informações será adequado ao leitor e à instituição (destinatário) a que o projeto está sendo submetido, ou seja, há uma adequação às exigências de cada uma. Relacionando esta fala ao que foi encontrado nos projetos analisados, percebe-se que, com relação ao relato de pesquisa e às indicações de lacuna de pesquisa e problemas do mundo real, não há diferenças, pois as realizações dos relatos de pesquisa prévias se assemelham, há

uma baixa recorrência de indicação de lacuna prévia e os escritores indicam mais problemas do mundo real. Em outras palavras, nos aspectos que estamos analisando nesta pesquisa, não há diferenças entre a escrita do projeto nas suas diversas situações retóricas, o que percebemos é a semelhança entre eles.

5.2 A área de Química

5.2.1 A frequência dos passos retóricos nos projetos de Química

A análise quantitativa feita nos projetos de Química (Tabela 7) revelou que os passos ‘relatando pesquisa prévia’ (12/12) e ‘indicando problemas do mundo real’ (11/12) possuem alta recorrência, e que o passo ‘indicando lacuna de pesquisa’ (6/12) possui média recorrência. A alta recorrência do relato de pesquisas prévias e, mais especificamente, sua presença em todos os projetos analisados demonstra a valorização que os pesquisadores da área de Química dão às investigações já realizadas sobre o tema ou objeto de estudo. Também se mostrou bastante relevante a indicação de problemas do mundo real na escrita do projeto de pesquisa, isto é, aliar a atividade acadêmico-científica a problemas relacionados à vida social, focando em problemas que afetam a sociedade como um todo ou um grupo social particular. Contudo, a alta recorrência do passo ‘indicando problemas do mundo real’ não impede a realização simultânea da indicação de lacuna, haja vista o passo ‘indicando lacuna de pesquisa’ ter ocorrido em metade dos projetos analisados e isso mostra que há, também, a necessidade de indicar insuficiências e questões mal resolvidas dentro da própria área.

A relação e o contraste feitos entre a recorrência dos passos ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas do mundo real’ sugerem que, na proposição de uma pesquisa através do projeto de pesquisa, é possível que o escritor apresente, ao mesmo tempo, dois pontos de motivação da pesquisa, sendo um interno (lacuna de pesquisa) e o outro externo (problemas do mundo real). Essa afirmação pode ser constatada pelo fato de que em cinco, dentre os seis projetos em que é apresentada a lacuna de pesquisa, há também a indicação de problemas do mundo real. Por outro lado, devido à maior recorrência de problemas do mundo real, foi percebido que há preferência por pesquisas que estejam relacionadas com problemas reais, que afetam a vida social.

Tabela 7 - Recorrência dos passos retóricos nos projetos de Química

Projeto	Relatando pesquisa prévia	Indicando lacuna de pesquisa	Indicando problemas do mundo real
Q1_BP_14	12	7	-
Q2_BP_16	9	3	1
Q3_BP_14	4	-	2
Q4_BP_16	3	2	7
Q5_BP_16	1	-	4
Q6_BP_14	13	3	1
Q7_BP_11	8	-	3
Q8_BP_12	13	10	8
Q9_BP_13	2	5	3
Q10_BP_12	1	-	1
Q11_IC_14	1	-	2
Q12_IC_18	2	-	1
Total de realizações em toda a amostra	69	21	34
Total de projetos em que o passo ocorre	12/12	6/12	11/12

Na Tabela 7, é possível observar também que, nos projetos, os três passos tendem a ocorrer mais de uma vez, dessa forma, corroborando a relevância que cada um deles tem na proposição de projetos de pesquisa na área de Química. No caso de ‘relatando pesquisa prévia’, observamos que diversas pesquisas são relatadas ao longo do projeto e até mesmo longos relatos sobre algum aspecto da pesquisa que está sendo proposta, o que indica que os pesquisadores da área de Química estão interessados em mostrar ao leitor do seu projeto o que já se sabe, o que já foi pesquisado. Ou seja, há a necessidade de relatar o estado da arte.

Quanto ao passo ‘indicando lacuna de pesquisa’, as análises mostram que ele aparece várias vezes em um mesmo projeto para evidenciar as lacunas relacionadas a diversos aspectos do tema. Em Q1_BP_14, por exemplo, o escritor apresenta a lacuna de pesquisa com relação à falta de estudos sobre uma determinada espécie de planta, como também se refere a uma lacuna mais específica, que é a falta de estudos químicos e farmacológicos sobre essa espécie. Em Q2_BP_16, o escritor já foca em lacunas de pesquisa metodológicas, relacionadas a dois procedimentos de análise diferentes. Isso quer dizer que a recorrente presença da indicação de lacuna em um único projeto está relacionada à necessidade de

mostrar os vários pontos problemáticos, que precisam ser superados dentro da área de pesquisa.

O passo ‘indicando problemas do mundo real’ se assemelha à indicação de lacuna neste aspecto, pois os escritores apresentam problemas do mundo real que estão relacionados a diferentes aspectos do tema da pesquisa. Em Q3_BP_14, o escritor primeiro mostra que existem problemas com relação ao tratamento de úlceras gástricas. Depois, indica que as espécies de plantas que serão utilizadas no projeto fazem parte de um bioma ameaçado, isto é, que as plantas que podem oferecer melhoras no tratamento das úlceras gástricas são encontradas nesse bioma que pode ser extinto. Em outros termos, a presença recorrente de problemas do mundo real está relacionada à existência de vários problemas que se relacionam com o tema da pesquisa.

5.2.2 A caracterização dos passos retóricos nos projetos de Química

O passo ‘relatando pesquisa prévia’, nos projetos de Química, aborda, predominantemente, os aspectos metodológicos e os resultados de investigações prévias, mas também apresenta relatos sobre o tema, sobre os objetivos e sobre as conclusões. Essa realização está de acordo com a definição de Alves Filho (2018) para este passo, o qual enfatiza a exposição de um conhecimento prévio proveniente de pesquisas científicas por meio do relato de resultados e descobertas e de procedimentos metodológicos.

A realização desse passo ocorre de diversas maneiras e essas formas de realização sugerem que as pesquisas prévias são utilizadas com diversas funções no projeto. O primeiro aspecto observado foi se o escritor trazia as referências desses estudos no texto e se essas referências eram agrupadas em um conjunto ou se o escritor se referia a elas individualmente. A referência bibliográfica individual a uma pesquisa prévia ocorre tanto como parte integral do texto como entre parênteses. Já a referência a um conjunto de estudos foi encontrada somente entre parênteses. O isolamento e o agrupamento de referências indicam funções diferentes. Em (25) e (26) são apresentados exemplos em que há o relato de uma única pesquisa.

(25) **Olajide et al (2013) mostraram** que a atividade anti-inflamatória das cascas do caule de *A. occidentale* observada em cultura de células BV-2 expostas à LPS se deve à redução na produção de NO, PGE₂, TNF- α , e interleucina 6 e à inibição das enzimas COX₂ NO induzível, provavelmente via inibição na via dos fatos MAPK e NF- κ B. (Q6_BP_14)

No excerto (25), o escritor dá ênfase a um aspecto específico de uma única pesquisa, particularizando-a e destacando um resultado que mostra os usos etnofarmacológicos do objeto de estudo. Ou seja, apresenta-se como relevante destacar, no projeto, informações já conhecidas pelos pesquisadores da área sobre o porquê de o objeto de estudo ter uma ação anti-inflamatória, uma vez que é por causa do conhecimento prévio dessa atividade que o escritor poderá estabelecer seu objetivo de pesquisa: “desenvolver materiais com atividade farmacológica utilizando os compostos presentes na goma de cajueiro”.

Já em (26), o escritor se refere a uma única investigação e a apresenta em formato de um resumo, indicando objeto de estudo, metodologia, resultados e conclusões. Tal relato sugere que essa investigação prévia apresenta diversos elementos que se aproximam do estudo que está sendo proposto. Daí a necessidade de apresentar não só os resultados, mas também o objeto de estudo, a metodologia e as conclusões, para deixar claro ao leitor o que já se sabe e o que já se fez em termos de metodologia, e que é possível desenvolver uma pesquisa que utilize os mesmos métodos ou que se assemelhe ao que já foi feito.

(26) A variabilidade da composição quirál de terpenóides foi realizada pelo estudo de **Castillo e colaboradores [57] analisando** os óleos essenciais de *Mentha piperita*, no qual **foram relacionados** à constituição enantiomérica **com diferentes origens** da planta, na Espanha. **Como resultado deste estudo, realizado com o uso de duas fases estacionárias quirais** derivadas de ciclodextrinas, foram encontradas pequenas variações na distribuição enantiomérica dos terpenos quirais bioativos. **Concluindo, os autores consideraram** que a variação enantiomérica de terpenos em *Mentha piperita*, é independente da origem geográfica da planta na Espanha. (Q8_BP_12)

No exemplo (27), o escritor atribui um determinado conhecimento a um conjunto de pesquisas prévias. Neste caso, o relato de pesquisas prévias sugere que há um certo nível de consenso em torno dessa informação, haja vista ela ter sido apontada por diversos estudos, isto é, o resultado relatado é bem estabelecido na área e é consensual entre muitos pesquisadores. Mais uma vez, destacamos que esse relato está fortemente conectado com o objetivo da pesquisa que, em Q7_BP_11, é avaliar “as propriedades quimiopreventivas associadas ao potencial antioxidante, antitumoral, antiinflamatório, inibidor de quinona redutase e de mieloperoxidase, bem como do potencial antifúngico, exibido por extratos obtidos de plantas do Cerrado e Mata Atlântica”.

(27) **A literatura fitoquímica** recente, especialmente nos últimos 10 anos, **vem relatando** uma quantidade crescente de trabalhos que **evidenciam** a relação entre as atividades antioxidante e quimioprotetores exibidas por extratos vegetais brutos, frações semipurificadas

e ainda, pelos seus constituintes químicos purificados [Rice-Evans, 1996; Harborne & Williams, 2000; Balunas & Kinghorn, 2005]. (Q7_BP_11)

Quando o escritor se refere a um conjunto de pesquisas prévias, ele faz uso de expressões “guarda-chuva”, que são expressões como ‘estudos’, ‘pesquisas’, ‘trabalhos’, ‘investigações’ e ‘a/na literatura’. Nessas ocorrências, quando o escritor relata os resultados, há a indicação desse conhecimento prévio consensual. No entanto, quando alguns estudos são agrupados e é apresentado um aspecto metodológico, percebemos que uma das funções é mostrar que aqueles procedimentos são válidos e permitem que se chegue a um determinado resultado, como em (28).

(28) Com o intuito de encontrar formas de capturar e utilizar o CO₂ e diminuir a sua emissão excessiva para a atmosfera, **estudos realizados** em escala laboratorial propõem a formação de alquil-carbonatos **através da captura e fixação desse gás por reação com álcoois superiores como o álcool isoamílico**. (Q2_BP_16)

O uso dessas expressões “guarda-chuva” ocorreu de diversas maneiras nos projetos de Química. A primeira delas aparece em (28), exemplo no qual não é citada nenhuma referência de pesquisas prévias, mas em que o escritor apresenta relato de uma característica particular. Isto significa que, apesar da imprecisão das referências, a informação que é dada não é imprecisa, ela é específica e trata de um procedimento metodológico ou de resultados, como no trecho (29), que se assemelha com a função percebida em (27), de apresentar um conhecimento consensual. Contudo, há realizações mais imprecisas que se referem ao tema de estudos prévios, que não são citados no texto. Em (30), o escritor somente mostra que existem estudos sobre um determinado tema e não apresenta nenhuma outra informação sobre esses estudos, tampouco os identifica.

(29) **Estudos mostram** que o uso do biodiesel em misturas com diesel reduz as emissões de monóxido e dióxido de carbono e a de enxofre apesar de se observar um leve aumento nas emissões de óxidos de nitrogênio. (Q9_BP_13)

(30) **Estudos** voltados para a avaliação da degradação da mistura de ésteres metílicos causada por micro-organismos **são encontrados na literatura**. (Q4_BP_16)

Também foi comum, nos projetos de Química, encontrar longos relatos de pesquisas prévias, nos quais os escritores seguiam, por vários parágrafos, com os comentários sobre aspectos das pesquisas prévias. Nesses casos, o escritor apresenta várias pesquisas prévias que

falam sobre um determinado tema ou objeto de estudo, como também apresenta informações sobre resultados e metodologias para mostrar que existem estudos sobre aquilo. Ou seja, há relatos sequenciais voltados para um resumo dos resultados encontrados em pesquisas prévias, exemplo (31), e há, também, uma realização em forma de listagem do que existe em termos de tema ou objetos de estudos de pesquisas prévias, trecho (32).

(31) Da espécie *Iryanthera sagotiana*, **foram obtidos** flavonóides (40, 41) [Silva *et al.*, 1997; 1998] e de *I. lancifolia* e *I. grandis*, flavonolignanas (42, 43) antioxidantes [Silva *et al.*, 1999]. As sementes de miristicáceas, ricas em triglicerídeos, frequentemente apresentam também antioxidantes lipofílicos para proteção do material graxo contra lipoperoxidação e preservação da sua integridade. Sementes de *Iryanthera juruensis* **forneceram** tocotrienóis antioxidantes (44, 45) e plastoquinonas (46, 47) [Silva *et al.*, 2001; 2007], análogos estruturalmente a cromenos isoprenilados extraídos de *Atractilodes lanceae* (48-50) [Resch *et al.*, 1999], utilizada popularmente na China por suas propriedades antiinflamatórias. **A avaliação biológica dos tocotrienóis e plastoquinonas de *Iryanthera juruensis* confirmou** a atividade anti-lipoperoxidativa e inibição de cicloxigenases. Adicionalmente, das folhas de *Iryanthera juruensis*, **foram obtidas** 5-desoxi-flavonas, **que mostraram** forte ação inibitória sobre a lipoperoxidação, além de inibir as cicloxigenases-1 e -2 [Silva *et al.*, 2007]. (Q7_BP_11)

(32) **As pesquisas desenvolvidas nesta área incluem temas diversificados** como: *i*) controle de qualidade de produtos utilizados como alimentos como, por exemplo, sucos de frutas [29, 30] *ii*) elucidação das propriedades biológicas de óleos essenciais visando o descobrimento de novos agentes antimicrobianos [31] e *iii*) estudos que envolvem interações planta-inseto e planta-planta (alelopatia) [32,33]. (Q8_BP_12)

O relato de pesquisas prévias, em outros casos, confere mais destaque ao objeto de estudo ou à metodologia dos estudos anteriores. Nessa ocorrência o relato inicia pelo destaque do objeto de estudo ou da metodologia e, em seguida, apresenta os resultados encontrados, para finalizar com a referência entre parênteses. Observamos, nessa realização, que as referências citadas são de artigos ou teses e não de referência teóricas. Esta ocorrência pode ser vista em (33).

(33) *S. allagophylla* **mostrou** atividade citotóxica, analgésica, antiinflamatória e larvicida, e as substâncias ativas foram isoladas e identificadas. **A naftoquinona dunniole (3) apresentou** atividade antiproliferativa contra linhagens de células tumorais humanas, inibindo totalmente o crescimento de células de glioma (U251), mama (MCF-7), ovário resistente à múltiplos fármacos (NCI-ADR/RES) e leucemia (K562) com concentrações de 1,1-5,3 μ g/mL (Riva *et al.*, 2012). **O cromeno 8-metoxilapachenol (4), que era inédito na literatura, foi o responsável pelas demais atividades.** Além destas duas, **foram isoladas mais 21 substâncias**, das quais sete são inéditas na literatura (Barbosa *et al.*, 2013; Scharf, 2014)

É importante ressaltar que, em alguns dos projetos, encontramos ainda o relato de pesquisas prévias do próprio escritor ou do grupo de pesquisa. Não há, nesses relatos, diferenças das realizações apontadas acima, isto é, o escritor faz o relato dos objetos de estudo, da metodologia e dos resultados de suas próprias pesquisas prévias. O que é relevante aqui é o fato de os pesquisadores, em seus projetos para bolsa de produtividade e de PIBIC, informarem ao seu leitor que eles já realizaram pesquisas prévias na área. Exemplos dessa ocorrência estão em (34) e em (35).

(34) **O projeto anterior tinha como objetivos** o estudo fitoquímico e biológico de 13 espécies da flora paranaense. (Q1_BP_14)

(35) Recentemente, **nossa equipe produziu** um filme baseado na blenda do polissacarídeo de goma de cajueiro e álcool polivinílico (CGP/PVA). **O filme polimérico apresentou** características bastante interessantes, sendo utilizado como suporte para imobilização de enzimas quitinolíticas, permitindo propor sua aplicação como material bioativo a ser utilizado em embalagens (Silva et al, 2012). (Q6_BP_14)

Quando às características para a identificação desse passo e suas informações, observamos, principalmente, os verbos utilizados para relatar a pesquisa prévia. Para falar da metodologia, o escritor utilizou verbos relacionados a procedimentos que foram realizados, como ‘isolar’, ‘testar’, ‘avaliar’, ‘conduzir’, ‘preparar’, ‘usar/utilizar’ e ‘sintetizar’. Os verbos mais recorrentes mostram o forte caráter experimental da pesquisa, pois há uma vasta manipulação da substância ou material sob análise. Para informar ao leitor sobre os resultados das pesquisas prévias, o escritor utilizou, predominantemente, os verbos ‘mostrar’ e ‘apresentar’, mas foram encontrados também outros verbos: ‘resultar’, ‘fornecer’, ‘produzir’, ‘relatar’, ‘desenvolver’ e ‘definir’. Esses verbos, relacionados aos resultados, evidenciam que as descobertas das pesquisas prévias têm um caráter mais voltado para dentro da área de pesquisa (‘mostrar’, ‘apresentar’, ‘definir’ etc.) ou para um produto do mundo real (‘desenvolver’, ‘produzir’ etc.). Para falar dos objetivos, aparecem verbos no infinitivo (‘analisar’, ‘investigar’ etc.), como também o uso da palavra ‘objetivos’ (ver trecho [21]). Por fim, para se remeter à conclusão das pesquisas prévias, o escritor utilizou expressões como ‘resultados [...] que sugerem’ e trechos como ‘**Filho et al. (2000) e Luzzi et al. (1997) atribuem** os efeitos analgésicos à presença dos flavonoides’ (Q3_BP_14).

Uma análise complementar ao passo ‘relatando pesquisa prévia’, como também para o passo ‘indicando lacuna de pesquisa’, foi o levantamento das fontes bibliográficas utilizadas nos projetos (Tabela 8 e 9). Corroborando a alta recorrência do passo de relato de pesquisas

prévias, vemos que os pesquisadores experientes da área de Química utilizam muito mais os artigos de pesquisa, as teses e dissertações como fonte para escrita do seu projeto, indicando a valorização que a área dá ao domínio e conhecimento do que já foi feito, em termos de pesquisa científica. A valorização também é evidenciada na data dos artigos que foram citados, alguns deles datam de 1992 e chegam até a anos mais recentes (2012, 2014, 2015 etc.). Até mesmo no projeto Q11_IC_14, no qual há uma única realização do passo ‘relatando pesquisa prévia’, todas as referências indicadas são de artigos, o que sugere que as explicações contidas no projeto são feitas com base nas pesquisas prévias, mesmo que não seja um relato dessa pesquisa

Tabela 8 - Fontes bibliográficas dos projetos da área de Química

Projetos	Referências Teóricas		Pesquisas Prévias			
	Livro	Capítulo de Livro	Artigo de pesquisa	Tese	Dissertação	Monografia
Q1_BP_14	2	0	47	2	0	0
Q2_BP_16	0	0	50	0	0	0
Q3_BP_14	4	2	38	0	0	0
Q4_BP_16	5	0	27	4	3	0
Q5_BP_16	4	0	20	0	0	0
Q6_BP_14	2	1	46	0	1	0
Q7_BP_11	0	1	83	0	0	0
Q8_BP_12	3	2	96	1	0	0
Q9_BP_13	1	0	17	0	1	0
Q10_BP_12	1	1	12	0	1	0
Q11_IC_14	0	0	6	0	0	0
Q12_IC_18	1	0	30	1	0	0
TOTAL	23	7	472	8	6	0

Tabela 9 - Fontes bibliográficas dos projetos da área de Química (porcentagem)

Total de referências nos 12 projetos	Referências Teóricas		Pesquisas Prévias			
	Livro	Capítulo de Livro	Artigo de pesquisa	Tese	Dissertação	Monografia
516 (100%)	23 (4,5%)	7 (1%)	472 (91,5%)	8 (1,6%)	6 (1,3%)	0 (0%)

O passo ‘relatando pesquisa prévia’, na área de Química, apresenta relatos particularizados e específicos sobre alguma característica de uma pesquisa prévia individual ou de um conjunto de pesquisas prévias. Em sua maioria, os relatos se afastam da

generalização e da imprecisão. Outro ponto importante a se destacar é a alta recorrência de citações, isto é, os escritores dos projetos evitam afirmar e apresentar informações sem citar referências bibliográficas que são, majoritariamente, de artigos de pesquisa.

Sobre o passo ‘indicando lacuna de pesquisa’, identificamos que, nos projetos de Química, há a ocorrência das quatro realizações descobertas por Lim (2012): ‘ausência total de pesquisas prévias sobre uma determinada característica’, ‘destacando pesquisa insuficiente em um aspecto específico’, ‘revelando uma limitação em pesquisa prévia’ e ‘contrastando descobertas conflitantes em pesquisas prévias’. Contudo, elas possuem recorrências distintas (Tabela 10).

A frequência dessas realizações sugere que existem duas estratégias importantes nos projetos de pesquisa. A primeira é mostrar que algo já foi feito ou estudado, mas que isso não foi suficiente e ainda é preciso que se pesquise mais. Em segundo lugar, os escritores enfatizaram que existem limitações específicas em pesquisas prévias, isto é, existem pesquisas, mas, em algum aspecto metodológico, ela falha e isso precisa ser revisto ou repensado. Ademais, os escritores buscam objetos de estudo que não receberam nenhuma atenção da academia, ou seja, que não possuem nenhuma pesquisa acerca de suas características. Por fim, o contraste entre pesquisas prévias foi o que menos ocorreu, indicando que, apesar da grande quantidade de citação de pesquisas prévias nos projetos, os escritores não as analisam em contraste de modo a vislumbrar conflitos entre elas.

Tabela 10 - Recorrência dos tipos de Lacuna nos projetos de Química

Projeto	Ausência total de pesquisas	Pesquisa insuficiente	Limitação em pesquisa prévia	Descobertas conflitantes
Q1_BP_14	3	4	2	-
Q2_BP_16	-	-	3	-
Q4_BP_16	1	1	-	-
Q6_BP_14	-	2	1	-
Q8_BP_12	-	1	4	1
Q9_BP_13	1	3	1	-
Total de realizações em toda a amostra	5	15	10	1
Total de projetos em que ocorre	3/6	5/6	5/6	1/6

Para indicar a total ausência de pesquisas prévias, os escritores focaram em três aspectos, quais sejam o objeto de estudo, a aplicação de uma substância em um contexto metodológico específico e a inexistência de patentes de uma substância específica. Em (36), há a preocupação de indicar que as espécies de plantas que serão estudadas ainda não receberam nenhum estudo sob o viés da Química ou da Biologia. Em (37), o escritor diz que existem muitas aplicações de uma substância em diversos contextos, mas enfatiza que uma determinada utilização ainda não recebeu atenção dos pesquisadores da área. No exemplo (38), existe a associação dos pedidos de patente com a realização de pesquisas voltadas para a criação de produtos. Neste caso, a ausência de pedidos de patente para inibidores de corrosão é que mostra a inexistência de pesquisas prévias sobre esse tópico. Ressaltamos que, para indicar a ausência total de pesquisas, os escritores utilizam termos como ‘nunca’, ‘não’ e ‘nenhum’, deixando claro ao leitor que a pesquisa proposta é, de fato, inovadora.

(36) Desta vez deverão ser investigadas as espécies *Sinningia conspicua*, *S. gerdtiana*, *S. hatschbachii*, *S. macrostachya*, *S. mauroana* e *S. reitzii*, que ocorrem naturalmente no estado do Paraná, e **nunca tiveram** qualquer estudo químico ou biológico. (Q1_BP_14)

(37) **Apesar** das inúmeras aplicações existentes para os calix[n]arenos, **não existem relatos na literatura** da utilização de seus derivados como inibidores de deposição orgânica. (Q4_BP_16)

(38) Com base na leitura das reivindicações das patentes acima referidas verificou-se que **nenhum dos pedidos** de patentes se refere ao desenvolvimento de um inibidor de corrosão específico para o biodiesel à base de amidas graxas, o que mostra **o ineditismo do presente trabalho** considerando que a eficiência do inibidor de corrosão depende também do meio corrosivo. (Q9_BP_13)

Para falar sobre a insuficiência de aspectos específicos em pesquisas prévias, são utilizados termos que permitem ao leitor compreender que existem esforços científicos anteriores, mas que isso não impede a realização de uma nova pesquisa sobre o mesmo tópico. Para tanto, encontramos recorrentemente a expressão ‘poucos estudos’, como também termos que indicam essa insuficiência: ‘incipiente’, ‘pequeno’, ‘restrito’. Foi comum ainda os escritores iniciarem o passo com ‘apesar’, para indicar a existência de pesquisas prévias, e continuar com ‘apenas’, para indicar a falta que existe sobre o tópico. Foi comum encontrar também a expressão ‘necessita de mais’ ou ‘necessita ainda de estudos/pesquisas’.

(39) O processo de exsudação, embora comum, **ainda não é bem conhecido em seus aspectos bioquímicos**. (Q6_BP_14)

(40) Estes estudos **representam uma pequena proporção** de temas que envolvem a CG enantiosseletiva como ferramenta de análise. **Apesar disto**, um levantamento feito em 2005, estimou que com óleos essenciais, **apenas 4% das publicações fazem o uso da cromatografia quiral [103]**. Grande parte dos trabalhos que utilizam a cromatografia quiral como ferramenta de análise, são desenvolvidos por grupos europeus com destaque para a universidade de Tübingen na Alemanha e as universidades de Torino e Messina na Itália, grupos estes que possuem uma respeitável produção envolvendo este tema de pesquisa [104]. (Q8_BP_12)

Os aspectos enfatizados dessa insuficiência de pesquisa prévia podem contemplar os poucos estudos sob o viés de uma determinada área, como em (39). Nesse excerto, o escritor valida a existência de estudos sobre um determinado processo, mas, em seguida, aponta que ‘seus aspectos bioquímicos’ não são bem conhecidos. Consequentemente, necessita de mais pesquisas na área de Química e Biologia, pois são as áreas que fornecerão o conhecimento sobre esses aspectos pouco estudados. No exemplo (40), há ênfase no aspecto metodológico que já é aplicado em algumas pesquisas, mas que não é tão utilizado na grande maioria das pesquisas. Além da área em que se inserem os estudos prévios e dos aspectos metodológicos pouco explorados, os projetos na área de Química ainda tratam de um objeto de estudo pouco investigado (‘O gênero *Sinningia* **não era exceção à esta regra**. Até 2003 **apenas** duas espécies, *S. cardinalis* e *S. tubiflora* tinham sido examinadas’); e de baixos resultados de busca por artigos sobre um tópico (‘**No entanto, apenas 2** artigos [7,8] são encontrados nesta base de dados na busca associando a palavra chave “*corrosion inhibitor*” com *biodies** em *abstract, title, or keywords*.’).

A indicação de limitações em pesquisa prévia concentra-se em apontar limitações metodológicas nos estudos anteriores. No trecho (41), é relatado que, na realização da pesquisa, não se conseguiu extrair uma quantidade satisfatória das substâncias que deveriam ser analisadas. Ou seja, houve um impedimento no andamento da pesquisa por causa das limitações que ocorreram ao se tentar obter determinadas substâncias. No excerto (42), a relação das limitações com a metodologia fica ainda mais evidente, pois o escritor critica as metodologias convencionais que são ineficientes porque utilizam uma substância altamente tóxica.

(41) Como essas substâncias **não foram obtidas em quantidade suficiente** para ensaios de atividade biológica, um novo estudo químico precisa ser realizado. (Q1_BP_14)

(42) **Porém todas** as metodologias convencionais envolvem o uso de fosgênio, um composto **de alta toxicidade e difícil manuseio**. (Q2_BP_16)

A realização ‘contrastando descobertas conflitantes em pesquisas prévias’ ocorreu uma única vez nos projetos analisados de Química (Tabela 10). Esse contraste ocorreu de maneira diferente daquela prevista por Lim (2012), o qual afirmou que esse diálogo entre as pesquisas prévias ocorria sobre os resultados dessas investigações. Em nossa análise, o que encontramos foi a apresentação de um conflito acerca do material utilizado para produzir biocombustíveis. Esse conflito se dá entre pesquisadores que utilizam óleos não-comestíveis e pesquisadores que defendem o uso de óleos comestíveis, assim, torna-se um conflito sobre o objeto de estudo e também sobre a metodologia que será aplicada na pesquisa (a questão da síntese).

(43) **Existe hoje, um conflito entre pesquisadores** defensores de óleos comestíveis e não comestíveis (*edible and non-edible oils*). Este conflito tem suporte nos usos de óleos não comestíveis como matéria prima para a síntese de biocombustíveis (biodiesel) [3]. (Q8_BP_12)

Como explicou Lim (2012), a existência desse contraste entre pesquisas prévias pode ser entendido como uma indicação de lacuna implícita, pois o escritor do projeto de pesquisa mostra ao leitor que não há consenso sobre qual deve ser a matéria-prima dos biocombustíveis e, se esse não é um ponto pacífico entre a maioria dos pesquisadores, significa que novas pesquisas precisam ser desenvolvidas para que se chegue a uma resposta sobre o que seria mais vantajoso. Dessa forma, a pesquisa que está sendo proposta terá um papel em tentar minimizar esse conflito existente.

De maneira mais geral, na realização do passo ‘indicando lacuna de pesquisa’, é comum encontrar expressões negativas em direção aos resultados, à metodologia e à ausência total de estudos sobre o tópico. Essas marcas linguísticas são adjetivos (‘incipientes’, ‘inexploradas’, ‘restrito’), conjunções adversativas (‘porém’, ‘apesar de’, ‘no entanto’, ‘contudo’) e outras expressões que indicam críticas negativas à falta de algo nas pesquisas prévias (‘não’, ‘sem’, ‘pouco’, ‘faltar’, ‘apenas’).

Quanto à presença de citações de pesquisas prévias, observamos que, na maioria das realizações, os escritores não se utilizam dessas pesquisas para indicar a lacuna de pesquisa. Essa ausência de citação de pesquisas prévias sugere que a indicação de lacuna deve ser algo percebido pelo próprio escritor do projeto de pesquisa e não uma lacuna indicada por outros pesquisadores, isto é, deve ter um caráter de autoria. Por outro lado, quando há, de fato,

citação de pesquisas prévias, o pesquisador o faz para mostrar que existem poucas, isto é, o escritor está evidenciando que existem pesquisas, mas que não são muitas, como pode ser visto nos trechos (44) abaixo.

(44) **No entanto, apenas 2 artigos [7,8]** são encontrados nesta base de dados na busca associando a palavra chave “*corrosion inhibitor*” com *biodies** em *abstract, title, or keywords*. (Q9_BP_13)

Com relação ao passo ‘indicando problemas do mundo real’, descobrimos que ele pode ser realizado de três maneiras. A primeira utilizando como fonte as pesquisas prévias; a segunda utilizando os dados de documentos públicos; e, por fim, com ausência de uma mediação de leitura (Tabela 11). Quando os escritores abordaram um problema do mundo real a partir de pesquisas prévias, utilizaram somente artigos publicados em periódicos. Quando utilizaram dados públicos, eles se apoiaram em relatórios da Câmara dos Deputados e da ANP - Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, por exemplo. Esses são os casos em que há uma mediação da leitura para expor problemas que afetam a vida social. Por outro lado, quando há ausência de referências, os escritores utilizam informações que se apresentam como conhecidas do leitor, isto é, uma situação que é familiar ao contexto social da pesquisa, algo que se pode perceber sem que haja, necessariamente, pesquisas para comprová-lo. Outro ponto é que não se pode dizer que a ausência de uma mediação de leitura implica automaticamente em uma vivência e uma experiência do próprio escritor naquele ambiente do problema.

Tabela 11 - Recorrência da mediação de leitura no passo ‘indicando problemas do mundo real’ em Química

Projetos	Mediação de leitura		Sem mediação de leitura
	Pesquisas prévias	Documentos públicos	Ausência
Q2_BP_16	1	-	-
Q3_BP_14	1	-	1
Q4_BP_16	1	1	5
Q5_BP_16	1	-	3
Q6_BP_14	1	-	-
Q7_BP_11	3	-	-
Q8_BP_12	2	-	6
Q9_BP_13	1	-	2
Q10_BP_12	-	1	-
Q11_IC_14	-	-	2
Q12_IC_18	-	-	1
TOTAL	11	2	20

A citação de pesquisas prévias sugere que o problema apresentado tem relevância dentro da área, tanto é que outros pesquisadores já o investigaram. Outra característica é a relação que os problemas do mundo real têm com os resultados e conclusões das pesquisas prévias. Em (45), o escritor cita o trabalho de *Yuan et al., 2006*, após explicar que existe a ineficácia da prevenção e tratamento de úlceras. Isto indica que a informação foi retirada das conclusões de um trabalho anterior, mas que afetam não só a atividade de pesquisa em si mesma, mas a sociedade, haja vista a ineficácia de tratamento a que se refere.

(45) **Entretanto** existem **algumas limitações** na atual terapêutica, como a **ineficácia** na prevenção e reincidência de úlceras em usuários de DAINE's, diminuição na eficácia de erradicação de *H. pylori* e em úlceras não associadas a *H. pylori* ou DAINE's (Yuan et al., 2006) (Q3_BP_14)

Percebemos ainda que o fato de a pesquisa prévia ter descoberto limitações no tratamento de úlceras permite que a pesquisa que está sendo proposta no projeto de pesquisa continue a investigar neste caminho. Dessa forma, o problema é pensado como algo que possa ser continuado, pois ainda não se tem todas as respostas para ele. No exemplo (46), o escritor mostra que existem problemas ainda não resolvidos sobre o biodiesel. Isto é, existem problemas de oxidação, temperatura e armazenamento desse material e isso traz dificuldades para os seus produtores. O fato de haver problemas que afetam o mundo real e o fato de isso já ter sido investigado na área corrobora para o importante papel que esse problema desfruta na área.

(46) **Apesar** das vantagens que oferece, o biodiesel **enfrenta uma tendência à instabilidade** no que diz respeito a sua resistência à **oxidação, temperatura e armazenamento**.²¹ Além disso, esse biocombustível é **susceptível a contaminação microbiana**. (Q4_BP_16)

Ao trazer informações relacionadas a órgãos públicos para o projeto, o escritor intensifica a importância que a investigação desse problema tem para a sociedade e destaca que há esforços de outras áreas para solucioná-lo. É o caso do excerto (47), no qual se mostra a existência de um acúmulo ou depósito de materiais durante a produção de petróleo. Tal fenômeno prejudica aqueles que trabalham nessa atividade e é de preocupação não só da área de Química, mas dos legisladores do país, neste caso os deputados.

(47) O fenômeno de deposição orgânica também é **um dos desafios** operacionais existentes ao longo da produção de petróleo.¹⁰ A deposição orgânica **obstrui** as tubulações de produção de óleo, **diminuindo assim o escoamento do fluido**. (Q4_BP_16)

A ausência de referências no passo ‘indicando problemas do mundo real’ sugere que o escritor do projeto tem um conhecimento prévio sobre o assunto, no entanto, por falta de evidências textuais, não podemos precisar que essas informações são oriundas de uma vivência com aquele problema ou de uma experiência pessoal do pesquisador. Por outro lado, nessas realizações podemos perceber que os problemas estão conectados a informações públicas, que poderiam ser conhecidas por meio de jornais ou notícias, como nos exemplos (48) e (49). O assunto sobre os problemas ambientais causados por pesticidas é amplamente conhecido na sociedade e teve como consequência um movimento de consumo de vegetais e legumes orgânicos e de hortas na própria casa para evitar tal contaminação. Assim como campanhas de vacinação e de controle de pragas são amplamente divulgadas na mídia em busca de reduzir os casos de determinadas doenças.

(48) **Problemas ambientais** causados pelo uso excessivo de pesticidas, aliados a pressão por parte dos consumidores para reduzir o uso de aditivos químicos sintéticos em alimentos, tem causado o interesse e impulsionado pesquisas a fim de desenvolver métodos alternativos de controle de pestes ou pragas. (Q8_BP_12)

(49) Diversos esforços preventivos, como o controle do inseto vetor ou a vacinação contra Leishmania foram aplicados para combater a leishmaniose, **mas** essas medidas **não têm sido bem sucedidas**, em sua totalidade. (Q11_IC_14)

Outra característica da ausência de mediação de leituras é a sugestão de que a fonte do conhecimento de tal problema são pesquisas prévias. Em outras palavras, apesar de não haver citação bibliográfica na apresentação do problema do mundo real, há a presença de informações que estão relacionadas a descobertas de estudos químicos, como em (50). Nesse trecho, (50), o escritor aponta um problema relacionado aos biodiesel devido a sua viscosidade. Falar sobre a viscosidade indica que algum estudo prévio foi realizado para descobrir tal informação. Em (51), o escritor diz que ‘não existe um inibidor de deposição orgânica universal’, assim, passando a ideia ao leitor de um conhecimento advindo de pesquisas prévias que não estão citadas. Isto é, pesquisas prévias ainda não foram capazes de criar um inibidor de deposição orgânica, fenômeno que causa problemas na produção de petróleo.

(50) A alta viscosidade dos óleos é o **maior problema associado ao uso** de óleos vegetais **como combustíveis**. A viscosidade de óleos naturais vegetais é 10-20 vezes maior que a viscosidade do óleo diesel. (Q8_BP_12)

(51) A reserva do Pré-sal está entre 5 e 7 Km de profundidade. A garantia de escoamento em águas profundas e ultra profundas **não é tarefa fácil. Além disso, não existe** um inibidor de deposição orgânica que seja universal. (Q4_BP_16)

Dentre essas três possibilidades de indicar problemas do mundo real, a que mais ocorre é a ausência de referências. Este resultado indica que, por se tratar de um problema relacionado ao mundo real ou social de um grupo, o problema é conhecido publicamente e faz parte dos conhecimentos prévios compartilhados pelos participantes desse grupo. Dessa forma, o escritor coloca informações que serão do conhecimento dos leitores e que não precisam de validação por meio de citação de referências. Contudo, a segunda realização com mais ocorrência é a apresentação do problema do mundo real por meio de citação de pesquisas prévias. A presença desta ocorrência serve para corroborar, ainda mais, a relevância e a valorização das pesquisas prévias existentes na área. Em outras palavras, os escritores utilizam as pesquisas prévias para corroborar e validar a existência de um problema do mundo real, mostrando ainda que ele é relevante para a área, uma vez que outros pesquisadores já o abordaram.

Com apenas duas ocorrências, a indicação de problemas do mundo real por meio de documentos públicos foi a que ocorreu em menor quantidade. Essa informação sugere que os documentos de órgãos do governo são utilizados para enfatizar a preocupação que se deve ter com aquele problema, no entanto, as pesquisas prévias e o apoio em um conhecimento compartilhado são mais utilizados.

Para a realização desse passo, vemos que, assim como a indicação de lacuna, há a utilização de expressões negativas como ‘não atendem’, ‘não têm sido’, ‘forte entrave’, ‘pior crise’, ‘impacto adverso’. Além do uso de substantivos de conotação negativa: ‘danos’, ‘preocupação’, ‘prejuízos’, ‘problema’, ‘desvantagem’, ‘escassez’, ‘instabilidade’, ‘desafio’; e adjetivos como ‘indesejável’. Foram encontradas ainda conjunções adversativas (‘apesar de’, ‘contudo’, ‘no entanto’, ‘todavia’, ‘entretanto’, ‘porém’).

5.2.3 Relação que os passos mantêm entre si nos projetos de Química

Assim como na análise dos projetos de Linguística, para analisar a relação dos passos entre si, consideramos somente os projetos que apresentaram, no mínimo, dois dos três passos analisados. Na Química (Tabela 12), os projetos Q2_BP_16, Q4_BP_16, Q6_BP_14, Q8_BP_12 e Q9_BP_13 apresentam a presença dos três passos analisados. Enquanto que Q3_BP_14, Q5_BP_16, Q7_BP_11, Q10_BP_12, Q11_IC_14 e Q12_IC_18 apresentam

somente o relato de pesquisa prévia e a indicação de problemas do mundo real. Q1_BP_14 foi o único projeto a apresentar somente o relato de pesquisa prévia e a indicação de lacuna. No entanto, dos 12 projetos, somente 4 apresentaram alguma relação entre os passos, ou seja, apesar da presença dos passos, eles pouco são apresentados como possuindo claras relações entre si.

Tabela 12 - Projetos de Química que apresentam a presença de dois ou três passos retóricos

Projeto	Relatando pesquisa prévia	Indicando lacuna de pesquisa	Indicando problemas do mundo real
Q1_BP_14	12	7	-
Q2_BP_16	9	3	1
Q3_BP_14	4	-	2
Q4_BP_16	3	2	7
Q5_BP_16	1	-	4
Q6_BP_14	13	3	1
Q7_BP_11	8	-	3
Q8_BP_12	13	10	8
Q9_BP_13	2	5	3
Q10_BP_12	1	-	1
Q11_IC_14	1	-	2
Q12_IC_18	2	-	1

A relação mais comum que encontramos nos projetos de Química foi entre os passos ‘relatando pesquisa prévia’ e ‘indicando lacuna de pesquisa’, havendo a tendência predominante de a lacuna de pesquisa ocorrer após o relato. Nesse caso, o relato de pesquisa prévia vem primeiro, para mostrar ao leitor do projeto o que já se sabe de resultados, procedimentos metodológicos ou sobre a caracterização de uma determinada substância. A indicação de lacuna é, então, apresentada para mostrar que esse conhecimento não é suficiente. Podemos ressaltar que, nessa relação entre os dois passos, o escritor, normalmente, apresenta lacunas relacionadas a poucas investigações ou a limitações metodológicas (Quadro 10).

Quadro 10 - Relação entre pesquisas prévias e lacuna de pesquisa na área de Química

Projeto	Relatando pesquisa prévia	Indicando lacuna de pesquisa
Q4_BP_16	Estudos voltados para a avaliação da degradação da mistura de ésteres metílicos causada por micro-organismos são encontrados na literatura.	Porém existem poucos trabalhos relatando especificamente o desempenho de novos produtos como biocida. ²⁹

Q1_BP_14	<i>S. lachnostachys</i> é uma espécie endêmica no estado do Paraná, que apresentou atividade anti-inflamatória (Piccinelli <i>et al.</i> , 2012). Um estudo químico inicial revelou a presença de dois ácidos triterpênicos muito comuns (ácidos ursólico e oleanólico) juntamente com um diterpeno raro, conhecido como fruticulina A (7) (Erbanno <i>et al.</i> , 2012).	Como essas substâncias não foram obtidas em quantidade suficiente para ensaios de atividade biológica, um novo estudo químico precisa ser realizado.
----------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Encontramos ainda a relação inversa a essa apresentada anteriormente. Ou seja, o escritor primeiro apresentou a lacuna para, em seguida, relatar a pesquisa prévia (Quadro 11). Nessa ocorrência, a lacuna vir primeiro sugere que o escritor busca dar destaque às faltas e às insuficiências que existem na área ou à ausência total de pesquisas, uma vez que pouco se sabe sobre determinado objeto de estudo. É importante ressaltar que, quando da relação entre esses dois passos, o escritor destaca investigações dentro do fazer científico, isto é, o escritor não está interessado em saber das aplicações dessas investigações no mundo real ou social. Assim, quando há uma sequência de ‘relatando pesquisa prévia’ e ‘indicando lacuna de pesquisa’ (ou vice-versa), o escritor se ocupa de problemas dentro de sua própria área, sem que seja necessária uma ponte para a aplicação dessas pesquisas prévias no mundo real.

Quadro 11 - Relação entre lacuna de pesquisa e pesquisa prévia na área de Química

Projeto	Indicando lacuna de pesquisa	Relatando pesquisa prévia
Q1_BP_14	De modo geral a química da família Gesneriaceae é pouco conhecida , contendo dezenas de gêneros sem qualquer estudo químico ou com apenas um estudo (Verdan & Stefanello, 2012). O gênero <i>Sinningia</i> não era exceção à esta regra . Até 2003 apenas duas espécies, <i>S. cardinalis</i> e <i>S. tubiflora</i> tinham sido examinadas,	mostrando a presença de flavonóides e óleos essenciais, respectivamente (Swinny <i>et al.</i> , 2000; Perret <i>et al.</i> , 2003).

Como dito anteriormente, apesar dos passos ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas de pesquisa’ serem utilizados como motivação da pesquisa, isto é, problemas que precisam ser superados pela pesquisa proposta, eles não se excluem mutuamente. Tal fato é corroborado pela relação entre eles encontrada no projeto Q8_BP_12 (Quadro 12). Nesse exemplo, observamos que existe um problema do mundo real que é

confirmado pelo conflito existente na área de estudo. O escritor confirma o problema do mundo real ao apresentar a seu leitor que até mesmo os pesquisadores na área não chegaram a um consenso sobre a produção do biodiesel e, conseqüentemente, esse conflito alimenta ainda mais os problemas sociais ocasionados pelo impacto negativo da produção de biodiesel por meio de óleos comestíveis. Podemos destacar, portanto, que, ao relacionar esses dois passos, o escritor o faz através de contraste entre descobertas conflitantes em pesquisas prévias e não utiliza lacunas relacionadas a limitações metodológicas ou escassez de pesquisas prévias.

Quadro 12 - Relação entre lacuna de pesquisa e problemas do mundo real na área de Química

Projeto	Indicando problemas do mundo real	Indicando lacuna de pesquisa	Indicando problemas do mundo real
Q8_BP_12	A produção de biodiesel atualmente é dependente de poucas culturas, sendo esta uma das preocupações das estratégias para bioenergia.	Existe hoje, um conflito <i>entre pesquisadores</i> defensores de óleos comestíveis e não comestíveis (<i>edible and non-edible oils</i>). Este conflito tem suporte nos usos de óleos não comestíveis como matéria prima para a síntese de biocombustíveis (biodiesel) [3]. Atualmente aproximadamente 95% do biodiesel é produzido a partir de óleos comestíveis (soja, palma, girasol), ou seja, fontes de alimentos estão sendo convertidas em combustíveis automotivos	Devido a este fato muitas críticas são feitas sobre o mercado de biodiesel, e tem se iniciado debates sobre o impacto negativo da produção de biodiesel a partir de óleos comestíveis, e um possível desequilíbrio no suprimento de alimentos [4].

A última relação encontrada nos projetos de Química envolve os três passos analisados (Quadro 13). Nessa relação, o escritor inicia mostrando que há um problema no mundo real e que existem estudos prévios que confirmam esse problema. Podemos perceber que essa relação se constrói de maneira semelhante à relação de problemas do mundo real e de lacunas

de pesquisa, isto é, quando o mundo acadêmico vem em seguida ao problema do mundo real, ele serve para confirmar o diagnóstico do problema feito pelo escritor.

Seguindo do relato de pesquisa, o escritor retoma o problema do mundo real, expandindo suas consequências e enfatizando que ele, de fato, causa prejuízos a diversos setores de produção do biodiesel. Para finalizar, o escritor indica uma lacuna de pesquisa que confirma o problema, pois, apesar de haver estudos que comprovam a corrosividade do biodiesel, esses estudos são insuficientes. Dessa forma, a relação entre o relato de pesquisa prévia e a indicação de lacuna de pesquisa com a indicação de problemas do mundo real não se dá, necessariamente, como uma aplicação das pesquisas prévias ao mundo real. As análises indicam que essas relações entre as estratégias são voltadas para evidenciar o estado da arte e mostrar as lacunas de pesquisa que o projeto busca sanar.

Quadro 13 - Relação entre lacuna de pesquisa e problemas do mundo real na área de Química

Projeto	Indicando problemas do mundo real	Relatando pesquisa prévia	Indicando problemas do mundo real	Indicando lacuna de pesquisa
Q9_BP_13	Se por um lado, esta é uma vantagem que torna o biodiesel biodegradável, por outro, as reações de oxidação tornam o biodiesel mais corrosivo que o diesel.	De fato, alguns estudos mostram que o biodiesel é mais corrosivo aos metais do que o diesel.	Esta desvantagem está relacionada a prejuízos aos cofres públicos e aos interesses particulares desde quando os metais são os principais materiais usados nos sistemas de transporte/distribuição e nos motores dos automóveis. Em geral, as companhias distribuidoras de combustíveis utilizam tanques cobre, aço carbono leve, alumínio e aço inoxidável para o armazenamento de biocombustíveis,	entretanto há poucos estudos sobre a corrosividade do biodiesel.

5.2.4 A fala dos pesquisadores de Química

Na fala de PQ_1, é retomado o propósito comunicativo de planejamento que o projeto tem. Conseqüentemente, o projeto de pesquisa é visto como um gênero que é voltado para o próprio pesquisador e não para seu leitor ou instituição a que se submete o projeto. PQ_2 aborda a questão de o projeto poder divulgar novos conhecimentos, metodologias, materiais e produtos, ou seja, de estar voltado para o diálogo acadêmico e científico de construção do conhecimento. No entanto, não ficou claro, na fala do pesquisador, para quem é feita essa divulgação e de que forma. Esta função de diálogo não é reforçada por PQ_1, que afirmou que, apesar de compreender que uma leitura feita por um colega possa contribuir para melhorar a proposta de pesquisa, não há tempo, devido aos afazeres e responsabilidades dos pesquisadores, dessa troca de conhecimento, de diálogo através do gênero projeto de pesquisa.

(52) Como eu tinha falado, o planejamento é importante em todos os aspectos, até mesmo na nossa vida diária, então... porque, quando eu faço o planejamento, eu estou prevendo os passos que deverei seguir, então, isso é muito importante pro desenvolvimento do projeto. Se não no meio do caminho a gente se perde se não tem um planejamento, né. Então... o projeto é como se vai chegar ao resultado final. (PQ_1)

(53) O projeto de pesquisa, ele tem é uma relevância bastante grande, porque ele pode, além de ser um meio de divulgação de novos materiais, novas metodologias, novos produtos, serviços... (PQ_2)

Outra função atribuída ao projeto de pesquisa, que não era esperada, foi a função de formação de novos pesquisadores, contudo, os pesquisadores colaboradores atribuíram essa função ao projeto de maneiras diferentes. PQ_1 afirmou que os projetos destinados a bolsa de produtividade têm essa função de formação de recursos humanos, haja vista que a equipe envolvida na realização daquela investigação é mais ampla. Porém, em projetos de mestrado, PQ_1 diz que eles fazem parte da própria formação do recurso humano e, por isso, não têm a função explícita de formar pesquisadores. Já PQ_2 diz, ao ser questionado sobre a função do projeto, sem particularizar as situações retóricas, que o projeto de pesquisa serve para formar o aluno, o qual poderá entrar em contato com o método científico e, assim, tornar-se um pesquisador mais competente.

(54) E, no projeto de bolsa de produtividade, não pode faltar é a formação de recursos humanos, então, ele tem que tá ali como previsão a formação de recursos humanos. Porque é a equipe. Às vezes a pessoa... eu pego mesmo projeto pra avaliar que não vem isso. Eu olho o

currículo lattes do professor, tem num sei quantos alunos... no projeto não tem nenhum daqueles alunos, como que ele vai fazer aquele projeto? É estranho. Fica estranho. Então, a gente tem que levar em consideração a importância do tema a ser estudado e o que vai ser produzido e a formação de recursos humanos. (PQ_1)

(55) ...ele também serve para melhor formação do aluno, certo. Um aluno, depois que ele se depara com um projeto de pesquisa e consegue aplicar o método científico, a gente acredita que ele tem uma formação mais qualificada para ser entregue ao mercado. (PQ_2)

Sobre a construção da relevância da pesquisa, PQ_1 foi enfático sobre a necessidade do ineditismo da pesquisa, principalmente com relação a seus possíveis resultados, e essa relevância precisa ser vista em todas as situações em que o projeto de pesquisa é utilizado, desde o mestrado, até bolsas de produtividade. Para este pesquisador, “*O ponto principal de uma pesquisa. Ter um novo conhecimento. Produzir um novo conhecimento.*” (PQ_1). Esse colaborador da área repetiu recorrentemente sobre esse aspecto da originalidade que gera a relevância do projeto de pesquisa (“*O ideal é que você parta de um objeto de estudo que não existe nada ainda, assim, pelo menos na minha área, que tudo que eu produzir é novo.*”). Para apontar tal ineditismo, o escritor do projeto precisa, então, fazer um levantamento de tudo aquilo que já foi feito na área. De acordo com PQ_1, o escritor deve ter conhecimento do máximo de pesquisas prévias possíveis, pois só assim pode saber o que foi feito e o que ainda precisa ser feito.

PQ_2, por outro lado, enfatiza que a relevância das pesquisas dentro de sua área surge dos problemas do mundo real que ela pretende resolver ou amenizar com seus resultados. E quando perguntado sobre o que pesa mais, se a necessidade de resolver alguma questão teórica, metodológica pouco consensual ou se o foco no problemas do mundo real, o pesquisador afirmou que se há um possível impacto real para ajudar a resolver um problema do mundo real, isso é mais importante que o impacto dentro da própria área.

(56) Bem... a gente... essa avaliação, a gente pode compreender nos impactos, né. Pode ser no impacto social, porque as plantas medicinais que são oriundas da região Meio Norte pode beneficiar comunidades carentes. Você tem também o impacto econômico... socioeconômico, melhor dizendo, porque a gente pode colocar para a sociedade um novo produto, que pode ter uma eficácia muito melhor do que os que estão agora no mercado e isso, no nosso caso específico, para o tratamento da leishmania. Então, esses são os impactos que a gente pode mensurar e acreditar que esse material vai ter.. vai ter sucesso e vai ter um grande apelo nacional. (PQ_2)

As diferenças entre o que torna a pesquisa relevante se dão pela diferença das subáreas de Química a que pertencem os pesquisadores. PQ_1 informou que, por se inserir na Química

Básica, seus objetivos não são voltados para os problemas do mundo real, mas para o que é diferencial na área de pesquisa, para aquilo que não foi estudado ainda. Já PQ_2 trabalha com a parte de nanociência e seu objetivo é desenvolver produtos por meio de materiais biocompatíveis através de novos procedimentos metodológicos.

Dessa forma, a partir das respostas dos pesquisadores informantes, quando se fala dos problemas do mundo real como ponto de partida e motivação das pesquisas na área de química, é possível dizer que vai depender da subárea em que os pesquisadores estão inseridos. PQ_1 disse, por exemplo, que existem quatro meios de se chegar a um tema de pesquisa, são eles: a) um levantamento de famílias de plantas feito por biólogos e que podem ou não ser publicados; b) a indicação de uma espécie de planta feita por alguém da área; c) o levantamento bibliográfico; e d) a vivência do próprio pesquisador no interior. Nenhum desses quatro pontos citados pelo pesquisador estão diretamente conectados a problemas do mundo real. Até mesmo a vivência do pesquisador não indica que há um problema, mas que há um conhecimento de plantas que podem ser interessantes de serem pesquisadas.

PQ_2 enfatiza os conhecimentos que ele já tinha sobre os materiais que iria utilizar na pesquisa, as propriedades dos materiais isolados e a relação deles com a doença que era foco da pesquisa. Assim, o ponto principal dessa pesquisa foi o problema do mundo real, que é a doença, mas também as limitações que as pesquisas prévias apresentavam, uma vez que os materiais não haviam sido combinados ainda.

(57) E, por outro lado, também, a gente sabia do potencial das nanopartículas metálicas, observando também os artigos, né... diversos artigos de editoras. Então, sempre existia essa colocação do potencial efeito dele isoladamente, mas não se tinha conhecimento da potencialidade desses dois materiais quando eles são unidos em um só material, que a gente chama de material híbrido. (PQ_2)

Mesmo com as diferenças apontadas, há um ponto em comum nas duas falas. Para os dois pesquisadores entrevistados o estado da arte, o levantamento bibliográfico o conhecimento sobre o que já foi feito e pesquisado é bastante importante no momento da proposição da pesquisa. Assim, percebe-se que as pesquisas prévias são bastante valorizadas na área de Química, independentemente da subárea do pesquisador. PQ_1, contudo, apesar de afirmar a importância das pesquisas prévias, critica aqueles escritores que fazem longos relatos dentro do projeto de pesquisa. De acordo com ele, o lugar do relato extenso sobre pesquisas prévias seria na dissertação, por exemplo. No projeto de pesquisa, PQ_1 afirma que todo o levantamento bibliográfico deve ser resumido nas lacunas de pesquisa, isto é, o mais

importante é dizer que há ainda o que ser pesquisado e não exatamente o longo relato das pesquisas.

(58) Como eu disse, que a revisão inicialmente é saber se tem estudo. Então eu faço todo esse trabalho e aí, eu simplesmente, no projeto que é curto, eu resumo lá em três linhas: “não foi encontrado na literatura nenhum relato de estudo” ou então “foi encontrado poucas informações ou só sobre isso, portanto cabe um estudo ainda nesse contexto”. Então, é dessa forma. Agora, aquele levantamento que foi pra dissertação, aquele não... aquele tem que ser detalhado. Aí você vai fazer o estudo de cada artigo... (PQ_1)

Assim como as pesquisas prévias, a lacuna de pesquisa foi recorrente na fala dos colaboradores de Química. Como visto anteriormente, o domínio e conhecimento sobre o conteúdo das pesquisas prévias são imprescindíveis na prática de pesquisa, mas é importante que o escritor do projeto tenha conhecimento também das limitações presentes nessas pesquisas prévias para dizer o que não foi feito ainda ou indicar que existem ausências de pesquisas ou poucas pesquisas sobre determinado tema ou objeto de estudo.

Quanto à escolha das referências para o projeto, foram citados livros e artigos. Para PQ_2, o estado da arte pode ser encontrado tanto em livros, quanto em artigos encontrados na internet, pois, assim, será possível fazer a avaliação do tema antes da escrita do projeto. Para PQ_1, os livros são consultados, mas, dentro de uma escala, os artigos são mais importantes e também não se tem o hábito de publicar livros na área. O que podemos ressaltar ainda das falas dos pesquisadores da área de Química é que eles não utilizam as expressões ‘fundamentação teórica’ ou ‘aporte teórico’, o foco deles é sempre nos estudos que foram feitos e nas informações sobre o objeto de estudo e sobre a metodologia, dessa forma, a teoria não aparece destacada nas respostas dos entrevistados.

Quanto aos conselhos de escrita, PQ_1 destaca inicialmente a importância de se ter objetivos claros e que deve haver coerência entre eles, a metodologia, o cronograma e os resultados esperados. Em seguida, foi destacada a importância da revisão bibliográfica, que é fundamental para a proposição de uma pesquisa. Para esse levantamento bibliográfico, PQ_1 passa um exercício a seus alunos em que eles fazem um levantamento da espécie a ser estudada como também se há estudos farmacológicos e químicos sobre ela. Além disso, os alunos devem resumir os resultados encontrados em cada um desses estudos prévios. Porém, todas essas informações não aparecem no projeto. De acordo com PQ_1, no projeto de pesquisa deve-se fazer o resumo do resumo, ao invés de detalhar todas as pesquisas prévias.

(59) *Que eu acho que em outras áreas, muitos... eles ficam fazendo.. detalhando cada estudo, né... Aí termina ficando um projeto grande... aí a gente não lê não. (PQ_1)*

PQ_2 destaca que quando se fala de projetos a nível de graduação eles são mais rasos e os conteúdos são abordados de maneira simplista. Porém, se o projeto está sendo submetido para órgãos de fomento ou bolsa de produtividade, então o escritor do projeto precisa fazer melhor as discussões e análises, como também fazer uma descrição melhor do projeto. Nesta fala, percebemos que o detalhamento da pesquisa prévia pode estar associado à situação de escrita do projeto. PQ_1, diferentemente, diz que não faz diferença quanto aos projetos utilizados nas várias situações retóricas. O que seria modificado, nesses casos, seria o tamanho do projeto, que teria que conter diversos objetos de estudos dentro de um único tema, comentário este que se assemelha à colocação de PQ_2, pois ele também trata projeto de bolsa de produtividade como projetos amplos que cabem várias pesquisas dentro dele.

(60) *Porque é o seguinte, eu não faço diferença entre o projeto (...) a diferença é que eu faço um projeto mais amplo. Por exemplo, eu faço o projeto de bolsa de produtividade, eu junto tudo que eu faço. É assim que eu faço. Tudo que eu faço, eu coloco naquele projeto. Diferente que... por exemplo, o projeto do aluno seria, por exemplo um subprojeto daquele, né. Mas com todas as partes. A diferença é que ele é mais amplo porque ele tem vários temas... vários objetos de estudo dentro de um mesmo tema ou com algumas variações. (PQ_1)*

(61) *Sim, de fato, existe uma diferença bem acentuada , pelo menos a minha área. Esses projetos de cunho... a nível de graduação, eles são, digamos assim, mais rasos, digamos assim. Os conteúdos abordados por eles são mais simplistas. Quando você vai prum projeto, como... que a gente chama de projeto guarda-chuva, um projeto mais amplo, um projeto que vai submeter para órgãos de fomento como o CNPQ, bolsa de produtividade ou Capes, esses projetos precisam ser muito mais bem discutidos, analisados, descritos. Tem que ter uma fonte fundamentação teórica, uma revisão muito forte da literatura para poder... é... e também prever impactos, como já tinha falado, metas, todos esses elementos que fazem parte de uma escrita de um projeto. (PQ_2)*

Por fim, PQ_2, em seu conselho, destaca a necessidade de conhecer a literatura da área e o que foi produzido, para que o pesquisador iniciante consiga ter um bom domínio sobre o tema e fazer uma boa avaliação sobre ele. Dessa forma, o conselho não está diretamente na escrita do projeto, mas no ato de conhecer as pesquisas prévias que ajudarão a situar o tema e a pesquisa no projeto de pesquisa.

Ao relacionarmos os dados percebidos nas falas dos pesquisadores com os dados encontrados na análise textual, fica evidente a coerência entre o papel das pesquisas prévias na atividade de pesquisa, como também na escrita do projeto, haja vista sua alta recorrência.

Tais descobertas sugerem que os pesquisadores da área de Química têm uma consciência sobre o passado, sobre o que já foi pesquisado, e que isso é refletido na escrita do projeto. Contudo, em contraste com a fala de PQ_1, há presença de longos relatos de pesquisas prévias nos projetos. A existência desses longos relatos pode estar relacionada ao momento de produção do projeto de pesquisa, uma vez que a recorrência do passo ‘relatando pesquisa prévia’ em projetos de bolsa de produtividade foi muito mais alta que a recorrência em projetos de iniciação científica. Isso remete ao que PQ_2 falou sobre a necessidade de se aprofundar mais e detalhar mais quando se escreve projetos para agências de fomento e bolsa de produtividade.

O passo ‘indicando lacuna de pesquisa’ teve média recorrência na análise textual, mas ele corresponde ao que os colaboradores afirmaram, isto é, mostrar para o leitor que nenhuma ou poucas pesquisas foram realizadas, como também mostrar que determinado procedimento metodológico não havia sido realizado. Apesar da relevância das lacunas na fala de PQ_1, os projetos de Química apresentaram em sua maioria o passo ‘indicando problemas do mundo real’. Isto significa que, apesar da ênfase que algumas subáreas da Química dão aos problemas internos e mal resolvidos da sua área, na escrita do projeto de pesquisa, as motivações que partem de um problema do mundo são também bastante relevantes.

5.3 Análise comparativa entre as áreas de Linguística e Química

A recorrência dos passos retóricos nos projetos das áreas de Química e Linguística (Tabela 13) se diferencia nos passos ‘relatando pesquisa prévia’ e ‘indicando lacuna de pesquisa’. Essa diferença sugere que há uma valorização distinta das estratégias retóricas que ocorrem no projeto de pesquisa. Assim, na Química, há uma tendência em valorizar o conhecimento e o relato das investigações anteriores ao tema, como também mostrar que existem limitações nessas pesquisas prévias. Na Linguística, por outro lado, o convencimento da relevância da pesquisa proposta não se sustenta nessas estratégias, haja vista a recorrência média do relato de pesquisa prévia e a recorrência baixa da lacuna de pesquisa. Outro elemento que sustenta essa diferenciação é a pouca recorrência de pesquisas prévias referenciadas nos projetos de Linguística em comparação com as referências de Química (Tabela 14). Neste caso, as fontes bibliográficas utilizadas na Linguística sugerem que os escritores preferem citar em seus projetos obras de referência teórica, enquanto que, em Química, os escritores utilizam mais artigos (predominantemente recentes).

Contudo, as duas áreas se assemelham na utilização do passo ‘indicando problemas do mundo real’. Ambas as disciplinas demonstram que seus pesquisadores estão interessados em resolver problemas que afetam a vida da sociedade ou de grupos sociais específicos. Isso sugere que a tentativa de convencer o avaliador do projeto perpassa essa capacidade do escritor de aliar sua pesquisa com o mundo real, isto é, de aliar o fazer científico com a resolução de problemas da vida social.

Tabela 13 - Comparação entre a recorrência dos passos retóricos em Linguística e Química

Projeto	Relatando pesquisa prévia	Indicando lacuna de pesquisa	Indicando problemas do mundo real
Linguística	6/12	3/12	8/12
Química	12/12	6/12	11/12

Tabela 14 - Comparação entre as fontes bibliográficas de Linguística e de Química

Projetos	Referências Teóricas		Pesquisas Prévias			
	Livro	Capítulo de Livro	Artigo de pesquisa	Tese	Dissertação	Monografia
Linguística	156	47	23	14	2	0
Química	23	7	472	8	6	0

As áreas apresentam diferenças também nas realizações de cada um desses passos retóricos. No passo ‘relatando pesquisa prévia’, a área de Linguística tende a agrupar os estudos sob expressões “guarda-chuvas” (‘estudos’, ‘pesquisas’ etc.) sem citar quais são essas investigações a que se referem. Em Química, há também a junção de pesquisas prévias sob esses termos, no entanto, os escritores buscam fazer relatos de resultados que são consensuais na área, ou de procedimentos metodológicos bem aceitos entre os pesquisadores. Em Química, ainda, os escritores se atentam aos resultados e à metodologia dos trabalhos prévios de maneira individualizada, apresentando informações específicas sobre eles. Estas diferenças de realização, mais uma vez, reforçam o entendimento de que as diferentes comunidades discursivas possuem um tratamento diferente para os passos retóricos, realizando-os de maneiras distintas.

Com relação ao passo ‘indicando lacuna de pesquisa’, percebemos que há, nas duas áreas, o foco na limitação metodológica das pesquisas prévias e que há uma tendência de não haver citação quando da realização desse passo. Isso indica que o próprio escritor do projeto deve ser aquele que descobre as insuficiências da área e não um outro pesquisador. Porém, na Química, os escritores ainda se preocupam em indicar que não existem estudos ou que

existem poucos estudos sobre a área, algo que não foi observado na Linguística. O que não foi comum na realização desse passo foi o confronto entre as pesquisas prévias. Esse conflito foi encontrado somente em uma das realizações de Química, o que sugere que, apesar de haver a indicação de lacunas e o relato de pesquisas prévias, essas pesquisas não são se confrontam, de fato, ou seja, os escritores não utilizam recorrentemente as estratégias de fazer dialogar os pontos incompatíveis das pesquisas prévias.

No passo ‘indicando problemas do mundo real’, foi observado que a área de Química busca embasar esses problemas em resultados e descobertas feitos em pesquisas prévias. Por outro lado, ambas as áreas apresentaram a possibilidade de indicar dados de documentos públicos para corroborar o problema do mundo real, como também uma tendência a não citar referências nesse passo. No caso de mediação de leitura, os escritores de ambas as áreas buscam validar o problema que apresentam no projeto. Nos casos em que não há mediação de leitura, o escritor se apoia nos conhecimentos compartilhados entre ele e seu leitor. Dessa forma, no passo ‘indicando problemas de pesquisa’ a diferença está na utilização de pesquisas prévias para embasar esses problemas, no entanto, a função dessas referências, isto é, da mediação da leitura, é a mesma nas duas áreas, assim, como a ausência de referências.

O fato de a proporção dos projetos analisados nas duas áreas ser diferente também foi considerado, uma vez que, na Linguística, foram analisados nove projetos de iniciação científica, enquanto que, na Química, foram somente dois. Pela falta de igualdade na quantidade de projetos produzidos nessa situação retórica em nossa amostra, não se pode falar comparativamente de uma frequência nos passos, isto é, de uma abordagem quantitativa. No entanto, com o foco nos aspectos qualitativos da realização dos passos retóricos, foram percebidos diferentes tratamentos ao relato de pesquisas prévias nas duas áreas nos projetos de IC.

Nos projetos de Linguística, a realização do passo ‘relatando pesquisa prévia’ ocorre, preferencialmente, a partir de termos gerais como ‘estudos’ e ‘pesquisas’, como dito anteriormente. Além disso, a atenção dos escritores se voltou mais para os objetivos e os temas das pesquisas prévias. Outra característica predominante na caracterização desse passo foi a falta de citação às pesquisas prévias a que os escritores se referiam. Diferentemente, na Química, o relato de pesquisas prévias nos projetos de IC foi voltado para os trabalhos que já haviam sido desenvolvidos pelos próprios pesquisadores em seus grupos de estudo. Nessas realizações, o foco estava voltado para o objeto de estudo e o objetivo das pesquisas prévias e para aspectos metodológicos, como os critérios de seleção do objeto de estudo e procedimentos de análise, como também para os resultados já encontrados. Apesar dessa

diferença nos projetos de IC, percebemos que as distintas realizações do passo ‘relatando pesquisa prévia’ não se afasta do resultado geral encontrado na análises dos 24 projetos.

Observando a amostra de 24 projetos de pesquisa, outra semelhança entre os projetos das duas áreas foi a baixa relação que os passos retóricos aqui analisados mantêm uns com os outros, independentemente da situação retórica em que foram produzidos. Na Linguística, houve três interações e, na Química, quatro. As semelhanças continuam nas relações existentes entre os passos ‘indicando problemas do mundo real’ e ‘relatando pesquisas prévias’, pois, nas duas áreas, o relato de pesquisas prévias foi utilizado para confirmar o problema do mundo real, apesar de que, na Linguística, essa relação também foi relacionada com a aplicação das pesquisas e o problema do mundo real. Outra diferença foi que, na Química, houve a relação entre a lacuna de pesquisa e os problemas do mundo real. Tais diferenças e semelhanças sugerem que não há prescrição na maneira de combinar e relacionar esses passos, mas que cada realização tem funções distintas.

Quanto à fala dos pesquisadores de cada área, percebemos que há algumas semelhanças, isto no sentido de que os quatro colaboradores enfatizaram a necessidade de: 1) se fazer um levantamento bibliográfico dos trabalhos prévios sobre o tema ou objeto de estudo, ou seja, na fala dos pesquisadores da área de Linguística e dos pesquisadores da área de Química, é dito que as pesquisas prévias são bastante relevantes e é imprescindível que o pesquisador esteja atualizado sobre o que se tem sido investigado na sua área de pesquisa; 2) no momento de propor uma pesquisa, de escrita efetiva do projeto, encaixar essa pesquisa no conhecimento já estabelecido e mostrar que algo ainda precisa ser feito.

Apesar das aproximações nessas falas, ao olharmos para as estratégias retóricas presentes nos projetos analisados, é possível perceber que, na Linguística, o que foi dito pelos pesquisadores não reverbera diretamente na prática de escrita do projeto de pesquisa, uma vez que as fontes bibliográficas mais utilizadas são referências de cunho teórico, havendo poucas referências, no total, de pesquisas prévias (artigos, teses, dissertações). Isso se reflete na realização do passo ‘relatando pesquisa prévia’, o qual se atém a aspectos mais gerais e sem citações das investigações anteriores. Na Química, porém, há uma sintonia entre a fala dos pesquisadores e o que se encontra textualizado, uma vez que os escritores utilizaram bastante referências de pesquisas prévias e as utilizaram para realizar o passo ‘relatando pesquisa prévia’ através de longos relatos e através da apresentação de características metodológicas e dos resultados dessas pesquisas.

Ainda observando a sintonia ou não entre as falas dos pesquisadores e o que foi encontrado na análise textual dos projetos, foi possível perceber a valorização dos problemas

do mundo real, pois esse passo teve alta recorrência nas duas áreas e foi enfatizado como importante pelos pesquisadores como um fator que permite ao pesquisador evidenciar a motivação e a relevância da pesquisa proposta. Nesse caso, nas duas áreas, há uma reverberação do que foi dito com o que foi textualizado e utilizado como estratégia retórica nos projetos.

Portanto, na vida acadêmica e científica desses pesquisadores, as pesquisas prévias, as lacunas de pesquisas e os problemas do mundo real são bastante relevantes, valorizados e recorrentes, porém, a diferença se encontra na textualização dessa prática no momento de escrita do projeto de pesquisa. Dito de outra forma, as atividades de fazer levantamento bibliográfico e de perceber o que ainda precisa ser feito fazem parte da prática de pesquisa científica. No entanto, quando se pensa em estratégias retóricas para materializar essas atividades na escrita do projeto de pesquisa, os escritores de cada área tendem a utilizá-las de maneiras distintas e que são mais importantes para cumprir o propósito do gênero, podendo aproximar-se ou distanciar-se da fala dos próprios pesquisadores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa não têm como finalidade apresentar um ponto final sobre as estratégias retóricas utilizadas nos projetos de pesquisa de Linguística e de Química, tampouco reduzir essas áreas do conhecimento às descobertas que foram feitas. O que se pretendeu com este trabalho foi analisar, a partir de uma abordagem predominantemente qualitativa e interpretativa, como pesquisadores experientes das áreas de Linguística e Química realizam as estratégias retóricas ‘relatando pesquisa prévia’, ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas no mundo real’ em seus projetos de pesquisa, escritos em diversas situações retóricas, pois, assim, poderíamos compreender algumas tendências que perpassam a proposição de uma pesquisa em cada uma das áreas.

Com base na noção de comunidade discursiva (SWALES, 1990, 2016) e na noção de Situacionalidade do gênero (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995), foi constatado que, de fato, as duas áreas do conhecimento aqui analisadas apresentam diferenças nas estratégias retóricas mais valorizadas na escrita do projeto e, também, no tratamento e realização dos passos retóricos. Os pesquisadores de Linguística utilizam com menos recorrência os passos ‘relatando pesquisa prévia’ e ‘indicando lacuna de pesquisa’ em comparação com os pesquisadores de Química, os quais detalham diversos aspectos das pesquisas prévias, como também apresentam a seu leitor as lacunas desse conhecimento já produzido. Contudo, ambas as áreas utilizam recorrentemente a estratégia ‘indicando problemas do mundo real’, salientando a importância de se desenvolver pesquisas que estão preocupadas em resolver problemas da vida social.

Desse modo, identificamos que a motivação para proposição de um projeto de pesquisa na Linguística está ancorada em problemas do mundo real, muito mais que em problemas teórico-metodológicos da própria área. Isso pode ser percebido também pela própria recorrência de referências de cunho teórico nos projetos, muito mais que referências a pesquisas prévias, com metodologia e resultados. Tal descoberta se distancia do que colocaram Motta-Roth e Hedges (2010), uma vez que a relevância do problema de pesquisa e do próprio projeto é estabelecida por sua relação com a resolução de problemas do mundo real e não, necessariamente, com a superação de limitações teórico-metodológicas.

Na Química, a proposição dos projetos e sua motivação está também intimamente conectada aos problemas do mundo real. Porém, há, na escrita dos pesquisadores dessa área, o uso de referências a pesquisas prévias próprias e de outros pesquisadores e seus relatos para sustentar a relevância da pesquisa, isto é, mostrando aquilo que já se sabe em termos de

metodologias e resultados das investigações anteriores. Assim, a proposição do projeto de pesquisa tende a ser sustentada em uma relevância teórico-metodológica e uma relevância voltada para o mundo real.

Mesmo com as diferenças encontradas nas análises textuais, a fala dos pesquisadores das duas áreas valorizam o levantamento bibliográfico sobre o que já foi pesquisado acerca do tema e do objeto de estudo, assim como valorizam a escolha de questões de pesquisa, temas e objetos de estudo que tenham sido pouco investigados e que apresentem um conhecimento inacabado ou insuficiente. O que há de distinto é a reverberação do que foi dito na escrita do projeto de pesquisa, já que, na Linguística, os passos retóricos relacionados a esses aspectos são pouco utilizados em relação ao que foi encontrado na área de Química.

Feitas as devidas retomadas aos principais resultados de nossas análises, é preciso também fazer ressalvas quanto às limitações da investigação aqui empreendida. O primeiro problema com o qual nos deparamos ao escolher o projeto de pesquisa como objeto de análise foi o acesso a ele, haja vista o projeto não ser um gênero público e a obtenção de exemplares desse gênero decorrer da permissão e da disponibilização feita pelos próprios escritores ou de pessoas que tiveram e têm acesso a eles. Devido a isso é que, nas duas áreas sob análises, a proporção de projetos é desigual, havendo, na Linguística, mais projetos de Iniciação Científica e, na Química, mais projetos de Bolsa de Produtividade.

Essa dificuldade foi contornada por nosso objetivo, que visou analisar as realizações dos passos retóricos ‘relatando pesquisa prévia’, ‘indicando lacuna de pesquisa’ e ‘indicando problemas do mundo real’, em projetos de pesquisa escritos por pesquisadores experientes, e analisar como essas estratégias se relacionavam com a pergunta de pesquisa e a proposição do projeto, uma vez que os projetos até então analisados foram escritos por pesquisadores iniciantes. Ou seja, o objetivo foi obter informações sobre os recursos utilizados em cada uma das áreas para a realização desses passos retóricos, muito mais que um olhar quantitativo. Porém, em consequência dessa limitação, existe ainda uma lacuna de pesquisa a ser preenchida que envolve o aprofundamento da investigação do gênero projeto de pesquisa escrito por pesquisadores experientes em situações retóricas específicas, sejam elas de iniciação científica, de bolsa de produtividade ou de agência de fomento.

O outro problema com o qual nos deparamos foi a representatividade de todas as subáreas possíveis da Linguística e da Química. Essa dificuldade decorre também do limite de acesso aos projetos de pesquisa. Por um lado, porém, tal limitação pode ser vista em outros trabalhos que analisam o gênero projeto de pesquisa a partir da perspectiva de que a área é a comunidade discursiva e não as subáreas (JUCÁ, 2006; SILVA, 2015; RIO LIMA, 2015;

MONTEIRO, 2016; ALVES FILHO, 2018). Por outro, mesmo havendo a falta de projetos de pesquisa de cada uma das subáreas de Linguística e de Química, quanto mais pesquisas forem feitas a respeito do gênero projeto de pesquisa, mas se poderá relacionar os resultados das pesquisas prévias para formar uma compreensão global dos valores, das crenças e das ideologias das áreas do conhecimento quando da proposição de uma pesquisa por meio desse gênero.

Nesse caso, ao associar os resultados encontrados em nossas análises textuais com o que foi descoberto em pesquisas prévias (JUCÁ, 2006; RIO LIMA, 2015; ALVES FILHO, 2018), podemos concluir que, na área de Linguística, os pesquisadores iniciantes e os pesquisadores experientes tendem a não utilizar, com tanta recorrência, as estratégias retóricas que se apropriam de pesquisas prévias para fazer relatos ou indicar lacunas. Dessa forma, no momento de propor uma nova pesquisa, os pesquisadores da área valorizam outros passos retóricos para convencer seu leitor da relevância da pergunta de pesquisa e do tema. Em nossa pesquisa, foi constatada a importância que os problemas do mundo real têm quando da escrita de um projeto de pesquisa. Quanto à área de Química, não encontramos pesquisas prévias que investigassem o gênero projeto de pesquisa, portanto, é uma área que cabe mais pesquisas.

A partir das considerações feitas, compreendemos que muito ainda pode ser investigado sobre o gênero projeto de pesquisa nas diversas áreas do conhecimento e, também, nas diversas situações retóricas em que é utilizado.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, F. *Gêneros Jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Como mestrandos agem retoricamente quando precisam justificar suas pesquisas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 18, n. 1, p. 131-158, 2018.

_____; OLIVEIRA, M. S.. A organização retórica das seções de justificativa de pré-projetos de pesquisa. *Revista do Gel*, v. 14, n. 1, p. 36-58, 2017.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito Gomes. et al (Org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe, 2009. p. 221-247.

BARROS, José d'Assunção. *Projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

BAWARSHI, A; REIFF, M. *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino*. São Paulo: Parábola, 2013.

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais: tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BERKENKOTTER, C.; HUCKIN, T. N. *Genre knowledge in disciplinary communication: cognition, culture, power*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., Publishers, 1995. p. 1-44.

BEZERRA, Benedito Gomes. A organização retórica de resenhas acadêmicas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, n. 1, p. 37-68, jul./dez. 2002.

_____. *Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 85-109.

BITZER, Lloyd F. The rhetorical situation. *Philosophy and Rhetoric*, v. 1, p. 1-14, 1968.

BOOTE, David N.; BEILE, Penny. *Scholars Before Researchers: on the centrality of the dissertation literature review in research preparation*. *Educational Researcher*, v. 34, n. 6, p. 3-15, ago/set de 2005.

CONNOR, U.; MAURANEN, A. Linguistic analysis of grant proposals: european union research grant. *English for specific purpose*, v. 18, n. 1, p.47-62, 1999.

DEVITT, A. *Writing genres*. Carbondale: Southern Illinois university Press, 2004.

DIAS, A. P.; SANTOS, M. D.; MENEZES, R. L. C. A construção do TCC e sua relação com a formação integral do aluno-pesquisador. In: PEREIRA, R. C. M. (org.) *Entre conversas e prática de TCC*. João Pessoa: Ideia, 2016. p. 75-89.

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 108-129.

HENDGES, G. R. Novos contextos, novos gêneros: a revisão da literatura em artigos acadêmicos eletrônicos. 2001. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2001.

JUCÁ, D. A organização retórico-argumentativa da seção de justificativa do gênero textual projeto de dissertação. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal do Ceará, 2006.

LIM, Jason Miin-Hwa. How do writers establish research niches? A genre-based investigation into management researchers' rhetorical steps and linguistic mechanisms. *Journal of English for Academic Purposes*, v. 11, p. 229–245, 2012.

MILLER, C. R. Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia. São Paulo: Parábola editorial, 2012. p. 21-41.

MONTEIRO, B. N. Organização retórica e estruturação sequencial da seção de metodologia do gênero projeto de pesquisa. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

MOTTA-ROTH, D.; LOVATO, C. S. Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência: um estudo comparativo entre português e inglês. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 233-271, maio/ago. 2009

MOTTA-ROTH, D; HENDGES, G. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, F. V. A. Organização retórica da seção de considerações finais do gênero monografia em comunidades disciplinares distintas. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

PRODONOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIO LIMA, C. A. Movimentos retóricos na seção de fundamentação teórica de projetos de pesquisa na subárea de Linguística. Teresina: Pibic, 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0BxjXIoeO-2PZVmhYYXM4Vy16NVNkQ1FUc1JaLW9WVno0cXpZ/view?usp=sharing>>.

_____. Movimentos retóricos da seção de fundamentação teórica de projetos pesquisa da área de História. Teresina: Pibic, 2016. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B-roQVeogMnGSUJLNTdQcEhuQzQ/view?usp=sharing>>.

SILVA, C. R. B. Movimentos retóricos da seção de justificativa de pré-projetos de pesquisa da subárea de Linguística. Teresina: Pibic, 2015a. Disponível em:

<<https://drive.google.com/open?id=0BxjXIoeO-2PZcGljWGg5ZG0yc0dsREtEX2RUYUZlcWZVWTFn>>.

_____. Movimentos retóricos da seção de justificativa de projetos de pesquisa da área de história. Revista Ininga, Teresina-PI, v. 2, n. 1, p. 33-53, jan./jun. 2015b.

_____. Movimentos retóricos da seção de justificativa de projetos de pesquisa da área de História. Teresina: Pibic, 2016. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B-roQVeogMnGNU12YlpIb1dyXzg/view?usp=sharing>>.

SWALES, J. Genre Analysis: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. Research Genres: Explorations and Applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. Reflections on the concept of discourse community. Asp, v. 69, mar., 2016, p.7-19.

TARDY, Christine. A genre system view of the Funding of Academic Research. Written Communication, v. 20, n. 1, jan., 2003, p. 7-36.

TSENG, Ming-Yu. The genre of research grant proposals: towards a cognitive-pragmatic analysis. Journal of pragmatics, n. 43, 2011, p. 2254-22.

APÊNDICE

TÓPICOS DE DISCUSSÃO

(Roteiro para entrevista semiestruturada)

- 1) O que vem à mente quando você pensa em projeto de pesquisa?
- 2) O projeto de pesquisa é necessário?
- 3) Como você decide sobre o que pesquisar? Como você chega a sua pergunta de pesquisa? Existem outros caminhos?
- 4) Como você sabe que a pesquisa e a pergunta de pesquisa em si são relevantes para sua área de estudo?
- 5) E como ponto de partida, o que você pensa ser mais relevante para a pesquisa: a indicação de lacunas em pesquisas prévias ou problemas do mundo real/social?
- 6) Após a escrita do projeto, você apresenta para alguém ler e dar sugestões?
- 7) Com relação à escolha das referências a serem utilizadas no projeto, quais critérios são utilizados? Ano, idioma? Tipo? Ou outros?
- 8) Por que há predominância de livros e não artigos/teses nos projetos?
- 9) Qual é o papel das referências teóricas e qual o papel dos artigos?
- 10) Por que há uma tendência de muita discussão teórica? Por que isso é um valor importante na área de Linguística?
- 11) Na sua experiência, existem diferenças ou semelhanças na escrita de um projeto para a iniciação científica, para um projeto de bolsa de produtividade? Quais diferenças seriam essas? Por quê?
- 12) E, no momento de avaliar os projetos, o que se avalia?
- 13) Sugestões para um jovem pesquisador que precisa escrever um projeto bom e que seja aprovado.

ANEXOS

ANEXO 1

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PL_1

E: Boa noite professora... é... essa conversa, eu acho que ela dura, no máximo, uns quarenta minutos, por aí. Como eu preciso transcrever, eu vou mandar as perguntas por áudio, aí a senhora me responde por áudio e, no final da sua resposta, a senhora sinaliza, pode dizer “pronto”, pra que eu faça a pergunta seguinte. Então, se já pudermos começar... a senhora que manda. O tema dessa conversa é sobre sua prática de pesquisa, sobre o projeto de pesquisa em si também e sobre a escrita própria escrita do projeto, né. A gente vai abordar questões nesse sentido. Bom, professora, a pergunta inicial é pra saber o que vem à sua mente quando se fala em projeto de pesquisa. Qual é a primeira coisa que a senhora pensa quando se fala em projeto de pesquisa.

PL_1: Bem... não sei se é óbvio, mas o próprio nome sugere: o projeto de pesquisa. Então, o que vem à mente é que eu preciso ter na cabeça o planejamento daquilo que eu to pretendendo investigar, pesquisar. E, pra esse passo inicial, eu penso... e, de imediato, numa metodologia e numa fundamentação. Quer dizer: “como eu posso levar a termo aquela minha questão que me instiga a buscar resposta?”.

E: É, pensando no projeto, que ele é utilizado em várias situações, né... tanto em seleções de mestrado, como pra bolsa de produtividade, ou pra agências de fomento... é... Esse planejamento é importante pra senhora. E o que mais seria importante pensando nessas várias utilizações do projeto? Ele serviria para o planejamento... somente para esse planejamento do pesquisador ou ele apresentaria outras funções?

PL_1: Ah... Eu pensei no meu projeto de pesquisa... um projeto de pesquisa que eu estivesse construindo. Agora, se eu estou analisando o projeto de pesquisa, se eu estou numa banca de seleção e a minha função ali é analisar, é avaliar o projeto de pesquisa... primeira coisa que eu vou ver é a exequibilidade. É possível de ser executado? Aquilo que se tem como planejado é funcional? Vai dar conta, né? A metodologia está bem descrita? O... A fundamentação teórica... o aporte teórico é suficiente para embasar o desenvolvimento da pesquisa? Então, eu vou ver a correlação entre metodologia/fundamentação e os objetivos traçados. Para o objetivo que foi traçado, essa metodologia atende? Esse referencial teórico vai dar conta

daquilo que é pretendido? Eu olho mais ou menos por aí e vejo também se não há inconsistência teórica, se está bem argumentado, bem construído o texto. Bom, acho que é por aí.

E: Bom, professora, então, com essa sua experiência tanto de escrita quanto de avaliação de projetos de pesquisa, a senhora acha que esse gênero, que o projeto de pesquisa, ele é realmente necessário pra vida acadêmica?

PL_1: O projeto de pesquisa, ele não é só necessário. Na realidade, ele se tornou imprescindível na vida acadêmica. E, na vida acadêmica, pra tudo que cê vai fazer, você precisa de um planejamento. E o projeto, nada mais é que um planejamento daquilo que você vai vir a fazer, a desenvolver. Então, eu penso sim que ele é importante, é norteador, ele te mostra os caminhos a seguir, você etapas de execução daquela pesquisa, te dá um retorno e um controle e, também, faz você pensar antes de executar a ação... para pra pensar na execução da ação. Eu acho legal. Eu acho mesmo importante e me guio muito pelo projeto, quer dizer, não é só o que eu desenvolvo, o que eu avalio, mas tem outros projetos na instituição, né. O projeto pra bolsa de iniciação acadêmica, o PIBIC. A gente faz um projeto e o aluno abraça esse projeto. É... O projeto de extensão, que a gente também conta com o aluno pra fazer, pra desenvolver. Eu acho que é importante, não só pro professor, mas também pro alunado em si, pra essa iniciação acadêmica por via do processo, do desenvolvimento vai familiarizando o aluno com o que é comum na academia, na instituição de ensino.

E: Bom, professora, com relação agora mais especificamente à sua própria prática de pesquisa: como que a senhora decide sobre o que pesquisa? Como que a senhora chega a essa conclusão: “vou desenvolver esta pesquisa”?

PL_1: Normalmente, é uma questão que me inquietou ou lendo o trabalho de um aluno, lendo um livro, ou em decorrência de uma pesquisa que eu tenha feito. Então, alguma coisa que não ficou bem resolvida, aí eu resolvo investir naquilo. É... nem só assim da academia. É, por exemplo: com essa questão que a gente tá vivendo politicamente, eu tenho me incomodado muito com o conceito de verdade. Quer dizer, não tá necessariamente ligada ao que eu faço na academia, mas é uma coisa que tem me instigado bastante e eu tenho lido e eu to, quer dizer... quase que com uma pesquisa paralela. Eu to querendo aprender mais, estudar mais. Evidentemente que pra isso eu não tenho um projeto desenvolvido, mas eu tenho uma

questão, né. Que seria... o que me inquietou? Ah, é... o conceito de verdade mudou depois desse últimos acontecimento político pra nós brasileiros? Ou tem mudado na modernidade? O que é verdade? O eu vem a ser verdade? Então, é só pra dar um exemplo das questões eu inquietam, que não precisam necessariamente ser dentro da academia. E na academia, eu vejo no dia a dia, em conversas com os alunos, observando uma pesquisa, observando em algum livro ou artigo que eu estou lendo... aí eu... “Pim! Opa! Aqui dá uma coisa, assim, que não tá funcionando legal”. Ou participando de banca, lendo trabalho de aluno. A gente fala: “Olha, isso aqui é uma questão que, assim, não tá bem resolvida, que daria um tema legal pra pesquisa.” E também pesquiso muito em função do grupo a que eu pertença, né. Então, eu to no grupo que estuda linguística de texto, então as questões também são muito direcionadas pra esse grupo de pesquisa, o que tá se fazendo ali... a gente investe por aí, mais ou menos.

E: É... acho que complementando um pouco a pergunta anterior, né.. porque... como que a senhora sabe que a sua pergunta de pesquisa, ela vai ser relevante pra sua área de pesquisa? Né.. porque os modos como a gente chega a uma determinada pergunta, como a senhora colocou, eles são diversos. Mas como saber que a pesquisa que vai ser desenvolvida no projeto, que está sendo proposta no projeto, ela vai ser relevante pra sua área?

PL_1: Ah... ela vai ser relevante se ela tiver sido uma questão pouco explorada. Ou ser uma questão que apresenta pontos de vista ou vertentes diferentes praquele assunto. Se, de fato, é uma coisa nova, que traz uma abordagem diferente e pode contribuir até pruma mudança, assim, de direcionamento. Então, é aquilo que acena pro novo ou pro mal resolvido. Então, se é uma questão não muito consensual ou bem resolvida na minha área ou ainda que, aparentemente, esteja bem resolvida, ela ainda suscita novas investigações... então, isso é uma questão boa de pesquisa, né. É... tem sido pouco investigada? Né... Uma área nova? Eu acho que é por aí que eu acho... que eu coloco a relevância. Eu também penso, Carolina, se isso que eu vou investigar vai acrescentar ao conhecimento que a gente já tem? De alguma forma traz mais luz sobre aquele objeto? Então, é relevante, né?

E: E, professora, quanto a esse ponto de partida, né... porque a relevância, ela serve, de certa forma, como um ponto de partida. Como que a senhora vê a relação entre esse avanço no conhecimento dentro da própria área, de questões mal resolvidas, com a questão de problemas do mundo social. É... na sua área, o que que é mais relevante? Focar mesmo nessas questões

que não são consensuais ou focar em problemas sociais, problemas do mundo real, que a pesquisa pode ou não é... resolver?

PL_1: É... Eu sempre tenho essa preocupação social, tanto que o exemplo que eu te dei de questões que me inquietam, estão fora da academia, uma questão social, né. Eu trabalho com formação de professores e eu estou sempre voltada para a educação pública, de certa forma. E, dentro da minha área, dentro da academia, eu to voltada mesmo pras questões de ensino, de melhoria do ensino, de capacitação de professores, pensando nessa responsabilidade social. Isso aí é muito claro pra mim. Agora, eu entendo também que nem toda pesquisa pode ter necessariamente ou imediatamente um vínculo social, porque, se fosse assim, a gente ia... pode resvalar, cair naquela questão da tecnologia, daquela coisa do resultado. Que resultado imediato essa pesquisa traz pra mim, né? O que que essa pesquisa vai mudar na vida social dos brasileiros? E, se a gente entrar nessa questão, acho que as pesquisas, na área de humanas, poderiam ficar relegadas em detrimento da área médica, da área tecnológica, que apresentam resultados mais imediatos. Agora, mesmo quando eu faço uma investigação sobre a língua e se eu a concebê-la como um fato social... que a língua é um instrumento de dominação... quando eu desvendo fenômenos dessa língua, indiretamente, eu to trabalhando com esse fato social. Então, o que eu quero dizer é que nem sempre dá pra gente apontar diretamente o social, mas, por outro lado, paradoxalmente, o social vai estar sempre presente. Se você não tiver entendido bem qualquer coisa que eu diga, né, que eu tenha dito, você pede que eu explique de novo. Eu explico de novo, porque eu posso... pode tá muito claro aqui pra minha cabeça, mas como eu to assim nesse bate... nesse ping-pong, você aí e eu aqui... então não tem muito esse contato de eu tá vendo se você tá, de fato, entendendo o que eu to dizendo. E a língua, como a gente sabe, é um espaço de lacunas, de mal-entendidos. Então, tu pergunta que aí eu posso dizer de outra forma que é pra ficar mais claro, né, aquilo que eu estou querendo dizer. Porque você vai pegar o que eu disse e vai dar uma interpretação em cima daquilo que você tá ouvindo, né. Então a minha preocupação agora tá sendo se eu estou sendo clara suficientemente, é... pra facilitar aquilo que você vai interpretar do que eu to dizendo.

E: Eu acho que deu pra entender, professora. É... na questão dessa última pergunta... é... essa relação entre essa... continuar, né, o conhecimento, avançar o conhecimento, e as questões sociais. Acho que ficou claro... A senhora falou, anteriormente, é... sobre a questão da fundamentação teórica que o projeto precisa ter. Com relação a isso, é... como que a senhora faz a escolha das referências que serão utilizadas no projeto?

PL_1: Carol... É muito interessante esse negócio da pesquisa que eu disse pra você que sai, assim... né... numa conversa, de um texto... e, agora, com essa conversa, me surgiu uma questão de pesquisa... é... da entrevista, né... aquilo que se ouve e aquilo que se traduz, porque, eu estou dizendo e você vai ler aquilo que eu disse e leva para sua pesquisa a interpretação daquilo que eu digo. E aí eu me pergunto: até que ponto a pesquisa fica enviesada, quando a gente transfere as informações que ouviu. Não é interessante isso? Quer dizer... fiquei pensando nisso aí que também daria uma questão de pesquisa. Mas vamos voltar ao que você tá me perguntando, tá? Vou voltar e... vou voltar... só dizendo como que surge na nossa cabeça... surgem na nossa cabeça essas questões de pesquisa, né... assim, do nada... A fundamentação teórica é aquilo que tem sobre o assunto. Então, por exemplo, eu não vou pesquisar nada é... sobre o qual eu não venha já investindo, né... normalmente é assim. Então, se eu já tenho algum conhecimento sobre aquilo, é natural que eu saiba do aporte teórico sobre aquilo... quem falou sobre aquilo, né... quem disse... é o famoso estado da arte. Então, se eu vou pesquisar sobre o assunto, eu vou saber... vou procurar saber o que que já foi dito sobre aquilo, o que que ainda não foi dito, o que que precisa... o que que pode ser acrescentado, quem é... quais são as últimas referências naquele... naquele assunto. E... como eu vou pesquisar alguma coisa com a qual eu já estou familiarizada, então, eu tenho, mais ou menos, uma ideia de quem é referência naquele assunto, né. Então, eu to pensando pra mim que já tenho uma certa experiência, mas... por exemplo, to me lembrando quando eu fui fazer o doutorado, que era uma coisa pra mim... então, a gente vai fazendo aquela ciranda, né... pega um texto e vai pras referências bibliográficas e remetendo pra outros e uma leva pra outra, vai perguntando, vai participando de congresso, vai tentando refazer esse percurso da construção daquele conhecimento pra você poder se inserir e acrescentar mais alguma coisa nova, né. Mas a gente vai sempre em busca daquilo que já foi dito sobre aquele assunto, o que que está sendo dito, qual é a última palavra sobre aquilo e o que que você pode acrescentar ou o que que você pode questionar sobre aquilo, né... então a referência é sempre alguém que é referência naquela área de estudo.

E: É... A senhora colocou que... essa questão, né, de saber o que se vem fazendo. A senhora, na sua escrita, é... a senhora dá mais atenção aos artigos que foram publicados? É... olhando ano, a questão do idioma... ou são mais referências teóricas?

PL_1: Eu procuro artigos recentes, de preferência recentes, mas se forem textos de referências aí, de referência não importa o ano, e aí no caso não vem muita questão do idioma não, mas

preferencialmente em inglês ou francês, mas se estiver em outra língua e... for importante, aí eu vou atrás de tradução, né. O importante é a gente tá com uma leitura atualizada sobre aquele assunto já que a gente tá fazendo uma pesquisa.

E: É... continuando então aí... as nossas Internets estão oscilando um pouco. Como eu disse, aqui choveu bastante agora pouco. Bom professora... é, nesses seus anos de experiência, a senhora ainda apresenta o seu projeto pra alguém ler, pra dar sugestão ou a senhora já tem noções do que quer, do que pretende e não faz mais isso.

PL_1: Não. Eu to sempre fazendo projeto. Eu fiz projetos pra pós-doc. É... faço projeto Pibic. Faço projeto pra... de ação extensionista. Faço o projeto pra... aqui... é... Pibia, que é iniciação acadêmica, e, recentemente, eu to envolvida num projeto interinstitucional de um contato que eu tive com o professor, o (___), lá, né, de (___), e com a professora (___), e nós, nessa conversa, é... nessa visita às (___), surgiu, né, um projeto e a gente tá desenvolvendo esse projeto. E a gente, se quiser recurso, se quiser alguma coisa, a gente tá sempre fazendo um projeto. Agora, evidentemente, que às vezes um artigo que eu vou escrever ou uma questão ou uma questão que aí querendo resolver, nem sempre ela vai ter um projeto. Mas a nossa vida... quando eu digo “a nossa”, a do professor, ela é tão atarefada que, normalmente, o que a gente publica ou o que a gente desenvolve é em função daquilo que já estudou e daquilo em que... é em função daquilo que a gente já pesquisou e que tá encaminhado, pelo menos, um grande projeto, porque a gente precisa sempre ter um projeto aberto, é... no departamento né, então alguma questão que eu esteja pesquisando, de certa forma, está vinculada àquele projeto e aquele o projeto tem objetivo, fundamentação teórica, metodologia, cronograma, tudo lá certinho para ser aprovado no departamento, independentemente de vir ou não a ter recurso, mas esse projeto tá lá, no departamento. Então... em síntese, hoje, eu não tenho como... fazer pesquisa sem ter feito... um projeto... algum artigo que eu escreva foi necessariamente resultado de uma pesquisa maior que eu já fiz e essa pesquisa maior tinha um projeto, nem que seja esse do departamento.

E: Professora nessa sua escrita de vários projetos, né... o projeto tá em todos os lugares dessa vida acadêmica, científica dos professores, pesquisadores, é... quais são as diferenças e as semelhanças que a senhora vê nessas escritas dos projetos nos... nas várias situações? Existe alguma diferença que seja mais marcante?

PL_1: Eu penso que não, Carol, porque o projeto, como gênero textual, ele tem aquele arcabouço, aqueles movimentos retóricos que você deve preencher. Dependendo do destinatário, do auditório, você vai, é... desenvolver mais ou menos uma parte desse arcabouço, desse... preencher mais ou menos uma unidade retórica e contemplar ou não algumas coisas que são pedidas, dependendo do auditório. Por exemplo, se eu for encaminhar uma bolsa pedindo recursos, eu vou colocar um orçamento, mas se eu não tiver com a intenção de pedir recursos, essa unidade retorica some, né, esse movimento, essa parte desse projeto. Mas o arcabouço em si, como eu disse pra você: os objetivos, a fundamentação teórica, a metodologia, o cronograma de introdução... de execução, a justificativa, elas estão presentes em todo o projeto de pesquisa, que pode ser com mais páginas, menos pág... mais bem desenvolvido, menos desenvolvido, mas essas unidades retóricas, pelo menos as fundamentais, vão estar preenchidas, vão estar presentes aí, nesse gênero, né.

E: Certo... Bom, professora, a última pergunta é: quais conselhos a senhora daria pra um jovem pesquisador que precisa escrever um projeto. Então, é... o que que a senhora considera fundamental pra que o projeto seja um bom projeto e que ele possa ser aprovado?

21:36

PL_1: Humm... Não gosto muito desse conselho, não. Mas pensando numa conversa, né, assim, numa sugestão... eu diria que o principal é encontrar a questão de investigação, a questão norteadora. O que que você quer buscar? O que que te move? Por que que você quer pesquisar isso? De onde surgiu essa tua ideia? E aí, tendo essa questão, né, é... norteadora, de fato, ela vai construir conhecimento? Ela.. O que que você pensa que desenvolvendo essa questão, você vai mudar?... você vai contribuir com o conhecimento? Então, o ponta pé, pra mim, inicial é ter uma boa questão de pesquisa, quer dizer... ou, então, ter bem clara a questão a ser investigada. Com a questão a ser investigada, você vai perguntar “por que?” e “para quê?”, né, que são esses objetivos que você vai traçar para investigar aquilo que você quer. Em função disso, aí você vai atrás de que... do estado da arte, da fundamentação teórica, de como você vai desenvolver isso, que é a metodologia, né, de... em que tempo esse cronograma de execução... mas, pra mim, o fundamental é a questão de pesquisa, é dela que a gente começa. Pra mim, né.

E: É... com essa sua resposta, professora, me surgiu a pergunta, é... como, então, que essa pergunta de pesquisa deve aparecer no projeto? Porque, como a senhora colocou, ela é o ponto central, você precisa ter uma pergunta de pesquisa pra saber o “por que” e o “para quê”

e assim poder desenvolver o restante da pesquisa. Como que então, essa pergunta apareceria no projeto? Não sei se a pergunta ficou tão... tão clara.

PL_1: Ficou sim. Essa... depende da estrutura do projeto. Em alguns, ela aparece logo com o (?)... tem esse nome mesmo “questão norteadora”. Então, o projeto começa a ser desenvolvido a partir dessa questão. O autor, a pessoa que escreve, vai conduzindo o texto, vai construindo o texto de forma a chegar à questão norteadora ou, às vezes, ela aparece mesmo com o nome de “problema”, em questões de pesquisa, mas ela em algum momento, ela tem que estar lá no seu projeto, em que lugar do projeto, necessariamente, não importa, pode vir no início, pode vir no final, mas ela é o que te move, né. Se não, em suma... “o que que você quer pesquisar?”, “o que que você quer descobrir?”. Essa é a questão. E você tem um projeto, se não tem o que descobrir, não faz sentido. Então, se você tem uma questão de pesquisa, ela que vai virar esse... ela que vai te levar ao projeto, ao caminho pra encontrar a resposta praquela questão que você levantou. E aí, volto a dizer, depende muito da estrutura do projeto, é... da instituição que que tá recebendo aquele projeto, no formato, muitas vezes a instituição até dá o *template*, até dá o formato, o arcabouço de como deve ser desenvolvido o projeto. Mas ela é um movimento retórico imprescindível no projeto de pesquisa, que é a definição da questão norteadora. E todo o professor que orienta aluno, começa por aí, “o que que você quer pesquisar?” A resposta vai ser a questão de pesquisa. Numa conversa com o professor orientador, ele pode, discutindo se aquela questão é relevante ou não, por que é relevante, ou transformar aquele... aquela indagação, aquela inquietação do aluno, numa questão, né.

E: Entendi. Professora, muito obrigada pela sua disponibilidade, né... pela sua participação, eu agradeço muito mesmo.

ANEXO 2

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PL_2

E: Bom, professora, é... essa conversa ela vai durar, mais ou menos, uma hora, porque eu vou mandar o áudio, a senhora vai escutar e vai me responder, eu vou escutar e vou... e assim vai, né. E aí a pesquisa precisa ser por áudio, porque eu vou transcrever depois, certo? Aí, quando a senhora terminar de responder, a senhora pode dizer pronto ou sinalizar de alguma forma que terminou de responder. E aí, assim... o tema dessa conversa é sobre sua prática de pesquisa, sobre o projeto de pesquisa em si e também a sua prática de escrita do projeto. Bom, a pergunta inicial é... o que vem a sua mente quando a senhora pensa no projeto de pesquisa? Qual a primeira coisa que vem à mente?

PL_2: Projeto enquanto estrutura do gênero? Ou motivação?

E: Sim, é... enquanto gênero, né... o projeto de pesquisa em si... o gênero projeto de pesquisa... quando se fala nesse gênero, o que que a senhora pensa inicialmente?

PL_2: Bom, pensar o gênero em si mesmo eu acho até difícil, né... porque, por exemplo, quando eu penso no meu projeto ou quando eu penso na motivação pra elaborar um projeto, é... obviamente, é... antes de pensar a forma, a estrutura, eu penso o questionamento, o que é que instiga, né... então, assim, é um percurso interessante, porque vem o insight de pensar em algo a ser investigado e eu sempre costumo dizer pra os meus orientandos que é a pergunta de pesquisa que desencadeia tudo... é... e aí, o passo seguinte é dar materialidade. Então, eu vejo o projeto como gênero, né... se é que é possível considerar, nesse aspecto, só em sua forma, como a materialidade dessa inquietação maior, né. E, uma vez ele estruturado, é... uma vez que foi possível materializar essas inquietações, formalizar objetivos, metodologia, é... aí vem a ação, que é uma coisa que me encanta, que mexe muito comigo. Então, a pesquisa ela me envolve muito diariamente. Então eu acho que pensar no projeto é pensar numa, é... tanto em seus aspectos estruturais como sociofuncionais. É... ação, motivação e textualização.

E: É, professora... com base nessa ação, motivação, é... qual seria, então, pra senhora, as funções do gênero projeto de pesquisa? Ele é um gênero que é bastante utilizado na academia... então, como que a senhora vê a função do projeto a partir dessa... de ser um gênero que há uma materialização de uma ideia, de uma motivação...

PL_2: Pois é, a função do projeto é exatamente essa... é tornar possível o que é pensado, o que é especulado. É... porque você pode ter ótimas ideias, você pode ter questionamentos bem pertinentes, mas enquanto essa inquietação ela não é textualizada ela não existe, né... acho que era até Lacan que dizia alguma coisa mais ou menos por aí... que a escrita é o que torna possível a existência das coisas. Não sei se ele dizia exatamente assim... mas é uma ideia aproximada... é... então, a função do projeto é essencial no contexto acadêmico, de iniciação científica, é... de quem já é mais experiente, porque, analisando a função, o social do projeto, é... é ele que permite, né... é ele que permite a materialidade, a execução, o encaminhamento de qualquer pesquisa. Então, é fundamental...

E: Certo... É... Então, professora, já... é... nesse contexto de pensar o que se pesquisar. Eu gostaria de saber como que a senhora decide sobre o que se pesquisar. Como que... quais são os caminhos que a senhora segue é... pra pensar na sua pergunta de pesquisa, pra pensar no seu tema? Como que a senhora chega ao que vai pesquisar?

PL_2: É... essa é uma pergunta interessante... assim... não há um caminho muito definido pra chegar ao que eu vou pesquisar, não é... acontece... mas acontece porque é uma coisa que se retroalimenta. A pesquisa gera pesquisa. Então é o próprio contexto de pesquisa que vai demandando essas inquietações, né... e... assim... como eu estou inserida nesse paradigma de pesquisa quali-interpretativista, né... é, a coisa é meio misteriosa. A gente não sabe exatamente por onde vai começar... então, é a inserção na pesquisa que vai gerando e nunca é muito pré-definido. É uma determinada experiência, uma vivência que diz “puxa, tem alguma coisa aí que pode ser analisada”. Por exemplo, nós estamos, nesse momento, trabalhando com relatórios de iniciação científica e, em conversa com outras pessoas, com o próprio grupo, a gente chegou à conclusão de que “olha, pensar em relatório, pensar em avaliação... agente acabou pensando em parecer”... então, olha aí, um nicho de investigação, né, que é interessante e que já vai é... quem sabe, entrar na minha pauta.

E: É... com base no que a senhora falou, então, tem uma questão de tá imerso nesse ambiente de pesquisa, de estar pesquisando e ir surgindo, é... temas, questionamentos, como também, me pareceu ter uma questão do mundo real... é... o que que a senhora vê como mais relevante...? Como que a questão dessa descoberta a partir da própria pesquisa, a partir de pesquisas anteriores e, é... também essa motivação a partir de problemas do mundo real... a

senhora acha que isso conversa dentro da Linguística... dentro da sua área de pesquisa? Isso conversa? Ou um é mais relevante do que o outro?

PL_2: É... eu agora lembrei, com essa sua pergunta... nós temos um livro... inclusive quando eu fui ministrar aí o minicurso, é... vendi alguns exemplares. É o livro “Letramentos e práticas formativas” organizado por mim, a professora Betania Medrada e Carla... mas, por que eu falo do livro? É porque a nossa introdução, ela tematiza exatamente essas questões... você falou aí que essa demanda vem da própria inserção na pesquisa e também do mundo real... a motivação maior para a criação do meu projeto inicial do Ateliê de Textos Acadêmicos, o ATA, foi, é... bem ancorada no mundo real, né... o meu lugar social como professora, pesquisadora e a demanda por... pela... assim... pela divulgação, pela facilitação do acesso à escrita acadêmica... e aí por nós estarmos inseridos na linguística aplicada, esse social ele tende tá muito presente e é exatamente isso que a gente diz lá na introdução, né... que linguística aplicada, ela tem esse caráter de ficar atento, né... de ficar atenta a essas questões. Então, não é o objeto pelo objeto, mas é esse objeto visto num contexto maior, num contexto mais amplo que inclui, necessariamente, o humano, as relações sociais e os impactos que a linguagem e que os estudos da linguagem, é... né... tem nessas relações.

E: interessante, professora. Então, é... como que a senhora, no momento de pensar o projeto de pesquisa, é... porque lá tem que justificar a questão da relevância da pesquisa... é... como é que a senhora sabe, né... a partir.. a senhora falou em demandas... como que a senhora sabe que a pesquisa que está sendo proposta no projeto, ela é relevante? De que forma... Acho que são duas perguntas assim... É... Como que a senhora sabe a sua pesquisa, ela vai ser relevante dentro da sua área, né... é uma pesquisa relevante?... e, de que forma essa relevância se apresenta no projeto, no momento em que a senhora vai textualizar, vai materializar essa relevância?

PL_2: É... existem duas formas de marcar a relevância e a justificativa de uma pesquisa. É... primeiro pela inserção dela no quadro das pesquisas anteriores, né... mostrando, evidenciando o que que já foi feito de investigação nesse determinado... determinado objeto, dentro desse tema e aí mostra a necessidade, né, de ampliar ou de ocupar esse nicho... isso aí é uma justificativa teórica e analítica e também essa justificativa de caráter mais social a partir dessas demandas outras, que não deixa de tá relacionado também, né.. então, assim... você não vai pesquisar algo que todo mundo já pesquisou e que já se sabe o resultado, já se conhece suficientemente sobre essa questão, então a justificativa ela vai por ai, no sentido de

preencher esse nicho, né... salientar o que é que já foi investigado e o que ainda falta e, pensando, nós como linguistas aplicados, é... ver a abrangência social dessa pesquisa, né... agora, em termos de agência de fomento, você tem que procurar conciliar as duas coisas, porque... assim, não adianta querer “ah, minha pesquisa é relevante”... não... a relevância, ela se constrói... é... acho que até um pouco depois do impacto dela, né... então, você tem que convencer, a partir do que tá textualizado no projeto, se vale a pena empreender recurso, né... e incentivo a uma determinada ação.

E: É... com relação, professora, a essa... ao que já foi pesquisado antes... como que a senhora escolhe as referências que serão utilizadas no projeto? É... Quais são os critérios? A senhora pensa no ano? No idioma? Se é livro? Se é artigo? No tipo de referência? Quais são os critérios que a senhora utiliza pra colocar... pra escolher as referências que estarão no projeto?

PL_2: Bom, a escolha, ela é muito guiada, né... teórica e conceitualmente. É... então se a gente tá discutindo sobre (?)... investigando relatório de iniciação científica, vamo pesquisar em base de dados, né... as bases de pesquisa, é... quem já tratou desse tema. Esse é um primeiro ponto. E aí... fazendo esse levantamento, quem já tratou desse tema, em determinada perspectiva teórica, porque essa é uma outra grande... é outro grande direcionamento. Então... como a gente trabalha na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo, esse é um outro, é... uma outra via de acesso, né. Porque você pode até fazer um levantamento de pessoas... de pesquisadores que já trataram de relatório de iniciação científica, mas aí numa perspectiva teórica diferente, então, é... pertinente você pontuar... mas o aprofundamento mesmo de... ler, de fazer... de resenhar... de fazer as paráfrases, de citar... é... vem muito a partir da afinidade, é.. conceitual ou teórica... teórica e conceitual. Vai depender também do objetivo da busca, né. Se for um trabalho de natureza bibliográfica mesmo pra observar de que maneira diferentes perspectivas teóricas trataram do relatório, aí você vai se aprofundar mais em cada uma. Se for um trabalho numa perspectiva diacrônica, então, você também vai dar uma especial atenção à data. Então, tudo... a busca, a escolha, ela nunca é muito livre, ela é sempre guiada pelo objeto de investigação e esse objeto de investigação visto sob um determinado ponto de vista. E aqui entra o teórico e o metodológico.

E: Professora, é... uma descoberta que a gente fez em nossas análises é que há uma predominância, nos projetos que a gente teve acesso da área de Linguística, de tratar muito mais de uma discussão teórica. É... por que que a senhora acha que existe essa tendência

dentro da área de discutir mais teoria, sendo que a senhora falou que é preciso fazer um levantamento pra ver o que já foi estudado sobre, por exemplo, o relatório... mas, por que que a senhor acha que tem essa tendência de discutir mais a teoria, os conceitos do que essa questão do que já foi pesquisado?

PL_2: Pois é... Eu teria de ter mais dados pra responder com mais segurança. É... primeiro, eu acho que pode ter relação com o próprio objeto a ser investigado, né... ou um traço da própria cultura disciplinar, apesar de que, na linguística, na própria linguística, há interferência há interferência de outros campos disciplinares... há interferência de outras... de outros paradigmas de investigação, então... por exemplo, linguística é um mundo, não é... na linguística aplicada tem essa discussão, é... há muita discussão teórica, mas, é... também a gente vê muito uma discussão de retomada, de situar o que já foi feito e tem muita análise voltada as práticas, né... então teria que situar melhor que linguística é essa. Em processamento, por exemplo, o pessoal da linguística mais cognitiva, da psicolinguística, eles já usam um modelo de procedimento semelhante ao das áreas da saúde. Então, tem de ver, né... tem de ver com calma, porque isso é muito variável da própria linguística. Teria que ter uma pesquisa controlando todas as subvariações da área da linguística. A gente tem um pouco, alguns dados... é... mas num aprofundamos não... mas a gente observou nas pesquisas anteriores do ATA sobre o resumo e sobre o *abstract* de artigos de periódicos que falar de linguística é falar de uma grande área, por exemplo... que tem todas as subárea dentro dela. Então, há... artigos... há subáreas que se comportam como é... não sei... como a área da saúde... é, tem outros que se comportam como a área da filosofia...

E: É verdade, professora. Aqui no Cataphora, já algumas pesquisas trataram dessa subdivisão da linguística, que é, de fato, um mundo, e a gente percebe diferença, às vezes mais acentuadas, às vezes mais sutis, entre as áreas. Então, realmente, é... é preciso ter um pouco de cuidado quando se fala de linguística, né, porque é um mundo. Então, assim, falando da sua experiência, na sua área, né... falando desse ponto de vista da linguística aplicada, que a senhora se insere, é... qual seria então, na escrita do projeto de pesquisa o papel das referências teóricas e dos artigos, né?... como que eles se equilibram dentro do projeto? O eu seria mais relevante dentro do que a senhora trabalha, né, da sua área?

PL_2: É... o projeto como o próprio nome diz, ,é... assim, não cabe tanta discussão teórica. É importante referenciar, é... fazer um levantamento do que já foi feito sobre o tema... como eu

já falei pra você antes, porque isso justifica é a inserção da sua pesquisa, justifica a relevância, mostrando as lacunas que a inda existem, é... se é pra fazer algum confronto e tal... então, isso aí é importantíssimo... e apresentar os conceitos centrais... é... o projeto não cabe muita discussão teórica não... é situar essa base teórica central, os conceitos que vão guiar pra ver se essa base tá condizente com a pergunta, se essa base tá condizente com os objetivos, com a metodologia. A discussão é mais adiante... é quando você já tem resultados e tal, né... eu vejo assim.

E: Professora, e na sua experiência de escrita do projeto... acredito que a senhora já deva ter escrito projetos de pesquisa em diversas situações, tanto de iniciação científica, quanto pra agências de fomento ou pra bolsa de produtividade... a senhora percebe alguma diferença na escrita desses projetos? É... nas estratégias que são utilizadas pra escrever em cada momento, em cada situação? Existe alguma diferença? A senhora percebeu alguma diferença ou semelhanças nessa escrita do projeto?

PL_2: É... tem... é bastante diferente, porque o projeto de pesquisa você tem uma investigação, um questionamento a ser desenvolvido, que pode... é... né... alguém pode formular hipóteses, elas podem se confirmar ou não e, o projeto de extensão não tem esse caráter. É... o projeto de extensão, é.. se propõe a desenvolver alguma ação. Obviamente essas ações podem se pautar em algum questionamento, mas com um caráter muito mais prático, não é... é... de execução mesmo. É... e aí é bem diferentes... muda completamente, né... muda a formulação de objetivos, muda várias outras... interfere nas seções...

E: Professora, após a escrita do projeto, a senhora apresenta pra alguém ler e dar sugestões ou não?

PL_2: Não, os projetos não. Às vezes, a gente consegue algum leitor no artigo... é, pede pra... é... alguns membros do grupo, algum colega... mas projeto não.

E: É... esse questionamento surgiu numa conversa que estávamos tendo, justamente porque o projeto não é um gênero que não é divulgado, né... não é publicado... e a gente queria saber... uma curiosidade de saber se ele... se outras pessoas leem... Bom, professora, pra finalizar nossa conversa, eu gostaria de perguntar pra senhora quais seriam as sugestões que a senhora daria pra um jovem pesquisador que precisa escrever um projeto de pesquisa que seja bom,

que seja relevante, pra poder ser aprovado? Quais seriam as suas sugestões pra escrita do projeto pra esse pesquisador iniciante.

PL_2: Bom, eu acho que é... enfatizar a justificativa, mas uma justificativa de caráter teórico e não aquela justificativa que propõe uma relevância a partir do que pode vir a ser executado... isso não interessa, assim, do ponto de vista de uma agência de fomento ou até um processo de seleção num programa de pós-graduação, não é... de dizer assim “ah, essa pesquisa vai contribuir pra proficiência leitora e escrita”... não. Ninguém pode dizer isso num projeto. É... quando a gente tá trabalhando as oficinas, eu sempre alerta pra não dizer essas coisas, pra não misturar objetivo de pesquisa com objetivo pessoal, por exemplo, né... é... então acho que são os dois grandes pontos é... enfatizar uma justificativa fundamentada e aquela coerência, né... que perpassa tudo... do ponto de vista do aparato teórico, metodológico, os objetivos... né. Agora, se bem que dizer isso é muito fácil, a questão vai se complicando quando você elabora. Mas é.. em síntese, seria isso... pensar numa justificativa bem fundamentada, teórica, né, bem fundamentada, e pensar nessa articulação do todo.

E: Professora, quando a senhora fala “teórica”, né... bem fundamentada, teórica... a senhora tá falando de quê? Daquele levantamento das pesquisas ou da teoria mesmo, dos conceitos... da discussão conceitual?

PL_2: Das pesquisas prévias pra mostrar a necessidade... de fato justificar a pesquisa, né... então... o que é que foi feito, o que não foi feito ainda, o que precisa ser feito e, às vezes, quando você tem casos de pesquisa que ainda não foram... elas realmente são vanguardas, aí sim... enfatizar bem isso. Uma orientação... uma orientanda minha, é... quando a gente analisou o manual do usuário do celular, manual de celular, né... e não tinha nada sobre isso. Então, esse é um elemento bem... bem consistente pra justificar, né... e a partir daí, mostrar a necessidade desse estudo com outras interfaces... na questão da usabilidade, na acessibilidade, é... no que isso pode interessar pra empresas e assim por diante...

E: Certo. Muito obrigada, professora, por participar da pesquisa, né, por ceder seu tempo pra gente poder conversar. É... muito obrigada.

ANEXO 3

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PQ_1

E: Bom, eu vou começar...

PQ_1: Começar... comece aí...

E: A senhora falou do projeto de pesquisa, planejamento, né? E aí, como que esse planejamento é necessário para a vida acadêmica, pros alunos, pro projeto de pesquisa?

PQ_1: Como eu tinha falado, o planejamento é importante em todos os aspectos, até mesmo na nossa vida diária, então... porque, quando eu faço o planejamento, eu estou prevendo os passos que deverei seguir, então, isso é muito importante pro desenvolvimento do projeto. Se não no meio do caminho a gente se perde se não tem um planejamento, né. Então... o projeto é como se vai chegar ao resultado final.

E: Uma coisa que surgiu aqui é que o projeto, ele, normalmente, ele é feito em situações de avaliação. Geralmente a gente tem que submeter a uma seleção de mestrado, a uma bolsa de financiamento, de produtividade. Ele, nessas situações, ele teria só essa questão do planejamento? Ele funciona só para o pesquisador? Porque quando você pensa no planejamento, ele vai guiar os passos da sua pesquisa, os seus passos, as etapas. Mas quando ele está nessas situações, ele tem essa mesma função só de planejamento? Como que a senhora vê isso? Não sei se ficou claro...

PQ_1: Mais ou menos... Porque é o seguinte, eu não faço diferença entre o projeto, por exemplo, que o aluno vai participar de uma seleção ou que aqui, no caso da pós-graduação, do mestrado em especial, o aluno só faz o projeto depois da seleção. Só depois da seleção. Já no doutorado, faz na seleção... faz antes da seleção. Aí, na entrevista, a gente questiona sobre os pontos do projeto, mas... é... se eu vou participar, por exemplo, pra bolsa de produtividade, a diferença é que eu faço um projeto mais amplo. Por exemplo, eu faço o projeto de bolsa de produtividade, eu junto tudo que eu faço. É assim que eu faço. Tudo que eu faço, eu coloco naquele projeto. Diferente que... por exemplo, o projeto do aluno seria, por exemplo um subprojeto daquele, né. Mas com todas as partes. A diferença é que ele é mais amplo porque

ele tem vários temas... vários objetos de estudo dentro de um mesmo tema ou com algumas variações.

E: Então, é... Quando a senhora está avaliando, é buscar mesmo saber se o aluno, no caso no doutorado, né, porque no mestrado o aluno já faz junto com o orientador esse planejamento. Na questão do doutorado, na hora de avaliar esses projetos o que que a senhora olha? É justamente esse planejamento ou...?

PQ_1: O ineditismo. O resultado que será obtido. Um exemplo, esse ano eu participei da seleção do doutorado, do mestrado e doutorado, né, da pós-graduação, e, na entrevista, aconteceu um caso de que o aluno apresentou um projeto que já tinha sido feito, né. E a gente detectou ali no momento da entrevista que aquele projeto já tinha sido feito. Que que falta aí? E isso acontece com muitos alunos. É a revisão da literatura. Falta revisão. E isso não é a primeira vez. Teve uma outra vez que uma aluna me procurou pra eu orientar no doutorado (?) e quando ela me trouxe a proposta de projeto que ela tinha apresentado na seleção, que ela tava na época mudando de orientador, e aí, ela me trouxe um projeto, eu disse: “mas esse projeto que você tá propondo é algo muito estudado, né. Que é uma planta... uma plantinha que é usada é... aquela azeitona preta, né. Quase todo mundo sabe que ela tem essa ação antidiabetes. E ela tava querendo investigar isso. Mas ai eu disse: “não, talvez você mudando o projeto... é... só que nesse caso eu não teria... já fugiria da minha área, né”. Que aí eu propus que ela desenvolvesse um produto com aquela planta com aquelas propriedades. Um produto com aquelas propriedades. Mas nesse caso já foge da minha linha de pesquisa... Isso é o que, falta da revisão de literatura. A revisão da literatura é fundamental em um projeto pra você evitar duplicidade de estudo.

E: Que seria o ponto de partida...

PQ_1: O ponto principal de uma pesquisa. Ter um novo conhecimento. Produzir um novo conhecimento.

E: Aí, a senhora falou aí, no caso desse exemplo. No caso dessa aluna, aí passando pro produto, né, já seria uma aplicação... aí voltando essa pergunta, como que funciona essa relação entre essa revisão de literatura com a aplicação na vida real, alguma coisa que tenha utilidade pra sociedade? Como é que a senhora balanceia isso nos seus projetos?

PQ_1: Isso aí é o seguinte, porque, como eu disse, a revisão de literatura com a intenção de saber se aquilo já foi estudado, mas também tem uma outra função é de você também ter ideias. Novas ideias. Novas possibilidades pra você poder aplicar. Então tem essa parte que também é muito importante. Você faz revisão de literatura, aí você viu que alguém fez com um determinado tipo de trabalho, desenvolveu uma metodologia que eu posso muito bem aplicar agora aqui nessa situação. Então, isso é também muito importante a revisão de literatura. Pro conhecimento, pra saber se não existe tudo e o que já existe de estudo, eu não posso também aplicar.

E: Então a pergunta de pesquisa surge mesmo dessa busca por essa revisão, não seria exatamente...?

PQ_1: Mas partindo... é... Primeiro o levantamento que geralmente são biólogos que fazem é... levantamento de plantas ou então daquelas plantas ou daquela minha ideia lá do interior, do conhecimento daquela plantinha ou lá no jardim tem uma plantinha bonita... tem ela aqui de uma cor e a mesma de flor diferente... isso acontece e você fica pensando: “ será que são iguais? Aí você vai e se interessa pela história do dia a dia, pela indicação popular... a indicação mesmo popular de pessoas que usam ou dos levantamentos, aí eu vou... com essa informação é que eu vou fazer o levantamento bibliográfico, se aquilo já foi estudado do ponto de vista químico ou do ponto de vista farmacológico. Às vezes ela só é estudada do ponto de vista químico, aí... por exemplo, eu posso ainda pensar... vamo investigar o ponto de vista farmacológico. Não é muito bom, porque aí, muitas vezes... muitas coisas que eu vou descobrir já tão na literatura, né, o diferencial vai ser a aplicação, né, a aplicação a utilização daquele material que foi obtido. O ideal é que você parta de um objeto de estudo que não existe nada ainda, assim, pelo menos na minha área, que tudo que eu produzir é novo. Então, hoje as revistas, a gente... também é um ponto que a gente faz o projeto é visando a divulgação, porque quem financia a pesquisa, a capes, o cnpq, eles privilegiam muito a produção científica, então, você, pra pensar em escolher algo pra estudar, que você depois possa publicar. Se ele já é conhecido, é difícil você publicar... não vai publicar. Tem que ter um diferencial. Então, também, a gente pensa nessa possibilidade de gerar uma publicação.

E: Aí seria, então, um foco mais na lacuna de pesquisa mesmo, né. Lacuna de pesquisa...

PQ_1: Não existe estudo.

E: É, que não existe estudo, que já fez esse levantamento olhando pra a metodologia, pra os objetos de estudo, né. Na sua área isso é mais importante, mais relevante.

PQ_1: É, relevante. Embora, como eu disse... por exemplo: você que aquilo foi aplicado pra poder salvar uma pessoa, isso é uma aplicação mais nobre, né, do que simplesmente divulgar, mas, quando você divulga, publica, você tá publicando um conhecimento que também vai servir pra outros, assim como eu usei pra poder fazer aquele projeto... desse conhecimento.

E: Então, o artigo, artigos, teses são bem relevantes, então... mais do que a própria teoria... discutir no projeto.

PQ_1: Os livros também, mas, na escala, os artigos são os mais... mais...

E: O livro como é que entra? É publicado? São publicados livros? Como que funciona essa questão na Química?

PQ_1: Olha, não tem... a gente não tem muita, é... hábito de publicar livro aqui na Química. Com o ensino à distância, né, aí surgiram vários livros, né, pela necessidade. Mas livros de conhecimento, mesmo, conhecimento já existente, não são novos conhecimentos. Apenas escrito de forma diferente.

E: Mas seriam os artigos também? Uma compilação, uma organização?

PQ_1: Pode ter ou não... mas não, não é compilação de artigo. Surgiu muito isso aqui na UFPI e principalmente na Química, porque tem o curso de química à distância, né, licenciatura em química à distância, mas no nosso caso, a gente pode fazer levantamentos bibliográficos... esse levantamento que eu fiz pro projeto... ou esse levantamento, eu posso ampliar, ele vai virar o referencial teórico da sua dissertação ou tese. Isso pode gerar um livro ou pode gerar um artigo. Um livro não... um capítulo de livro, porque é geralmente um capítulo de livro. Por exemplo, nós temos um capítulo de livro que foi dessa forma. Nós temos artigo de revisão gerado do levantamento bibliográfico. Mas nós temos um capítulo de livro, que nós publicamos no ano passado que foi o resultado mesmo da nossa pesquisa. Como que isso aconteceu? A gente apresentou num congresso uma parte do trabalho da aluna e eles se interessaram por aquele tema pra compor um livro que eles tavam planejando. E aí

pediu, perguntaram se a gente queria participar e, aí a gente publicou um capítulo de um livro, um e-book, né.

E: Com relação à data desse levantamento e da revisão, tem que olhar pra tudo ou são os mais recentes? Como que funciona? O que que é relevante para colocar no projeto?

PQ_1: O ideal é tudo o que existe, né. Às vezes, você não tem é... assim, pode não ter a disponibilidade de todo o período, né, porque com a internet foi que facilitou, né, o acesso a essa informação. Então, até onde eu posso ir, eu vou. Por exemplo, eu faço uma pesquisa no WebOf Science. Então, tudo que tem lá, viu.

E: E como que traz... Porque o projeto, ele é mais curto, né? Não pode...

PQ_1: Como é que eu vou trazer essa informação?

E: Com é que a senhora traz essa informação toda no projeto?

PQ_1: Como eu disse, que a revisão inicialmente é saber se tem estudo. Então eu faço todo esse trabalho e aí, eu simplesmente, no projeto que é curto, eu resumo lá em três linhas: “não foi encontrado na literatura nenhum relato de estudo” ou então “foi encontrado poucas informações ou só sobre isso, portanto cabe um estudo ainda nesse contexto”. Então, é dessa forma. Agora, aquele levantamento que foi pra dissertação, aquele não... aquele tem que ser detalhado. Aí você vai fazer o estudo de cada artigo... é muito... minha aluna disse: “professora, é o artigo mais difícil de você escrever, é o artigo de revisão” e é mesmo, porque você vai ter que ler vários artigos e com aquela preocupação de transferir a informação correta, porque, às vezes, você lê um artigo e entende errado e aí isso é ruim demais. Eu falo pros alunos... Hoje se combate muito o plágio, né, mas, pra mim, pior do que o plágio é você transcrever algo de forma errada e atribuir à pessoa. Isso aí eu acho que é péssimo.

E: E a senhora disse, né, que traz a informação “não foi encontrado estudos...”, mas assim, a senhora traz algum detalhamento? Alguma informação?

PQ_1: Não num detalha... Sim, aí eu posso dizer que, por exemplo, lá na metodologia, você pode dizer que você vai fazer algo com base no estudo de fulano de tal. Aí você cita a

referência que foi... pode tirar, muito provavelmente, desse levantamento. Então, com base nisso, né... fundamentar, pra fundamentar.

E: Então essas pesquisas prévias elas funcionam nesse sentido de apoiar a metodologia, de aprimorar esse...

PQ_1: Sim...

E: Certo. E a senhora, já pesquisadora experiente, a senhora ainda apresenta o projeto, mostra o projeto pra alguém pra discutir se pode melhorar alguma coisa ou não?

PQ_1: Não. Nunca mostrei. Nunca mostrei. Não que não tivesse vontade de mostrar, a gente tem, né, mas o problema é porque os outros também tem os seus afazeres aí fica muito difícil pra você olhar. Quando é um projeto, por exemplo, pra solicitação de recurso financeiro, por exemplo... vou dá... como você disse “devido a sua experiência”, eu coloco o nome o nome de parceiro, ele num lê, eles acreditam em mim e eu acredito neles. A gente faz isso. Mas, no início, a gente tem mais dificuldade pra escrever... demorava mais tempo pra escrever um projeto e tudo mais. Então, se alguém lesse seria ótimo. Tem pessoas que não, né, não fazem isso, porque elas não gostam de serem corrigidas. Eu não, pelo contrário. Se eu puder fazer um projeto, principalmente se for um projeto pra um órgão de fomento, que você vai solicitar recurso financeiro, então você vai concorrer... então, o melhor que você apresentar melhor será. Melhor será. Mas termina que não há tempo para essa revisão.

E: A senhora não mostra, né, mas pra orientar seus alunos na hora do projeto, quais são as sugestões, os conselhos que a senhora dá pra fazer um projeto que vai ser aprovado, né, que vai ter relevância?

PQ_1: Eu aprendi uma coisa, não se pode complicar as coisas. Um projeto, ele tem que ser simples, ele é um projeto. Então, você tem que fazer a pessoa entender o que você quer estudar. Se você começar a florear demais... eu, pelo menos, eu tava dando um parecer num projeto... aquele ali... quer dizer, eu já tinha dado o parecer, mas eu só tava respondendo o questionário quando você chegou. Então, parte do projeto eu não leio... não leio, porque, às vezes, a pessoa escreve tanta coisa que não é relevante. Então eu aprendi... isso eu aprendi quando eu fiz o doutorado. Cê tem que fazer de forma clara. Os objetivos claríssimos. Eles

tem que tá de acordo com a metodologia, de acordo com o cronograma e com os resultados esperados. Então, isso aí não... Às vezes, a pessoa coloca uma coisa no objetivo, na metodologia tem outra, nos resultados tem outra, no cronograma outra... então, isso é ruim demais. Isso, às vezes, é falta de leitura da pessoa que escreve... Isso eu faço... Então... Isso facilita, porque eu já sei como é meu projeto. Então, quando eu vou fazer um novo projeto, eu já tenho muita coisa ali de conhecimento. Então, a fundamentação, eu uso, dos meus projetos, em muito o que eu já produzi. Que eu tenho que mostrar que eu tenho experiência naquela área, que é fundamental num projeto de financiamento ou de bolsa de produtividade, eu mostrar que tenho experiência naquela área. Então eu mostro o que eu já fiz. Então eu uso o que eu já produzi. E pros meus alunos, essa coisa que eu passo sempre, muito, da revisão bibliográfica, da necessidade da revisão bibliográfica, é fundamental. Então, eles olham também o projeto de outros alunos que já fizeram... Aqui tem um modelinho, esse projeto... é um modelo que é dado...

E: É, no edital, né.

PQ_1: No edital, é. Tem o modelo do projeto. Então, eles seguem o modelo do projeto, então, eles já sabem. Por exemplo, esse semestre, eu acho que... não sei se foi um dos projetos que eu passei pra você... não, acho que não, que foi dessa última seleção. O aluno chegou, aí ele colocou é... e não tinha essa informação clara do que já existia na literatura. “Existe?”. “Ah, existe”. “Então, porque não botou?” Então, tem que botar o que existe. Você tem que demonstrar que há espaço pro estudo que você tá propondo. Então a pessoa faz... eu pego muitos que a pessoa não diz o que já existe... que já existe. “Que que você vai realmente acrescentar?”. Você vai pesquisar sem objetivo? Sem saber se aquilo realmente ainda precisa ser estudado? Não. Então, eu passo isso pro aluno, ele tem que buscar fundamentar essa informação. A metodologia já uma coisa que ele já pega, que é mais ou menos clássico da área e aí, às vezes, a gente... eu discuto com ele: “não, vamo estudar este aspecto”. A outra aluna, ela estuda um tipo de planta, na revisão bibliográfica a gente sabe que a planta tem alcaloide, que é uma classe de substância: “vamo fazer a quantificação de alcaloides nessa planta?”. Não é... eu nunca fiz, mas isso é algo que pode ser feito, então, ó, já foi tirado dali, do que foi feito da revisão e o conhecimento que eu tenho que isso pode ser feito, né.

E: Então tem uma questão da experiência também. O conhecimento que vem do que já tá produzido, né.

PQ_1: Sim, a experiência. Então, o aluno ele chega pra mim E: “o que que eu vou estudar?”. Eu, por exemplo, aqui em baixo tem é coisa... relação de levantamento de plantas, né. Eu vou aqui, aí, vamos lá, ó, aqui... Mas isso é muito de cada área, né. Ó, isso aqui é um exemplo de levantamento. O que foi que eles colocaram? A espécie, a família e a frequência. Que que eu tenho levado em consideração? A frequência.

E: A frequência são os estudos feitos?

PQ_1: Não. A frequência, no levantamento... por exemplo, dessa espécie aqui, só encontraram uma espécie. Eu não vou estudar essa espécie. Eu posso até matar a espécie, né, de repente, né. Não que a gente faça isso, né, que a gente não trabalha... eu não trabalho com raiz, eu procuro trabalhar com folhas pra agredir... o ambiente, né. Também esses aspectos ambientais são também levados em consideração, né. Então eu pego aqui essa daqui. Tem 171 ocorrências, então, é mais fácil de eu conseguir, né, coletar essa aí. Aí, mas aí eu ainda pego a informação com o pesquisador da biologia que fez o levantamento: “e isso aqui é.. ela... esse tipo de planta é, embora tenha várias ocorrências, ela tem em todos os períodos do ano?”, “Não, só no período de chuva.” Então, já... a gente já fica mais restrito, pensando. Quando é uma que tem o ano inteiro, ótimo, que ela... aí a gente vai fazendo essa escolha aqui. Aí eu passo pro aluno, aí o aluno vem aqui, ó... Esse aqui é o levantamento dele. Ele fez, ó... aqui a espécie. Aí ele botou aqui: ocorrência, né, que já tinha daqui. É.. aí botou.. esse aqui eu já não sei mais nem o que que é... ah, estudo químico e farmacologia. Então ele vai dizendo se tem ou não, né. Se tem ou não. E aqui, ele vai dizendo: sem resultados relatados ou um resumo dos resultados. Então, isso ele vai fazendo. Ele faz isso, mas ele, no projeto, ele não bota. Como eu lhe disse, só bota aquela informação... o resumo do que ele tirou dali.

E: Em vez de mostrar...

PQ_1: Detalhar. Que eu acho que em outras áreas, muitos, eles ficam fazendo.. detalhando cada estudo, né... Aí termina ficando um projeto grande... aí a gente não lê não.

E: Tem que ser uma coisa mais resumida, né.

PQ_1: É. Sucinta.

E: Aí, professora, voltando aqui... com relação à... a senhora já participou de avaliação de vários projetos, em várias etapas. Voltando um pouco nessa questão: existe diferença nessa avaliação? Se é pra bolsa de produtividade; se é pro doutorado. O que que a senhora... Existe diferença de expectativa desses projetos? Como que funciona?

PQ_1: Não, existe. Existe. Por exemplo: é, no projeto, por exemplo, de... quando você.. de bolsa de produtividade, por exemplo. Como eu lhe disse, é um projeto maior, mais amplo, então, é... ele tem que ser mais consistente. E, no projeto de bolsa de produtividade, não pode faltar é a formação de recursos humanos, então, ele tem que tá ali como previsão a formação de recursos humanos. Porque é a equipe. Às vezes a pessoa... eu pego mesmo projeto pra avaliar que não vem isso. Eu olho o currículo lattes do professor, tem num sei quantos alunos... no projeto não tem nenhum daqueles alunos, como que ele vai fazer aquele projeto? É estranho. Fica estranho. Então, a gente tem que levar em consideração a importância do tema a ser estudado e o que vai ser produzido e a formação de recursos humanos. Aí, por exemplo, num projeto de mestrado, por exemplo, é a formação de recurso humano. Não tá como a previsão de formação de recurso humano. Ele vai desenvolver o projeto, mas não nesse aspecto. O outro, não, você tem... naquele projeto vai constar a formação de recurso humano.

E: Então existem diferenças, né, na hora de avaliar.

PQ_1: Diferença... de avaliar.

E: Bom, eu acho que é isso. Acho que é isso. Eu cobri, acho que tudo já com relação... muito obrigada professora.

PQ_1: Por nada.

OBS.: A gravação encerrou, mas a conversa continuou e eu recomecei a gravar. Trecho que segue abaixo.

E: (Eu estava comentando como meu orientador tinha chegado ao projeto de pesquisa como objeto de estudo e comentando sobre o objetivo de facilitar a escrita do projeto para pesquisadores iniciantes. A PQ_1 comenta o que segue.)

PQ_1: ... determinada pessoa. Aí tem pessoa que vê de um jeito, tem outro que vê de outro. Então, por exemplo: meu projeto que eu aprovei esse ano do universal, eu tirei 10... quase dez... 9,9 no projeto. Foi 9,9. Aí, alguém foi e falou: “9,9?”. Eu disse assim: “ meu projeto não tem nada de especial não”. É, simplesmente quem lê sabe o que que eu vou fazer, não tem dificuldade não. E isso, quando é... quando ele tá claro, qualquer pessoa de qualquer área tem facilidade de avaliar. Mas, se ele não for bem feito, eu vou saber avaliar melhor o que é da minha área. De outra área, eu vou ter dificuldade de avaliar se ele não fizer direito o projeto. Então, essas partes do projeto, da importância... a justificativa! Justificar porque aquele projeto é importante. É vender seu peixe.

E: Essa justificativa... Eu vou até voltar a gravar, porque eu achei interessante isso que a senhora trouxe. Essa justificativa do projeto...

PQ_1: Fica naquela introduçãozinha.

E: Sim, é... “caracterização do problema e justificativa”, “introdução”... Então, a senhora trouxe aí uma coisa nova que é a contribuição. O que que pesa mais: essa contribuição ou mostrar que não tem estudo? Ou tem que tá tudo...?

PQ_1: Tudo, tudo... acho que tá ali a falta de estudo, a contribuição que você vai dar ali. É, isso aí é muito importante que é pra pessoa... você valorizar o que você vai fazer. Se você não mostrar isso, às vezes quem tá lendo não sabe. Não sabe onde que você vai querer chegar, que resultado importante você vai obter. Então, os resultados esperados é uma coisa importante pra você colocar num projeto, né. E outra coisa, no projeto, é você mostrar que você tem condições de desenvolver aquele projeto, a infraestrutura disponível. Aí vem a equipe e inclui, no nosso caso, a infraestrutura de materiais. Então, pessoal, material... então, isso aí é importante. A única coisa que eu tenho raiva de negócio de projeto que geralmente os projetos FINEPI, eles exigem um negócio duns impacto. O impacto. Eu acho isso ruim.

E: O impacto ambiental? Ou...

PQ_1: O impacto ambiental nem tanto, mas tem um... é... tem vários. Tem impactos social... impacto... Às vezes a pesquisa não tem esse impacto.

E: Que é aquela questão do produto, né, de fazer um produto.

PQ_1: Do produto... E, às vezes, a pesquisa é básica e você não tem esses impactos. É tanto que nem todo projeto tem. Por exemplo, o do CNPq, eles não exigem essa parte.

E: É. Os que eu li, realmente não tem essa...

PQ_1: Não tem impacto. Aí esse aí eu acho chato pra fazer, porque... o impacto científico a gente já coloca mesmo, né, já coloca até isso.

E: Que já entra até na justificativa, né?

PQ_1: É, exatamente, da justificativa. E aí... então é isso, quando eu vou... Sim, aí eu digo: “não tem novidade, é deixar o que você vai fazer, aquele planejamento claro... que você vai fazer, porque aí facilita pra quem vai analisar. Então o projeto bem feito, em pouco tempo você dá o seu parecer.

E: Eu achei até interessante, porque, eu não sou da área de química, mas, alguns eu achei até fácil, assim, de entender. Mas tem outras coisas que... tem uns termos específicos que aí você... Eu até vou perguntar pra senhora: Quando tem no projeto, por exemplo, “substância tal foi isolada”, isso é um procedimento metodológico ou é um resultado que está sendo apresentado? Não, né?

PQ_1: É um caminho... Não, a substância isolada é um resultado, mas é só uma parte do resultado, porque o resultado total é a substância isolada e identificada. Então, o isolamento parte de todo um processo de separação. O isolamento é a separação. Ela tá numa mistura complexa e aí você separa aquela mistura complexa e aí, dali, você analisa aquela... e chega na estrutura, na forma química.

E: Ah, então não é o resultado final, mas é uma parte da metodologia?

PQ_1: Parte da metodologia, a substância isolada. Então é: isolar, identificar, constituinte químico da espécie fulana de tal, aí testa a atividade biológica que é outro resultado, né.

E: Pois é. Eu tava lendo, aí “isolar”... “substância tal foi isolada”... aí eu: “mas será que é o final?” Aí eu fiquei: “ou será que ainda vai fazer coisa com essa substância?”. Eu fiquei meio na dúvida.

PQ_1: Vai identificar. Identificar. Apesar de que, por exemplo, a substância... porque sempre fala a substância isolada e identificada, porque, às vezes, você só isolou... só chegou numa parte do resultado, não terminou. Não é o resultado final... com isso aí, você não publica. Aí você tem que isolar e identificar

E: Pois é, eu tava na dúvida. Assim, eu lendo... e isso é recorrente mesmo.

PQ_1: É.

ANEXO 4

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PQ_2

E: Bom, professor, a primeira pergunta é mais geral, assim. E é: o que o senhor pensa sobre o projeto de pesquisa, o que é que vem à mente quando o senhor pensa no projeto de pesquisa?

PQ_2: Com relação a nossa pesquisa desenvolvida, a gente, no início, tentou fazer um trabalho multidisciplinar, onde envolvia pesquisadores da área de química e também da área de farmacologia. A ideia era desenvolver um novo produto híbrido, contendo nanopartículas metálicas de prata e de ouro revestidas por ácido tânico, com vistas na aplicação para o tratamento de doenças negligenciadas. Essas doenças negligenciadas são aquelas causadas por agentes infecciosos ou parasitas e são consideradas endêmicas em populações de baixa renda, ou seja, teria um grande apelo aqui na região Nordeste, em especial do Piauí.

E: Professor, com relação a esse tema que o senhor falou, como que o senhor decide o que pesquisar? Como que o senhor chegou a esse tema para poder propor o projeto?

PQ_2: Nesse trabalho, a gente primeiro entende... é... consegue conhecer as propriedades químicas e biológicas desses materiais, que são o que a gente chama de materiais de partida. Então, a gente sabia que esses materiais isolados tinham essa propriedade, né, de ser utilizada como... é.. para o tratamento de doenças negligenciadas. Nesse caso, que a gente utilizou a **leishmania**. E a gente imaginava que quando unisse esses dois materiais para formar uma estrutura mais complexa, ele fosse ter uma atividade mais pronunciada e, de fato, foi isso que aconteceu.

E: Então, o senhor já havia pesquisado anteriormente sobre isso e tinha um conhecimento prévio ou senhor foi buscar em outras fontes, em outras publicações para saber que essa substância... ela, talvez, fosse funcionar, pra propor essas hipóteses e para levantar essa pergunta de pesquisa? A pergunta é nesse sentido de saber como que o senhor chegou a esse conhecimento pra propor o projeto, né. O que que as publicações, as pesquisas anteriores, tiveram aí como papel?

PQ_2: É.. bem. A gente, quando vai fazer um trabalho dessa magnitude, a gente tem o cuidado de conhecer o estado da arte. Um estado da arte... a gente vai tentar entender quais foram os materiais que vem sendo aplicados para diversas áreas e quais deles são mais promissores ou não, certo. Então, a gente já conhecia, por exemplo, que o ácido tânico... o ácido tânico é um polifenol de origem constituinte de plantas medicinais. Então, é um constituinte muito rico da região Meio Norte. Então, a gente já sabia que se utilizava eles para esse tipo de tratamento. Muito embora, ele pudesse ser melhorado ainda as propriedades. E, por outro lado, também, a gente sabia do potencial das nanopartículas metálicas, observando também os artigos, né... diversos artigos de editoras. Então, sempre existia essa colocação do potencial efeito dele isoladamente, mas não se tinha conhecimento da potencialidade desses dois materiais quando eles são unidos em um só material, que a gente chama de material híbrido. O material híbrido é um material constituído de material orgânico que no caso é o polifenol e material inorgânico que no caso são as nanopartículas metálicas .

E: Então o senhor diria que, pra escrita do projeto, pensando na escrita do seu projeto de pesquisa, seja ele para Pibic, que seja ele para bolsa de produtividade, o que que é mais relevante? Seria abordar, na hora de propor a nova pesquisa, abordar as pesquisas anteriores,

essas pesquisas prévias ou um tratamento mais teórico. Por que... Como que se equilibra no projeto... na sua experiência quando está escrevendo o projeto... Como que equilibra essa questão das pesquisas prévias com as referências teóricas, qual a que é mais relevante dentro da sua área?

PQ_2: Na nossa área, é uma área puramente experimental, então não adianta a gente criar teorias e quando chegar na parte do desenvolvimento do método científico, que é a parte de experimentação, a gente não conseguir.. é... conseguir bons resultados. Então tudo passa por um criterioso estudo da literatura, investigando bem os sistemas, sabendo quais são os problemas que já foram apontados pela literatura, quais foram os ganhos em alguns tipos de materiais e, também, conhecendo, como já havia falado, as propriedades químicas e biológicas desses materiais para em seguida fazer os testes prévios. Nestes testes que a gente faz com uma equipe lá do departamento de farmacologia. Eles, antes de fazer os testes *in vivo*, eles fazem testes *in vitro*. Existe um protocolo a ser seguido e esse protocolo, quando ele tem êxito, é... nos dá uma garantia que esse material terá uma aplicação bastante... com bastante sucesso *in vivo*. Então, logicamente, o mais importante, na nossa visão, é a parte experimental.

E: Acho que por não ser da área, eu tô com um pouco de dificuldade de compreender essa parte experimental. Ela é feita antes da proposição do projeto ou é já quando o projeto está em vigor?

PQ_2: Não, o projeto ele é escrito, certo. Se coloca lá toda a fundamentação teórica, se coloca os tipos de síntese que vão ser feitas, tipo de isolamento que vão ser feitos, os tipos de caracterizações que vão ser realizadas para, em seguida... depois efetuar, de fato, o estudo experimental. Então, veja bem. A gente produz as nanopartículas metálicas isoladas, certo. Depois disso, a gente caracteriza estas nanopartículas. Estuda a interação das nanopartículas com ácido tânico para comprovar que eles formam um único material. Depois, quando acabar todo esse estudo químico, a gente vai, de fato, pra fazer o estudo experimental lá na farmacologia, certo. Então, são, mais ou menos aí, podemos descrever em três etapas: primeiro a parte de... toda a parte teórica, né, de levantamento, escrita do projeto; em segundo, a parte mesmo de experimentação, a parte de caracterização de todo esses materiais, tanto os materiais de partida com os materiais mais complexos, certo, pra, na parte final, que seria o estudo de atividade para o tratamento no combate à **leishmania**.

E: Bom, professor, é... focando, então, nessa parte mais de escrita do projeto, né, que é uma primeira parte de levantamento bibliográfico... de, realmente, pensar na pesquisa. Como que o senhor sabe que a sua pesquisa, que a sua pergunta de pesquisa, ela vai ser relevante pra área? Porque, no projeto, é preciso justificar a relevância da pesquisa. Então, como que o senhor chega a essa determinação de que essa pesquisa é relevante e eu vou realizar e vou propô-la? Como que o senhor sabe que essa pesquisa é relevante para a sua área?

PQ_2: Bem... a gente... essa avaliação, a gente pode compreender nos impactos, né. Pode ser no impacto social, porque as plantas medicinais que são oriundas da região Meio Norte pode beneficiar comunidades carentes. Você tem também o impacto econômico... socioeconômico, melhor dizendo, porque a gente pode colocar para a sociedade um novo produto, que pode ter uma eficácia muito melhor do que os que estão agora no mercado e isso, no nosso caso específico, para o tratamento da leishmania. Então, esses são os impactos que a gente pode mensurar e acreditar que esse material vai ter.. vai ter sucesso e vai ter um grande apelo nacional. Existe também um outro impacto que eu não falei: o impacto ambiental. As

nanopartículas metálicas, elas são, normalmente, produzidas através de redutores químicos que estão bastante... que são bastantes tóxicos. E quando se utiliza o ácido tânico... o ácido tânico um material biocompatível, como já falei de origem... de origem de plantas medicinais e que não é tóxico. Então, a gente acredita que mudando a rota sintética, produzindo materiais que não são convencionais, a gente consiga também agregar um novo valor.

E: Então, professor, essa questão dos impactos, seria um dos pontos de partida, assim, mais relevantes do que exatamente superar algum problema metodológico, algo dentro da própria ciência, né. Na sua área, essa questão dos problemas da sociedade, os problemas reais, eles são mais relevantes do que essa questão mais teórica, mais dentro da própria área?

PQ_2: Evidentemente que, quando se desenvolve um novo material, e que esse material existe um apelo regional que pode contribuir para, digamos assim, o menor sofrimento de comunidades carentes, que são bastante sofridas, certamente esse impacto vai ser muito maior do que o próprio impacto de uma publicação de um artigo ou o próprio desenvolvimento de um trabalho teórico.

E: Continuando ainda nessa questão da escrita do projeto, que é o foco da minha pesquisa, né... entender algumas estratégias de escrita. O senhor, na sua experiência, já percebeu diferenças entre os projetos de iniciação científica ou projetos de bolsa de produtividade? Porque o projeto é utilizado no mestrado... na seleção do mestrado, na seleção do doutorado, pra bolsa de produtividade, pra o Pibic... Na sua experiência, o senhor vê diferença nessas escritas, nesses projetos?

PQ_2: Sim, de fato, existe uma diferença bem acentuada, pelo menos a minha área. Esses projetos de cunho a nível de graduação, eles são, digamos assim, mais rasos, digamos assim. Os conteúdos abordados por eles são mais simplistas. Quando você vai prum projeto, como... que a gente chama de projeto guarda-chuva, um projeto mais amplo, um projeto que vai submeter para órgãos de fomento como o CNPQ, bolsa de produtividade ou Capes, esses projetos precisam ser muito mais bem discutidos, analisados, descritos. Tem que ter uma fonte fundamentação teórica, uma revisão muito forte da literatura para poder... é... e também prever impactos, como já tinha falado, metas, todos esses elementos que fazem parte de uma escrita de um projeto.

E: Bom professor, a penúltima pergunta seria com relação a conselhos que o senhor daria para um jovem pesquisador. Se um orientando seu, ele vai lá perguntar: “professor preciso escrever um projeto de pesquisa”, é... o que que você acha que é fundamental pra escrita do projeto de pesquisa, para que ele seja um bom projeto de pesquisa e que ele possa ser aprovado?

PQ_2: A primeira coisa pra se fazer um bom projeto de pesquisa é conhecer muito bem a literatura. Então, eu sempre menciono pros meus alunos que eles precisam sempre estar com o estado da arte atualizado, ou seja, tem que saber tudo que tá acontecendo no mundo e hoje é muito mais fácil fazer esse levantamento, porque existem muitas... é... a literatura é rica, tem livros, tem artigos que podem ser consultados pela internet. Então, tudo isso é muito fácil e dá pra se fazer uma boa avaliação do tema antes de fazer a escrita do projeto.

E: Por fim, professor, é... Após essa conversa, assim... Qual é a função do projeto de pesquisa? O que que o senhor acredita... pra que sirva o projeto de pesquisa? E qual é a função dele nesse meio acadêmico?

PQ_2: O projeto de pesquisa, ele tem é uma relevância bastante grande, porque ele pode, além de ser um meio de divulgação de novos materiais, novas metodologias, novos produtos, serviços, ele também serve para melhor formação do aluno, certo. Um aluno, depois que ele se depara com um projeto de pesquisa e consegue aplicar o método científico, a gente acredita que ele tem uma formação mais qualificada para ser entregue ao mercado.